

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Sergio Roberto de Brito Martini

**MEMÓRIAS DOS ATLETAS OLÍMPICOS DOS CLUBES SUL-RIO-GRANDENSES
(1960-1972)**

Porto Alegre
2013

SERGIO ROBERTO DE BRITO MARTINI

**MEMÓRIAS DOS ATLETAS OLÍMPICOS DOS CLUBES SUL-RIO-GRANDENSES
(1960-1972)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre
2013

CIP - Catalogação na Publicação

Martini, Sergio Roberto de Brito
Memórias dos Atletas Olímpicos dos Clubes Sul-Rio-
Grandenses (1960-1972) / Sergio Roberto de Brito
Martini. -- 2013.
126 f.

Orientador: Janice Zarpellon Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Jogos Olímpicos. 2. História do Esporte. 3.
Clubes. I. Mazo, Janice Zarpellon, orient. II. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria da Conceição de Brito Martini (*in memoriam*), que sempre me apoiou em todas as etapas da vida.

AGRADECIMENTOS

Considero uma vitória ter chegado até aqui, e percorri esse caminho com o auxílio de pessoas muito importantes.

Primeiramente agradeço a minha orientadora, Professora Janice Zarpellon Mazo por ter me concedido a oportunidade de ingressar no Mestrado e ter me auxiliado em todos os momentos para que eu desenvolvesse a pesquisa.

Aos Professores Alberto Monteiro e Alberto Reppold Filho pelas importantes contribuições no exame de qualificação do projeto de dissertação e a Prof.^a Marli Hatje por aceitar o convite para compor a banca final.

A esta instituição, por proporcionar a oportunidade de cursar um Programa de Pós-Graduação sem custo algum e com tamanha qualidade. Na mesma medida meus agradecimentos se estendem aos funcionários da Escola Superior de Educação Física, entre eles as bibliotecárias e os funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação, sempre muito eficientes no exercício de suas funções.

A CAPES pelo apoio financeiro, sem o qual não seria possível dedicar estes dois anos à minha formação.

Ao Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME), do qual muito me orgulho em fazer parte e onde aprendi muito com a convivência e colaboração de todos.

Aos colaboradores na construção desta Dissertação, entre eles especialmente Carolina Fernandes da Silva, Diego Luis Cunha, Joseph Ribeiro e Vanessa Bellani Lyra, que foram indispensáveis neste processo.

A Diretoria Colegiada da APEF/RS – Associação dos Profissionais de Educação Física do RS, da qual faço parte, que souberam entender as minhas ausências, em especial a Alvaro Laitano e Elisa Boaretto.

A minha mãe Maria da Conceição de Brito Martini (*in memoriam*) que não conseguiu aguardar este momento, mas foi indispensável para que ele acontecesse.

A todos estes, meu carinho e gratidão.

RESUMO

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna são eventos quadrienais com origem na Grécia Antiga, onde os registros datam aproximadamente 776 a.C. No final do século XIX, os Jogos Olímpicos foram recriados pelo barão francês Pierre de Coubertin, sendo a primeira edição datada de 1896. Desde então, os Jogos Olímpicos, conquistaram relevância no cenário mundial, com um número cada vez maior de países participando. O Brasil enviou uma representação de atletas pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de 1920 realizados na Antuérpia (Bélgica). Nesta delegação já havia atletas de clubes sul-rio-grandenses, que inclusive conquistaram medalhas olímpicas para o país. Nas edições seguintes dos Jogos, nas quais o Brasil participou, além de atletas oriundos dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro havia atletas sul-rio-grandenses na delegação, mas em menor número. Tendo em vista que não existem atletas sul-rio-grandenses vivos que participaram de edições dos Jogos Olímpicos anteriores a 1960 e com a intenção de privilegiar a História Oral da participação dos atletas, a pesquisa tem marco inicial as edições dos Jogos Olímpicos da década de 1960. O recorte temporal final é o ano de 1972, pois até esta data o Comitê Olímpico Brasileiro não tinha sua atuação normatizada, embora sua fundação seja datada do ano de 1935. Considera-se que com a promulgação da Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975, regulamentada pelo Decreto nº 80.228 de 25 de agosto de 1977, a atuação Comitê Olímpico Brasileiro assume outros contornos, os quais são evidenciados na participação brasileira nas próximas edições dos Jogos Olímpicos. Tendo em vista este contexto apresentamos a questão norteadora deste estudo: como ocorreu a participação de atletas olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos de Verão no período compreendido entre os anos de 1960 a 1972? Além das fontes orais, para a realização desta pesquisa utilizaram-se fontes impressas, tais como a Revista do Globo, os Jornais “A Federação”, “Correio do Povo”, “Correio da Manhã”, “Jornal do Brasil”, “O PAIZ”, o Atlas do Esporte no Brasil e o Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul. As fontes revelaram que vários atletas sul-rio-grandenses almejavam participar dos Jogos Olímpicos, mesmo sabendo das dificuldades como falta de recursos, estrutura e apoio governamental, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Os atletas sul-rio-grandenses participaram de diversas modalidades nos Jogos Olímpicos entre elas: Tiro Esportivo, Lançamento de Dardo, Remo, Vela, Pentatlo Moderno, Basquetebol, Voleibol, Natação e Futebol. Tais esportes eram promovidos pelos clubes sul-rio-grandenses, sendo algumas destas práticas iniciadas na segunda metade do século XIX. Embora os atletas olímpicos sul-rio-grandenses tenham obtido títulos de campeões estaduais, brasileiros e sul-americanos, não conseguiram o mesmo êxito nos Jogos Olímpicos. Talvez por isso, as publicações acadêmicas, em geral, abordam a participação dos atletas medalhistas nos Jogos Olímpicos. No que se refere aos atletas que não ascenderam ao pódio nos Jogos Olímpicos, os jornais dedicaram pouco espaço. Além disso, tanto os jornais quanto as outras fontes históricas consultadas, quando apresentam registros sobre os atletas olímpicos, divergem nas informações quanto aos nomes dos atletas sul-rio-grandenses e os resultados nas competições. Por fim, o presente estudo buscou contribuir reunindo informações sobre a vida esportiva dos atletas sul-rio-grandenses, com o intuito de refazer o caminho trilhado pelos mesmos até a sua participação nos Jogos Olímpicos.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos. História do Esporte. Clubes

ABSTRACT

The Olympic Games of the Modern Age are quadrennial events with origin in Old Greece, where the registers date 776 a.C. approximately. In the end of century XIX, the games had been recreated by the French Baron Pierre de Coubertin and, the first edition in 1896. Since this date, the Olympic Games had cultivated relevance in the world-wide scene, with a number each bigger time of countries participating. Brazil sent a representation of athlete for the first time in Olympic Games of 1920, the carried through in the Antwerp (Belgium). In this delegation already it had athletes from Southern Brazil, from the state of Rio Grande do Sul, who had also conquered Olympic medals for the country. In next editions of Games, in which Brazil participated, as well as athletes from states of São Paulo and Rio de Janeiro, there were athletes from the state Rio Grande do Sul in delegation, but in number less. Considering there weren't athletes, from Rio Grande do Sul, living who participated in previous editions of the Olympic Games of 1960 and with intention of emphasizing the oral history of participation of athletes, this research start point of the Olympic Games of the decade in 1960. The end of time cut is the year of 1972, because until this date the Brazilian Olympic Committe didn't have its operations normalized, although its foundation is dated in the year of 1935. Considering the promulgation of Law number 6.251, of October 8, 1975, regulated for the Decree number 80.228 of August 25, 1977, the actuation of the Brazilian Olympic Committee assumes other contours, which are disclosed in the Brazilian participation in future editions of the Olympic Games. Considering this contest, we presented the question of research this study: how occurred the participation of olympic athletes of clubs from Rio Grande do Sul in the Olympic Games in the period between the years of 1960 and 1972? Beyond the oral sources, for the accomplishment of this research had been used printed sources, such as the Revista do Globo and newspapers: "A Federação", "Correio do Povo", "Correio da Manhã", "Jornal do Brasil" and "O PAIZ", beyond of Atlas of Sport In Brazil and Atlas of Sport in Rio Grande do Sul. The sources had disclosed that some athletes from Rio Grande do Sul longed for to participate of the Olympic Games, knowing of the difficulties exactly as lack of resources, structure and governmental support, mainly in the first decades of century XX. The athletes from Rio Grande do Sul participated in several modalities in Olympic Games, between them: Shooting, Javelin Throw, Rowing, Sailing, Modern Pentathlon Swimming, Basketball, Volleyball and Soccer. Such sports were promoted by the clubs in Rio Grande do Sul, being some of these practical initiates in the second half of century XIX. Although the Olympic athletes from Rio Grande do Sul have gotten headings of state champions, Brazilian and South American, they had not obtained success in the Olympic Games. Perhaps, that is why, the academic publications, in general; only focus in participation of Olympic Games medalist athletes. As for the athletes who had not ascended to the podium in the Olympic Games, the newspaper had dedicated to little space. Moreover, as much the newspapers as the other historical sources, when they present registers on the Olympic athletes diverge in the information as the names of the athletes from Rio Grande do Sul and the results in the competitions. Finally, the present study searched to contribute congregating information on the sportive life of the athletes from Rio Grande do Sul, with intention to remake the way trod for the same ones until its participation in the Olympic Games.

Keywords: Olympic Games, History of Sport, Clubs

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antigo Estande do Tiro 4.....	30
Figura 2 - Equipe Brasileira de Tiro com Armas de Guerra participante dos Jogos Olímpicos da Antuérpia	36
Figura 3 - Integrantes sul-rio-grandenses da equipe de tiro esportivo do Brasil durante os JO de Antuérpia em 1920.....	39
Figura 4 - Equipe de Atletismo que representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924	43
Figura 5 - Dados sobre a vida esportiva de Ernesto Sauter	52
Figura 6 - Dados sobre a vida esportiva de Henrique Kranen Filho	52
Figura 7 - Dados sobre a vida esportiva de Alfredo de Bôer	56
Figura 8 - Dados sobre a vida esportiva de Arno Franzen	56
Figura 9 - Dados sobre a vida esportiva de Lauro Franzen	57
Figura 10 - Dados sobre a vida esportiva de Maximo Fava	57
Figura 11 - Dados sobre a vida esportiva de Nilo Anselmo Franzen.....	58
Figura 12 - Dados sobre a vida esportiva de Frederico Guilherme Tadewald.....	59
Figura 13 - Dados sobre a vida esportiva de Fritz Richter	60
Figura 14 - Dados sobre a vida esportiva de Harry Klein	83
Figura 15 - Dados sobre a vida esportiva de Edgar Gijzen	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	17
3 OS PRIMÓRIDOS DA PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS SUL-RIO-GRANDENSES EM JOGOS OLÍMPICOS	25
3.1 OS JOGOS OLÍMPICOS DE ANTUÉRPIA (1920)	25
3.2 OS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS (1924)	41
3.3 OS JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM (1936)	46
3.3.1 Os remadores do Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre	51
3.3.2 Os remadores do Clube de Regatas Almirante Barroso	55
3.3.3 O remador do Clube de Regatas Vasco da Gama	58
3.3.4 O remador do Clube de Regatas Almirante Tamandaré	59
4 O BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS MARCADOS POR CONFLITOS	67
4.1 OS JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES (1948)	67
4.2 OS JOGOS OLÍMPICOS DE HELSINQUE (1952)	72
4.3 OS JOGOS OLÍMPICOS DE MELBOURNE (1956)	76
5 MEMÓRIAS DO ESPORTE OLÍMPICO SUL-RIO-GRANDENSE	81
5.1 OS JOGOS OLÍMPICOS DE ROMA (1960)	81
5.2 OS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO (1964)	84
5.3 OS JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO (1968)	89
5.4 OS JOGOS OLÍMPICOS DE MUNIQUE (1972)	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	122
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	124
APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADO	126

1 INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos da era moderna são eventos quadrienais com origem na Grécia Antiga, onde os registros datam aproximadamente 776 a.C, estes foram recriados pelo Barão francês Pierre de Coubertin no final do século XIX. Os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga conseguiam interromper Guerras, diferentemente dos dias atuais onde duas Guerras Mundiais interromperam as realizações regulares deste evento. Os Jogos Olímpicos consistem nos jogos da olimpíada de verão e de inverno. O termo olimpíada designa um período de quatro anos sucessivos, o qual começa com a abertura de uma edição dos jogos da olimpíada de verão e acaba com a abertura da edição seguinte (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004, RUBIO, 2005; TODT *et al.*, 2005).

Os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno foram celebrados 1924 na cidade francesa de Chamonix, e têm seus esportes praticados na neve e no gelo (TODT *et al.*, 2005). Até o limite de nosso recorte histórico não foi encontrada a participação de um atleta sul-rio-grandense em uma edição dos Jogos Olímpicos de Inverno.

A primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna aconteceu no ano de 1896, em Atenas na Grécia, na qual participaram 13 países com 311 representantes, competindo em nove modalidades esportivas. A maioria dos participantes viajou por conta própria, e muitos podiam ser considerados atletas amadores na definição atual. Segundo Cardoso (2000) a população de Atenas adorou o espetáculo e, a cerimônia de abertura no estádio Panatenaico, reuniu cerca de 80 mil pessoas.

As edições seguintes dos Jogos Olímpicos aconteceram no ano de 1900 em Paris na França, 1904 em Saint Louis nos Estados Unidos, 1908 em Londres na Inglaterra, 1912 em Estocolmo na Suécia, sem a participação de atletas brasileiros (CARDOSO, 2000). A próxima edição dos jogos prevista para o ano de 1916 em Berlim não aconteceu por causa da eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Com o fim da guerra, os Jogos foram retomados, sendo realizados no ano de 1920 em Antuérpia, na Bélgica.

A primeira participação de atletas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos foi em 1920, quando os atiradores Dario Barbosa e Sebastião Wolf, surpreendentemente ganharam a medalha de bronze na competição de tiro por equipe, na modalidade Pistola Livre. Além desta medalha, o Brasil conquistou uma medalha de ouro e uma de prata com Guilherme Paraense na modalidade Pistola

tiro rápido e Afrânio Antonio da Costa na modalidade Pistola livre, respectivamente (RUBIO, 2006).

Em 1924, nos Jogos Olímpicos realizados na capital da França, Paris, havia apenas um atleta sul-rio-grandense na delegação brasileira. Willy Richard Franz Seewald participou da prova de lançamento de dardo, conquistando o sexto lugar na competição. Willy Seewald, como era conhecido, trouxe de Paris a medalha e o diploma de participação (MAZO; MADURO, 2009).

Depois da surpreendente estreia na Antuérpia e após passar por Paris sem conquistar medalhas, o Brasil não participou da edição de 1928, alegando problemas financeiros. Na edição seguinte dos Jogos Olímpicos, de 1932, em Los Angeles nos Estados Unidos, a delegação Brasileira levou 85 atletas, porém nenhum deles era procedente do Rio Grande do Sul. Destes, apenas 58 conseguiram tomar parte nos jogos, devido às questões financeiras, e nenhuma medalha foi conquistada nesta edição (CARDOSO, 1996).

Diferentemente da edição anterior, nos Jogos Olímpicos de 1936 realizados em Berlim, na Alemanha, o Brasil chegou com duas delegações, sendo uma organizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e outra formada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Depois de acordos feitos para contornar o impasse as delegações foram unificadas. Os atletas provenientes do Rio Grande do Sul eram todos remadores, a saber: Alfredo de Bôer, Arno Franzen, Ernesto Sauter, Frederico Guilherme Tadewald, Fritz Richter, Henrique Kranen Filho, Lauro Franzen, Maximo Fava, Nilo Anselmo Franzen e Rudolfo Maria Rath. Os remadores não conquistaram os primeiros lugares, mas ganharam medalhas de participação (CARDOSO, 2000, TODT *et al.*, 2005).

Após esta edição, uma nova interrupção dos Jogos Olímpicos ocorreu devido a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com o fim do conflito mundial, os Jogos Olímpicos de 1948 foram realizados em Londres, na Inglaterra. O Brasil esteve presente com uma delegação composta por 81 atletas, sendo três sul-rio-grandenses, todos remadores: Arlindo da Cunha Cabral, Paulo Diebold e Pércio Zancani (TODT *et al.*, 2005). Estes jogos, segundo Rubio (2006, p. 169) representavam mais do que o restabelecimento do calendário olímpico, pois “Era o fim de vinte e oito anos de espera após as medalhas da Antuérpia, obtidas pelos atletas do tiro e o início de um período em que as modalidades coletivas começaram a representar esperanças efetivas de boas atuações.” Nesta edição dos Jogos a

equipe de basquete masculino conquistou uma medalha de bronze.

Apesar da distância, o Brasil enviou 108 atletas para os Jogos Olímpicos de 1952, em Helsinque, na Finlândia, dentre estes cinco eram mulheres. Na delegação havia apenas um atleta sul-rio-grandense: Alfredo Jorge Ebling Bercht. Ele foi um dos pioneiros na prática da vela no Brasil e ficou em nono lugar na competição. O Brasil marcou presença com sua imensa delegação e a conquista de uma medalha de ouro e uma de bronze no atletismo e outra medalha de bronze na natação (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004, TODT *et al.*, 2005).

O velejador Alfredo Jorge Ebling Bercht e seu irmão Rolf Fernando Ebling Bercht integraram a delegação brasileira que foi aos Jogos Olímpicos de 1956, em Melbourne, na Austrália. Além destes outro atleta sul-rio-grandense, Breno Vignoli no pentatlo moderno, fazia parte da delegação brasileira composta por 48 atletas. Desde a introdução da competição de pentatlo moderno nos Jogos Olímpicos em 1912, esta foi a primeira participação de um atleta brasileiro neste esporte. A representação do Brasil retornou dos Jogos Olímpicos com uma medalha de ouro conquistada no atletismo (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004, TODT *et al.*, 2005, RÚBIO, 2006).

A delegação brasileira enviada aos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma na Itália, totalizou 81 atletas, dentre eles apenas uma mulher. O Rio Grande do Sul foi representado por quatro atletas do remo: Ernesto Neugebauer Endter, Francisco Tedesco, Harry Edmundo Klein e Paulino Gonçalves Leite. Além das medalhas de participação, o Brasil trouxe duas medalhas de bronze, uma na natação e outra no basquetebol masculino (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004, TODT *et al.*, 2005).

Em Tóquio, Japão, nos Jogos Olímpicos de 1964 identificou-se a participação de dois atletas sul-rio-grandenses: Marco Antônio Volpi, na seleção de voleibol e Mauri Fernandes Fonseca, na natação. Estes atletas inauguraram a participação do Estado nesses esportes. A delegação brasileira foi composta de 69 atletas, dentre eles apenas uma mulher. Uma medalha de bronze foi conquistada pela equipe de Basquetebol (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004, TODT *et al.*, 2005, RUBIO, 2006).

Foram convocados para participar da edição dos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México os atletas sul-rio-grandenses: Celso Luis Scarpini (basquetebol), Géron Albino Schuch (voleibol), e Marco Antônio Volpi (voleibol).

Importante destacar que o atleta Marco Antônio Volpi participava pela segunda vez de uma edição dos Jogos Olímpicos. A delegação brasileira composta de 84 atletas voltou com três medalhas, uma de prata no atletismo e duas de bronze, na vela e no Boxe respectivamente (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004, RUBIO, 2004; TODT *et al.*, 2005).

Nos Jogos Olímpicos de Munique, na Alemanha, em 1972 a delegação Brasileira composta por 84 homens e 5 mulheres, conquistou duas medalhas de bronze, uma no salto triplo e outra no Judô. Os representantes do rio Grande do Sul foram: Bolívar Modualdo Guedes, Manoel da Silva Costa e Pedro Antônio Simeão, todos do futebol (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Mais de um século depois da primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna diversas mudanças ocorreram no evento esportivo, que cresceu de forma impressionante. No espetáculo atual dos Jogos Olímpicos, quase nada lembra a pouca organização, a difícil condição financeira e os objetivos a que estava atrelado na transição do século XIX para o XX. No decorrer desta história atletas foram alçados à glória através de seus feitos esportivos e muitos outros ficaram no esquecimento.

Em geral, as publicações (RUBIO, 2004; 2006) sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos enfocam os atletas medalhistas. No que se refere aos atletas que não ascenderam ao pódio, as pesquisas são raras, além disso, a imprensa dedicou pouco espaço a trajetória destes atletas. Ainda quando as fontes históricas apresentam registros sobre os atletas não medalhistas, apresentam informações distintas quanto aos resultados na mesma competição.

O marco inicial deste estudo justifica-se por um levantamento prévio em diversas fontes indicou que não há atletas olímpicos sul-rio-grandenses vivos, que estavam vinculados a clubes deste estado, que participaram das edições dos Jogos Olímpicos de Verão (JO) anterior ao ano de 1960. Diante desta constatação, e buscando privilegiar a história oral da participação dos atletas olímpicos vinculados aos clubes sul-rio-grandenses, foram entrevistados atletas que compareceram as edições dos JO de 1964, 1968 e 1972,

O recorte final deve-se em razão da Lei n. 6251, de 8 de outubro de 1975. Este lei foi regulamentada pelo Decreto n. 80228 de 25 de agosto de 1977, quando o Brasil atravessava um novo período autoritário, que perdurou de 1964 a 1985. Registra-se que esta lei e o seu decreto regulamentador mantiveram as imposições

burocráticas e disciplinadoras. Entretanto, foi a primeira vez um texto legal tratou da Política Nacional de Educação Física e Desportos e introduziu um Sistema Desportivo Nacional, além de abordar, com normas, as entidades esportivas como as confederações, federações, clubes e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB). A justiça esportiva também mereceu atenção neste documento legal.

Neste contexto apresentamos a questão norteadora deste estudo: como ocorreu a participação de atletas olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos de Verão (JO) de 1960 a 1972?

Ao investigar os esquecimentos e silêncios da história do esporte olímpico nacional privilegiando a abordagem teórico-metodológica da História Oral espera-se contribuir para preservar a memória esportiva brasileira. Para além da conquista das medalhas olímpicas importa identificar o legado da participação dos atletas olímpicos sul-rio-grandenses. Além disso, busca-se apresentar indícios a respeito da situação do esporte nos clubes sul-rio-grandenses que tiveram atletas olímpicos integrantes das delegações brasileiras.

Este projeto de pesquisa estrutura-se em quatro capítulos. Após a Introdução, o capítulo dois, intitulado “Pressupostos Teórico-Metodológicos”, aborda-se o referencial teórico que sustenta a investigação e descrevemos o processo de coleta e análise das fontes históricas.

O capítulo três, denominado “Os primórdios da participação de atletas sul-rio-grandenses em Jogos Olímpicos” aborda a participação destes atletas nas edições de 1920, 1924 e 1936, um período considerado por Rubio (2006) como a fase de afirmação dos JO, onde o evento já havia superado a condição de uma aventura de nobres e aristocratas excêntricos e se convertido em um importante evento internacional. Para tanto foi feito um resgate histórico, buscando reunir as informações sobre a participação de atletas deste estado nestas edições dos JO, buscando também compilar informações sobre a vida esportiva destes atletas, para conhecer o caminho feito por cada atleta até a participação no evento olímpico.

No capítulo quatro “O Brasil nos Jogos Olímpicos marcados por conflitos” trata-se da participação dos atletas sul-rio-grandenses nos JO de 1948, 1952, 1956. Estas edições dos Jogos compõem um período considerado por Rubio (2006) como a fase de conflito dos JO, onde as tensões geradas pela Guerra Fria fizeram com que os JO fossem utilizados como mais uma forma de poder político e força social. Este período também assinala a presença do Conselho Nacional de Desportos

(CND), que foi criado após a promulgação do Decreto Lei n. 3.199 de 1941, que tratou das bases da organização dos esportes no país. O CND foi criado para orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos esportes em todo o território nacional. Neste período nenhuma entidade desportiva podia participar de qualquer competição internacional sem a autorização do CND. Para tanto foi feito um resgate histórico, buscando reunir as informações sobre a participação de atletas deste estado nestas edições dos JO, buscando também compilar informações sobre a vida esportiva destes atletas, para conhecer o caminho feito por cada atleta até a participação no evento olímpico.

O capítulo cinco intitulado “Memórias do esporte olímpico sul-rio-grandense” aborda a participação dos atletas sul-rio-grandenses nos JO de 1960, 1964, 1968 e 1972, sendo estas anteriores a promulgação da Lei n. 6251, de 8 de outubro de 1975, regulamentada pelo Decreto n. 80228 de 25 de agosto de 1977, que dispõe sobre as atribuições do Comitê Olímpico Brasileiro, onde o mesmo, a partir desta data, pôde “organizar e dirigir, com a colaboração das confederações desportivas nacionais dirigentes do desporto amador, a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos, Pan-Americanos e em outros de igual natureza” (BRASIL, 1977, p. 3). Para além da contribuição da história oral da participação dos atletas nestas edições dos JO, foi feito um resgate histórico, buscando reunir as informações sobre a participação dos atletas nestes eventos olímpicos, buscando também compilar informações sobre a vida esportiva destes atletas, para conhecer o caminho feito por cada atleta até a participação no evento olímpico.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo explicitamos as bases teóricas que alocam o projeto de pesquisa nas dimensões da memória (NORA, 1993, LE GOFF, 2003, HALBWACHS, 2004) e da História Oral (ALBERTI, 2004, FREITAS, 2006, PINSKY, 2008) e a metodologia que foi utilizada para a análise das informações coletadas.

Antes de discorrermos sobre as bases teóricas que alicerçam esta pesquisa, é necessário fazer uma diferenciação do que é História e do que é Memória, que encontramos apoio em Pierre Nora (1993): a memória é a tradição vivida, é a vida, enquanto a história é o seu oposto, uma reconstrução intelectual sempre problematizadora que demanda análise e explicação, uma representação sistematizada e crítica do passado.

Segundo Le Goff (2003) a memória pode ser compreendida como a capacidade do indivíduo conservar e retomar certas informações ou impressões do passado, estando essa capacidade inserida à vida social, “estabelecendo laços mútuos entre presente e passado, o indivíduo e a coletividade” (OLIVEIRA, 2009, p. 1). A memória pode ser classificada em individual ou coletiva. Para Halbwachs (2004), a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Nesse sentido, para o autor, a memória coletiva é pautada na continuidade e deve ser vista sempre no plural (memórias coletivas) e a memória de um indivíduo ou de um país está na base da formulação de uma identidade, que a continuidade é vista como característica marcante. A História, por outro lado, encontra-se pautada na síntese dos grandes acontecimentos da história de uma nação, fazendo das memórias coletivas apenas detalhes, e justifica:

O que justifica ao historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida. Ora, um tal gênero de apreciação resulta de que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existem, ou mesmo que existiram, para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma

importância, uma vez que não foram por eles afetadas da mesma maneira. (HALBWACHS, 2004, p. 89-90).

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p. 55).

É por meio da memória, operacionalizada também através da história oral, que pretendemos chegar às histórias da participação dos atletas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos de Verão (JO). Nesse caminho pretendemos compreender como os atletas sul-rio-grandenses representam os aspectos da participação nos JO, e entender como as memórias da participação deste evento fazem parte do universo construído por estes atletas. As versões que possivelmente irão emergir de tais depoimentos poderão ser referências importantes para nos ajudar a responder a questão norteadora deste estudo, pois os depoimentos revelam fragmentos do passado e experiências de vida através das narrativas dos sujeitos entrevistados.

De acordo com Freitas (2006) a História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana, sendo técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento. Para o autor a seletividade e o esquecimento estão presentes no processo de memória. As lembranças que “incomodam” são expulsas da consciência, mas continuam atuando sobre o comportamento no inconsciente, portanto “selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual” (FREITAS, 2006, p. 59-60).

Compartilhamos do pensamento de Freitas (2006) onde a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas, onde a mesma pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, história de vida e história temática. A tradição oral pode ser definida como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra; a história de vida pode ser considerada um relato autobiográfico, mas do qual a escrita, que define a autobiografia, está ausente; na história oral temática, a entrevista em caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico.

Segundo Freitas (2006) denominamos de moderna História Oral àquela cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio de técnica de entrevista que utiliza gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método, e mesmo sendo denominada como moderna história oral, esse método de pesquisa histórica não pode ser considerado uma técnica nova, pois segundo Thompson (Apud Freitas 2006, p.27) “O termo história oral é novo, assim como o gravador de fita, e tem implicações radicais para o futuro. Mas isto não significa que ela não tenha um passado. De fato, a história oral é tão antiga como a própria história. Ela foi a primeira modalidade de história”.

Para Alberti (2004) a história oral, sendo um método de pesquisa, não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento, e seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, e que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido, e na opinião de Freitas (2006) a mesma tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva, que pode ser entendida como uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas, pois “relembrando Pierre Nora, a memória é o vivido e história é o elaborado, através do resgate da memória se reconstrói o passado” (FREITAS, 2006, p. 51). Na História Oral o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Nesse sentido, é importante “resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou” (FREITAS, 2006, p. 67).

Esta pesquisa buscou sustentação na história oral, a partir da realização de entrevistas com os atletas sul-rio-grandenses que participaram de uma ou mais edições dos JO na década de 1960. Através deste método de pesquisa qualitativa pretendemos que novas fontes se originem e nos possibilitem a responder as questões norteadoras feitas anteriormente. Nesse Caminho, Alberti (1989) define a história oral como um método de pesquisa que produz fontes de consulta (entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores, e que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas e visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. Montenegro (1992) afirma que o depoimento oral é uma forma de socialização das experiências e do conhecimento do entrevistado, bem como do reconhecimento de sua identidade cultural.

De acordo com Pinsky (2008, p. 171) “o trabalho de produção de fontes orais

pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento”. As entrevistas foram realizadas com agendamento prévio e cada entrevistado assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi lido antes da realização da entrevista. Estando de acordo com os procedimentos, o entrevistado assinou o referido Termo, autorizando que as informações sejam usadas para finalidades científicas.

As entrevistas foram gravadas em um gravador de voz digital para posterior transcrição e análise dos depoimentos orais. Como a transcrição destas entrevistas as transformará em documentos, procuraremos manter o discurso dos entrevistados próximo ao original, conservando o estilo informal da linguagem falada, retirando-se as expressões correntes da língua, que na linguagem acadêmica podem adquirir conotações pejorativas.

A partir de uma revisão bibliográfica pode-se desenvolver um conhecimento prévio do universo estudado e, assim “conhecer o papel dos que participaram do tema investigado, saber quais seriam os mais representativos e quais são reconhecidos pelo grupo, além de conhecer os que são considerados desviantes” (PINSKY, 2008, p. 172). Para tanto, elaborou-se uma lista de possíveis entrevistados que se enquadram nos critérios determinados para fins deste estudo: atletas olímpicos sul-rio-grandenses vinculados a clubes do estado do Rio Grande do Sul.

Além da gravação de entrevistas, também foram selecionadas fontes históricas que fazem parte dos arquivos do Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que estão disponíveis no site desta instituição. As entrevistas realizadas ficarão arquivadas na sala do NEHME – Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física na ESEF/UFRGS.

Para a realização desta pesquisa histórica foi realizada uma coleta de informações em fontes impressas, por meio da pesquisa documental. Estas foram constituídas de documentos oficiais de clubes esportivos existentes no estado do Rio Grande do Sul, catálogo da Revista do Globo (MAZO, 2004); Jornais “A Federação”, “Correio do Povo”, “Correio da Manhã”, “Jornal do Brasil”, “O PAIZ”, Atlas do Esporte no Brasil (DACOSTA, 2005) e o Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul (REPPOLD; MAZO, 2005), álbuns comemorativos dos clubes de esportivos, museus, livros, artigos, teses e dissertações referentes ao tema e acervos pessoais.

A Revista do Globo foi uma destacada revista no Estado do Rio Grande do Sul, editada pela Livraria Editora Globo no período de 1929-1967. Foi produzido um Catálogo das reportagens sobre o Esporte e a Educação Física na Revista do Globo (MAZO, 2004) totalizando 943 exemplares disponibilizando fontes históricas para a pesquisa. A Revista do Globo registrou a história a cultura esportiva do Rio Grande do Sul, em especial, da cidade de Porto Alegre, sendo assim uma fonte fundamental de pesquisa.

O Correio do Povo é um Jornal que possuía grande destaque na época e trazia notícias sobre os mais variados esportes. Compreendendo que a imprensa da época pode possibilitar o conhecimento sobre a sociedade do período estudado, utilizaremos tal recurso para conhecer as relações entre o contexto social, político, econômico e cultural da cidade no período estudado.

O Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul foi organizado por José Ferreira Amaro Júnior, no período de 1942 a 1959. Muitos exemplares estão à disposição na biblioteca da ESEF/UFRGS com algumas reportagens destacando a participação dos atletas brasileiros nos JO.

O Atlas do Esporte no Brasil (DACOSTA, 2005) também faz parte das fontes impressas pesquisadas, por ser considerada a maior base de dados de acesso gratuito em língua portuguesa, abrangendo a Educação Física, esportes e atividades físicas de saúde, lazer e turismo no país. O Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Rio Grande do Sul (REPPOLD; MAZO, 2005) também foi utilizado como fonte de pesquisa, pois faz um mapeamento dos esportes desde as suas origens até o ano de 2005 no Estado.

O Jornal “A Federação”, que tinha estreita ligação com o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), teve sua primeira publicação no primeiro dia do mês de Janeiro de 1884 e circulou até 1937. Este jornal visava divulgar os ideais republicanos por meio de suas reportagens distribuídas em quatro páginas, com periodicidade de segunda à sábado na cidade de Porto Alegre. Os ideais republicanos eram defendidos por um grupo de jovens políticos e intelectuais adeptos da filosofia positivista de Augusto Comte (MUSEU DA COMUNICAÇÃO, 2005).

O Jornal “Correio da Manhã” Fundado por Edmundo Bittencourt foi um dos mais longevos e importantes jornais brasileiros do século XX. Desde a primeira edição, em 15 de junho de 1901, caracterizou-se, nas palavras de Nelson Werneck

Sodré, por um “ferrenho oposicionismo, de extrema virulência”, em contraste, segundo o historiador, com o “extremo servilismo” de jornais concorrentes. Por causa da linha editorial independente, foi muito visado pelo poder. Nos seus últimos anos, posicionou-se contra o governo militar instaurado com o golpe de 1964. Tal postura teria contribuído para o seu fechamento, após 73 anos de existência (HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, 2013).

O Jornal “O PAIZ” foi um Jornal diário de grande circulação, este O Paiz (o mais importante dentre os muitos que tiveram este nome) foi lançado no dia 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), pelo empresário João José dos Reis Júnior, o conde de São Salvador de Matozinhos. Tido como o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos principais formadores de opinião da sociedade brasileira, entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Durou até 18 de novembro de 1934, quando foi fechado pela Revolução de 1930 (HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, 2013).

O “Jornal do Brasil” Trata-se de um dos jornais mais antigos do país. Passou, na sua longa existência, por diferentes fases e donos, até merecer, no pior momento, o epíteto de “jornal das cozinheiras”, por publicar essencialmente anúncios de empregos. Recuperado, a partir de 1956, por uma reforma que entraria para a história da nossa imprensa, firmou-se como um dos jornais mais prestigiados do país. Em julho de 2010, ao completar 122 anos, tornou-se o primeiro jornal 100% digital do Brasil (HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, 2013).

Outras fontes de pesquisa foram localizadas no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). No acervo da referida instituição podemos encontrar as fontes primárias essenciais para esta pesquisa, a saber: documentos recolhidos das esferas Federal e Estadual, constituindo-se de processos judiciais, de 1763 a 1980; documentos produzidos pelos órgãos da administração direta e indireta do Estado, datados de 1868 a 2003; livros de registros de nascimentos, casamentos e óbitos, datados de 1929 a 1975, do estado do rio grande do sul. Outros estados possuem arquivo público, entre eles São Paulo, Rio de Janeiro, o que pode facilitar a busca, caso seja necessário. O acervo da biblioteca digital do Senado Federal (BDSF) também fará parte da pesquisa, pois armazena mais de 222 mil documentos de interesse do Poder Legislativo.

Segundo Thompson (1992) a evidência jornalística pode ser enganosa e imprecisa: “Isto se dá porque raramente têm condições de destrinchar as possíveis fontes de distorção em jornais antigos. Podemos saber quem era o proprietário do jornal e, talvez, identificar seus vieses políticos ou sociais; nunca, porém, se poderá mais do que conjecturar sobre se o colaborador anônimo que redigiu determinada matéria partilhava daqueles vieses”.

Para análise das fontes impressas utilizamos a técnica de análise documental, conforme os termos descritos por Bacellar na obra organizada por Pinski (2010). Esta técnica de análise prioriza três aspectos: fichamento, análise propriamente dita dos documentos e cruzamento das fontes.

As fontes imagéticas utilizadas operaram igualmente aos textos, como elementos criadores ou reforçadores de representações. A fotografia como instrumento mecânico, sem possibilidade de atingir o estatuto de arte, como prova do real, configura, assim, a concepção do senso comum. Portanto, os efeitos utilizados para compor o olhar oficial não são percebidos e, assim, a sociedade recebe os registros como expressão da verdade. Isso nos remete a uma reflexão sobre a pretensa neutralidade da fotografia.

O registro fotográfico nunca é neutro, pois está impregnado da visão que o fotógrafo pretende dirigir à percepção dos consumidores de uma determinada imagem. Assim, de acordo com Barros (2007) recorrer à análise de imagens fotográficas obriga o pesquisador a refletir sobre a produção social do olhar, encontrando imagens na especificidade de um circuito social, de um campo semântico, de uma comunidade de sentido. Os cuidados no trabalho com este tipo de fonte são muitos, pois as imagens são fontes que se dão aos mais diversos tipos de leitura e interpretação, assim, uma mesma imagem pode ter seu significado mudado de acordo com o tipo de olhar que é lançado sobre ela. As imagens são representações do mundo elaboradas para serem vistas. Como afirma Pesavento (2005, p. 29): as imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário.

Para este estudo as imagens foram extraídas das fontes impressas citadas anteriormente, assim como em acervos pessoais dos entrevistados. Estas fontes foto jornalísticas e fotográficas foram armazenadas identificando a fonte, o assunto,

o ano e a edição dos JO a que faz referência. Como estratégia de análise de fontes iconográficas nos baseamos no método de Panofsky (1939). Neste método faz-se um texto sobre a imagem, a partir de uma descrição detalhada correlacionando-a com o contexto, construindo uma interpretação.

3 OS PRIMÓRIDOS DA PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS SUL-RIO-GRANDENSES EM JOGOS OLÍMPICOS

Este capítulo aborda a participação dos atletas sul-rio-grandenses nos JO de 1920, 1924 e 1936, em um período, considerado por Rubio (2006) como a fase de afirmação dos JO, onde o evento já havia superado a condição de uma aventura de nobres e aristocratas excêntricos e se convertido em um importante evento internacional. Para tanto foi feito um resgate histórico, buscando reunir as informações sobre a participação de atletas deste estado nestas edições dos JO, buscando também compilar informações sobre a vida esportiva destes atletas, para conhecer o caminho feito por cada atleta até a participação no evento olímpico.

3.1 OS JOGOS OLÍMPICOS DE ANTUÉRPIA (1920)

A Primeira Guerra mundial (1914-1918)¹ marcou a história dos JO, pois interrompeu a sequência de realizações regulares do evento. A edição marcada para 1916, em Berlim, foi cancelada em motivo do conflito mundial. Posteriormente ao fim da Guerra, o movimento Olímpico foi retomado e os planos para os Jogos de 1920 começaram a ser desenvolvidos. (MARINHO, 1980; RUBIO, 2006).

Nesse cenário, a Antuérpia, cidade localizada na Bélgica, que teve extensas áreas territoriais arruinadas durante a ocupação alemã, foi selecionada como sede dos Jogos. O país surpreendeu o mundo ao aceitar a incumbência de realizar os jogos, pois teve aproximadamente um ano para construir as instalações esportivas e se preparar para a chegada das delegações. Mesmo disponível para receber o evento, o país não estava preparado e realizou os JO mais austeros da história. (MARINHO, 1980, CARDOSO, 2000, RUBIO, 2006).

¹ A causa imediata da eclosão do conflito foi o assassinato em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, do herdeiro do trono austro-húngaro, arquiduque Francisco Ferdinando, por um militante nacionalista sérvio. O fato motivou um ultimato do Império Austro-Húngaro à Sérvia e, em 28 de julho seguinte, a declaração de guerra àquele país. Na verdade, as tensões e rivalidades que, desde meados do século XIX, envolviam as principais potências europeias e não europeias haviam crescido a tal ponto que foi rompido o equilíbrio de poder que governava a política internacional. O resultado foi uma corrida armamentista sem precedentes e a formação de alianças diplomático-militares que, embora tivessem inicialmente caráter defensivo, bloquearam a possibilidade de uma guerra localizada. A declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia, república independente aliada da Rússia, apenas precipitou a generalização do conflito. Enfrentaram-se, de um lado, a aliança entre a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, fortalecida a seguir pela adesão da Turquia e da Bulgária, e, de outro, a entente cordiale entre a França e a Inglaterra, com a posterior adesão da Rússia e de mais outros 18 países, entre eles os Estados Unidos (A ERA Vargas..., 2012).

Nesse contexto pós-guerra, a Bélgica se recusou a convidar a Alemanha a participar oficialmente dos Jogos, cabendo ao Comitê Organizador formalizar o convite. Outros países envolvidos no conflito também foram deixados de fora, tais como a Áustria, Hungria, Bulgária, Turquia, Polônia e Rússia. Em consequência da Guerra e da reconfiguração do mapa da Europa, outros países que surgiram puderam participar do evento, eram os casos da Tchecoslováquia e da Estônia (CARDOSO, 2000, RUBIO, 2006).

Nesta edição dos JO, pela primeira vez uma delegação brasileira esteve presente, mesmo sem a formalização de um Comitê Olímpico Brasileiro². Um grupo de atletas sob a organização da CBD – Confederação Brasileira de Desportos rumou para a Europa com 24 representantes que competiram nas provas de tiro, natação, polo aquático e remo (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004). A estreia brasileira foi marcada pela conquista de três medalhas: uma de ouro com Guilherme Paraense, uma de prata, com Afrânio da Costa e uma de bronze por equipe com Afrânio Costa, Guilherme Paraense, Sebastião Wolf, Dario Barbosa e Fernando Soledade, todas elas no Tiro Esportivo. Neste evento, foi identificado que parte dos atletas desta delegação competiu em mais de uma modalidade, como por exemplo, João Saliture e João Jório, que fizeram parte das equipes de natação, polo aquático e de remo (CARDOSO, 2000, RUBIO, 2006).

Segundo Rubio (2006) a partir da edição dos JO de 1920, tem início um período que se estende até 1936, que se caracteriza como o de afirmação do evento, onde os JO já haviam superado a condição de uma aventura de nobres e aristocratas excêntricos e se convertido em um importante evento internacional, onde o mesmo “já era palco de exposições das tensões internacionais e como eventos de sua envergadura sobreviveu ao período entre guerras” (RUBIO, 2010 p. 102). Para o autor, a periodização é necessária para que o Movimento Olímpico “não seja tido como estático, unísono e unívoco, apesar da pouca flexibilidade de suas regras e da difícil mobilidade de seus membros nas instâncias executivas e deliberativas” (RUBIO, 2010, p. 91).

Mesmo tendo alcançado um patamar diferente, se comparado às primeiras edições da era moderna, o evento matinha em 1920, algumas características inimagináveis nos dias de hoje, tal como encontramos descrição no Jornal A

² Apesar de ter sido constituído em 1914, o Comitê Olímpico Brasileiro formalizou sua atividade somente em 1935.

Federação de 1916, que trata dos eventos paralelos aos jogos: “Serão abertas exposições de arte contemporânea e retrospectiva e certames florais e exposições de horticultura. Serão inauguradas também exposições caninas, avícolas e equinas” (O STADIUM..., 1920, p. 1).

Nesta mesma edição dos Jogos, a bandeira olímpica, criada pelo Barão de Coubertin, com os cinco anéis, foi hasteada pela primeira vez em cerimônias de abertura dos JO. Consta que os anéis nas cores azul, verde, amarela, preta e vermelha representam todos os continentes, uma vez que pelo menos uma dessas cores faz parte de todas as bandeiras nacionais. O juramento olímpico também começou a fazer parte da abertura dos Jogos (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Antes de chegarmos ao resultado surpreendente da primeira participação de atletas brasileiros em JO, percorreremos uma jornada repleta de fatos marcantes, que contemplaram desde a viagem até a Antuérpia, passando pela estada dos atletas neste país europeu, até os últimos dias que os atletas permaneceram em solo belga. Uma história que, segundo Rubio (2004, p. 21) “encheria as páginas da história olímpica Brasileira com situações repletas de suspense e emoção”

Dois atletas representaram o Rio Grande do Sul nesta edição dos Jogos, a saber: Dario Barbosa e Sebastião Wolf. O primeiro nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 21 de Julho de 1882 e exerceu atividade profissional como médico. O segundo nasceu na Alemanha em 15 de março de 1869, veio ainda criança para o Brasil, onde exerceu atividade profissional como fabricante de biscoitos. Incluímos o nome de Sebastião Wolf, pois embora não tenha nascido neste estado, se naturalizou brasileiro, tendo fixado residência em pelo menos três cidades do Rio Grande do Sul (RUBIO, 2004; 2006) apontam que Sebastião Wolf se naturalizou brasileiro para competir nos JO de Antuérpia, porém uma fonte encontrada no Jornal A Federação revela que o mesmo consta na lista de aptos para votar em Porto Alegre, conforme relação feita pela comissão de revisão do alistamento eleitoral, revelando então que o mesmo possivelmente já era naturalizado há mais tempo (ALISTAMENTO..., 1912).

Dario Barbosa e Sebastião Wolf eram praticantes de tiro ao alvo. O tiro já era um esporte conhecido no Brasil, e no Rio Grande do Sul, no século XIX. Em estudo realizado por Assmann e Mazo (2011, p. 2) é possível identificar que este estado foi um dos pioneiros no Brasil, a sediar associações voltadas à prática do tiro ao alvo,

especialmente nas regiões de colonização alemã. Nestas, os imigrantes e seus descendentes “praticaram o esporte, cultivaram suas raízes e afirmaram sua etnicidade.” Estas associações eram chamadas de sociedades de tiro.

Das sociedades de tiro emergiram os Tiros de Guerra, com finalidade de instruir militares e civis para formar reservistas. As origens do Tiro de Guerra no Brasil remontam um período de ampla movimentação política e econômica no país, que se seguiu após a proclamação da república em 1889. Segundo Carone (1989) os conflitos e revoltas regionais, junto com as questões diplomáticas, levaram a necessidade de uma melhor qualidade no preparo do Exército Brasileiro. Havia a necessidade de aprimoramento no treinamento dos soldados, que até então, eram feitos no exterior, bem como fazer uma reserva de soldados treinados para formar um Corpo de Atiradores, constituindo assim a primeira reserva organizada do Exército.

No dia 10 de março de 1889 ocorreu a fundação do Tiro Nacional, aprovado pelo Decreto n. 3224, que tinha entre suas funções ministrar a prática completa do tiro, com armas portáteis, aos oficiais e praças do exército, aos oficiais e praças das demais corporações armadas federais, aos civis previamente matriculados pelo diretor (BRASIL, 1899). Após a fundação do Tiro Nacional em 1899, no Rio Grande do Sul, o Ministro da Guerra, General Hermes da Fonseca, determinou a construção de inúmeras Linhas de Tiro em todo território nacional, com a finalidade de incrementar a prática do Tiro ao Alvo e a instrução militar do Exército Brasileiro.

Nesse caminho, foi criado em 24 de fevereiro de 1906 o Tiro Nacional Porto Alegrense ³, que teve Dario Barbosa como um dos primeiros associados (TIRO...,1906). Na esteira da popularização das linhas de tiro que se espalhavam pelo Brasil, foi criada a Confederação do Tiro Brasileiro, oficializada pelo Decreto n. 1503 de 05 de setembro de 1906, com sua sede estabelecida na cidade de Rio Grande, No Rio Grande do Sul, e subordinada ao Estado-Maior do Exército, que congregava todas as sociedades nacionais que preenchessem e aceitassem as condições estabelecidas pela legislação vigente. Da sistematização e confederação

³ Primeira Diretoria: Presidente: Coronel Carlos Frederico de Mesquita; 1º Vice: Tenente Coronel Fructuoso Fontoura; 2º Vice: Tenente Coronel José Natalício Martins; 1º Secretário: Capitão Benjamim Flores; 2º dito: 2º Tenente Dr. Diogenes Monteiro Tourinho; 1º Tesoureiro: Carlos Augusto Drügg; 2º Ricardo Taborda; Conselho Fiscal: Coronel João Leocádio Pereira de Mello, Tenente Coronel Antonio Mostardeiro, Dr. Leonardo Macedonia; Instrutores: Major Dr. José Marques Guimarães, Capitão Christiano Frederico Buys e 2º Tenente Arthur Baptista de Oliveira (TIRO..., 1906, p. 2).

destas sociedades, estimuladas e iniciadas com o Tiro Nacional, surgiram os Tiros de Guerra que abasteceriam com reservistas de 2º categoria o Exército permanente (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TIRO ESPORTIVO, 2012).

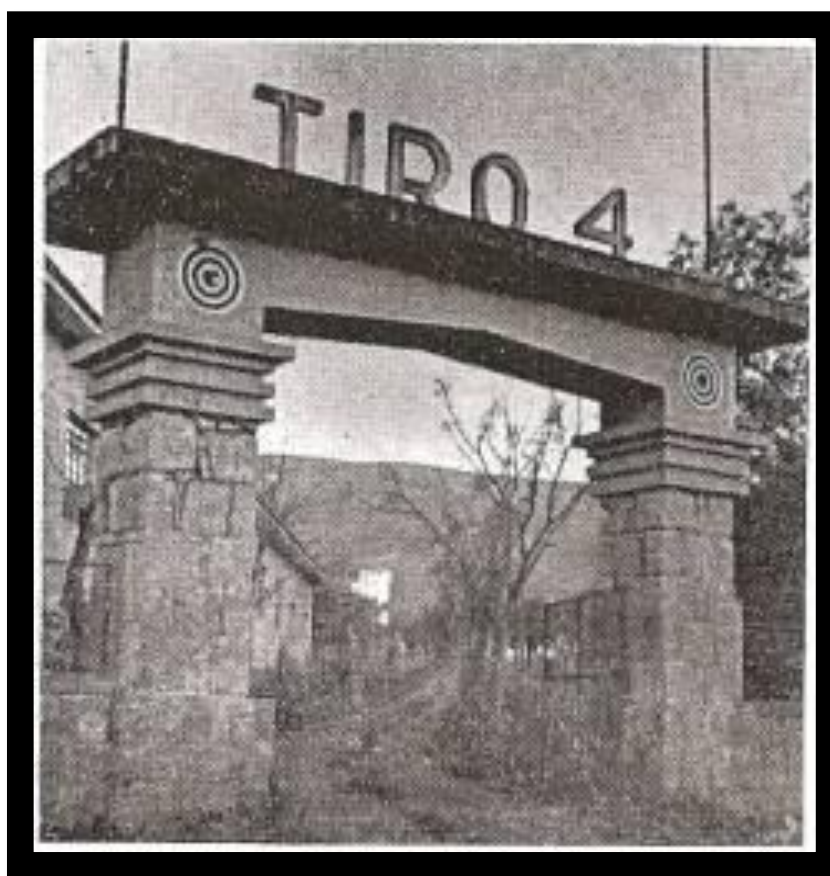
No dia 31 de maio de 1908 ocorreram os festejos⁴ da incorporação da Associação Tiro Nacional Porto Alegre à Confederação do tiro brasileiro, sob o nº 4, com a participação de Sebastião Wolf:

Pela madrugada, uma salva de artilharia saudou a incorporação, sendo em seguida hasteada no edifício do Tiro o pavilhão nacional. As nove horas, lusido pelotão de sócios fez exercícios militares ...[...] Conservando-se na sede os sócios fardados e armados, à 1 hora tocou a reunir e a garbosa companhia formou defronte ao pavilhão, afim de prestar honras as autoridades civis e militares (TIRO..., 1908, p. 1).

O Tiro Nacional Porto-Alegrense, que ficou conhecido também como Tiro n.º 4, devido ao seu registro na Confederação Brasileira de Tiro e teve sua primeira sede no bairro Floresta em Porto Alegre, tendo posteriormente sido transferido para o bairro Terezópolis, por causa do desenvolvimento da cidade. Logo acima do seu portão principal, constava os seguintes escritos: “Um esporte útil à Nação”, com um logotipo da Confederação Brasileira de Tiro (TIROFLU, 2011). Este clube recebeu muitos sócios de origem alemã, como Sebastião Wolf, os irmãos Norberto e Oswaldo Schmidt, entre outros. Na sua linha de tiro dois atletas gaúchos se destacaram ao ponto de serem convocados para integrar a equipe nacional, eram eles Dario Barbosa e Sebastião Wolf (TIROFLU, 2011). Para os participantes da Sociedade de Tiro Nacional Porto Alegre, o tiro era de grande necessidade e utilidade para a sociedade. Esta instituição também abriu suas portas para pessoas que não eram sócias, a fim de se exercitarem na prática do tiro (TIRO..., 1907).

⁴ Neste evento, Sebastião Wolf ficou em 2º lugar na prova classe especial – distância de 300 metros – fusil Mauser e em 1º lugar na disputa de tiro a 500 metros. Dario Barbosa ficou em 2º lugar na prova de revólver de guerra a 50 metros e Sebastião Wolf em 3º lugar. A sociedade de Tiro foi fundada em Porto Alegre em 1906 pelo Srs. Coronel Natalício Martins, Tenente Arthur Baptista e Carlos Drügg, ora reconhecida conta aproximadamente com 1.000 sócios, sendo que no mês de maio último foram aceitos para mais de 300 (TIRO..., 1908, p. 1)

Figura 1 - Estande do Tiro 4



Fonte: FERREIRA, 2012.

Uma das primeiras informações encontradas sobre a vida esportiva de Dario Barbosa remete aos primeiros encontros internacionais de tiro disputados na América do Sul, denominados Torneio do Centenário da Argentina (1910) e os Jogos Pan-Americanos de Tiro (1912), que foram promovidos pelo Tiro Federal Argentino, em Buenos Aires. Neste último, Dario Barbosa, juntamente com Sebastião Wolf e Alberto David Pereira Braga, obteve uma medalha de bronze por equipe na prova de revólver, logo atrás dos argentinos e chilenos e à frente da equipe norte-americana (FEDERAÇÃO MARANHENSE DE TIRO ESPORTIVO, 2012). Para além dos eventos realizados em Porto Alegre, pelo Clube de Tiro nº 4, onde figurou diversas vezes nos primeiros lugares, participou em 1914 do Campeonato de Tiro a Revólver, no Rio de Janeiro em 23 de dezembro, obtendo o 2º lugar. Nesta época já era reconhecido como um veterano no tiro de revólver.

Sebastião Wolf foi o mais conhecido atleta e dirigente do Clube de Tiro nº 4. Proveniente de uma família de origem alemã, muito conhecida no Rio Grande do

Sul, que deu origem a vários atiradores, este atleta foi um excelente atirador de armas curtas e também de fuzil, conquistando vários títulos gaúchos e brasileiros (FEDERAÇÃO MARANHENSE DE TIRO ESPORTIVO, 2012). Venceu o campeonato brasileiro de revólver em 1915, promovido pela CBT, estabelecendo um novo recorde brasileiro. Participou também, em 1922, dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos⁵, nas comemorações do Centenário da Independência (FERREIRA, 2012).

Conforme as informações obtidas no jornal Correio da Manhã dos dias 24 e 26 de junho de 1932, Sebastião Wolf faz parte da delegação brasileira de tiro que foi enviada aos JO em Londres, pela CBD. Complementando a informação, o Jornal A Federação (SEBASTIÃO..., 1936) reforça a notícia da participação deste atleta nos JO de 1932, relatando que o mesmo não chegou a atirar por motivos conhecidos de todos. Não foram localizados nas fontes os motivos que impediram a participação deste atleta no evento (A PARTIDA..., 1932).

Posteriormente ao convite do governo belga, para que o Brasil fizesse parte dos JO de Antuérpia, algumas notas nos jornais já cobravam uma posição do governo brasileiro, como por exemplo:

Em seu número de hoje “O PAIZ”, comentário a ação da Confederação Brasileira de Desportos, que trabalha ativamente para que a nossa representação obtenha completo êxito nas Olimpíadas de Antuérpia, clama contra o silêncio do Governo, que apesar de receber convite, até agora nada fez para amparar a nossa representação, como fazem todos os países europeus e americanos (AS OLIMPIADAS..., 1920, p. 2).

Nesse caminho, Roberto Trompowsky, que viria a ser o chefe da delegação brasileira nos JO de 1920, enviou correspondência intitulada “O apelo da Confederação Brasileira de Desportos” para a Federação Metropolitana de Desportos e Federação Rio Grandense de Desportos. A correspondência, publicada no Jornal A Federação, trata sobre o convite que o Comitê Olímpico Nacional recebeu do governo belga, para que o Brasil fosse representado nos JO de 1920,

⁵ Resultados: Distância 25 Metros - Revólver de Guerra – 60 tiros: 1) 1º Tenente Guilherme Paraense: SCFR – 508 pontos, 2) 1º Tenente Antônio Ferraz da Silveira: FFC – 490 pontos, 3) Cuning: ARG – 490 pontos, 4) Sebastião Wolf: Tiro 4 – 448 pontos. Distância 50 metros - Pistola Livre – 60 tiros: 1) Sebastião Wolf: Tiro 4 – 483 pontos, 2) Afranio Costa: FFC – 481 pontos, 3) Cuning: ARG – 472 pontos. Distância 3.300 metros - Fuzil Militar - 3 Posições - 60 tiros: 1) Capitão Dilermando Cândido de Assis (TIROFLU, 2012c).

onde a CBD seria a responsável pela organização da delegação brasileira. Roberto escreveu:

Pela primeira vez um pugilio de brasileiros se defrontará com os mais altos expoentes do atletismo mundial, numa competição de agilidade e força [...] Assim, tendo aceito a honrosa incumbência que lhe foi acometida, resolveu esta Confederação iniciar imediatamente os trabalhos necessários para a apuração dos elementos capazes de representar o Brasil naquele concurso para o que preliminarmente, deliberou admitir na delegação desportiva brasileira elementos individuais estranhos às entidades confederadas, visto que essa delegação irá representar não somente esta Confederação, mas sim o Brasil. (SPORTS...,1920, p.5).

A CBD, descontente com a demora na organização da delegação devido ao lento retorno das representações estaduais, publicou em sua coluna no Jornal O PAIZ uma chamada pública:

Em vista de até a presente data, não ter esta seção recebido resposta das diversas entidades dos Estados, em relação ao nome dos *sportsmen* habilitados a representar o Brasil em Antuérpia, na qualidade de encarregado desta parte, convido todos os brasileiros que desejam representar o nosso pavilhão no estrangeiro, a se inscreverem até o dia 2 do mês próximo vindouro, na sede da Liga Metropolitana, á rua Buenos Aires, n.136, sobrado, nas provas abaixo discriminadas, afim de serem apuradas as suas condições. 1ª prova – Às 12 horas – Salto em altura, com corrida; 2ª prova – Salto de vara; 3ª prova – Corrida rasa, em 100 metros; 4ª prova – Corrida rasa, em 400 metros; 5ª prova – Corrida rasa, em 1.600 metros; 6ª prova – Lançamento de peso; 7ª prova – Lançamento de disco; 8ª prova – Lançamento de peso (três posições exigidas pelo programa oficial dos Jogos Olímpicos); 9ª prova – Corrida de barreira, em 130 metros; 10ª prova – Trio Jorge Lopes (exercício de paralelas); 11ª – Match de futebol, entre o time do Santos F.C. e um clube carioca (SPORTS...,1920, p. 9).

Outras ações no sentido de ver o Brasil representado nos JO de 1920 surgiram como, por exemplo, a iniciativa do Senador Mendes de Almeida, que solicitou ao Presidente da República o auxílio do governo, requerendo também, em nome da Confederação Brasileira de Desportos, a cessão de um navio do Lloyd para a condução e estadia dos representantes brasileiros (AS OLIMPÍADAS..., 1920). O jornal Correio da Manhã manifestou-se na época contra a atitude da Câmara dos Deputados, que demorou na discussão do projeto que previa a concessão de crédito para o Brasil participar dos JO, relatando ainda que o valor que poderia ser reduzido

pela metade colocaria os atletas brasileiros em condições de muito difíceis (O BRASIL..., 1920).

Para selecionar os atletas que integraram a equipe de tiro que representou o Brasil nos JO de 1920, diversas provas eliminatórias foram realizadas. Uma delas foi realizada nos stands do Revólver Club do Fluminense Football Club, no Rio de Janeiro, entre os atiradores de revólver do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Após o término das provas, a comissão resolveu organizar a 2ª eliminatória, que foi realizada simultaneamente no Rio de Janeiro e em Porto Alegre (O BRASIL..., 1920). As eliminatórias⁶ realizadas em Porto Alegre despertaram grande interesse, visto que o Clube de Tiro nº4 concorreu com os seus melhores atiradores, entre eles Dario Barbosa e Sebastião Wolf. A CBD convidou para ir para o Rio de Janeiro, participar nas definitivas provas eliminatórias, os classificados na eliminatória anteriormente citada, onde foram escolhidos os atiradores que representaram o Brasil nos JO.

Os atiradores sul-rio-grandenses participaram de eliminatórias no Rio de Janeiro, para compor a delegação brasileira na Antuérpia. A última foi realizada no stand do Revólver Club do Fluminense, conforme nota abaixo:

No Stand do Revólver Club realizaram-se ante-hontem as últimas eliminatórias para as próximas Olympiadas de Anvers". Compareceram todos os classificados na 2º eliminatória. Com a classificação de Fernando Soledade, 2º Tenente Mario Maurity e Alberto Pereira Braga ficam assim a lista de classificados na 3º e última eliminatória promovida em todo o Brasil. A classificação foi a seguinte: 1º Tenente Guilherme Paraense – 552 pontos; Sebastião Wolf – 540 pontos; 2º Tenente Mario Maurity – 539 pontos; Dr. Afrânio Costa – 536 pontos; Alberto Pereira Braga – 530 Pontos; Dr. Dario Barbosa – 529 pontos; João Conrado Wolf – 525; 1º Tenente Demerval Peixoto – 524 pontos; 1º Tenente Izalino de Pinho – 524 pontos; Norberto Schmidt – 522 pontos. Ficaram terminadas as provas de revólver e serão apresentados os nomes dos 11 (onze) atiradores classificados, marcando porém o número de 7 (sete) atiradores inscritos por cada nação. A comissão resolveu que os 11 devem continuar na forma, sob sua fiscalização até as proximidades da partida, sendo então dentre os 11, tirados 7 daqueles que estiverem em sua melhor forma (ELIMINATÓRIAS..., 1920, p. 6).

⁶ Classificação - Provas de revólver: Sebastião Wolf - 533 pontos, Dario Barbosa – 529 pontos, Norberto Schmitt - 522 pontos, João Conrado Wolf – 521 pontos; Provas de Fuzil: Evaldo Schmitt – 275 pontos, Sebastião Wolf – 257 pontos, João Goulart, Roberto Schmitt E Ernesto Alves de Oliveira – 256 pontos.

Porém, mesmo com a classificação já garantida, não seria tão fácil embarcar para a Antuérpia, visto que a delegação aguardava a formação da equipe de futebol para poder rumar para a Bélgica. O adiamento na partida preocupou os dirigentes da CBD, que temiam não chegar a tempo para o evento. A delegação brasileira que embarcou para a Antuérpia, chefiada por Afrânio Costa, foi composta pelos atletas: Guilherme Paraense, Sebastião Wolf, Fernando Soledade, Mario Maurity, Demerval Peixoto, Dario Barbosa e Afrânio Costa (O BRASIL..., 1920).

A comitiva embarcou para a Antuérpia no dia 1º de julho, no vapor *Curvello* do Lloyd Brasileiro, cedido pelo governo do presidente Epitácio Pessoa. As passagens eram da primeira classe, mas ao chegar ao navio os atletas foram informados pelo comandante Reis Júnior que só poderiam usar os alojamentos da terceira classe. O comandante permitiu que a delegação dormisse no restaurante do navio, onde os atletas estendiam suas camas no salão de refeições depois da saída do último cliente, no caso um passageiro excêntrico que tomava um copo de groselha todos os dias às 23h. E tinham que estar de pé antes da chegada do primeiro freguês, neste outro caso um inglês não menos excêntrico que às 6 horas da manhã se servia da primeira dose de gim do dia (CARDOSO, 2000).

Devido à saída tardia dos atletas em direção a Antuérpia, o comandante do navio informou ao chefe da delegação, Roberto Trompovsky, que somente chegaria a Antuérpia no dia 5 de agosto. Seria impossível então seguir viagem de navio até o destino, pois as provas estavam marcadas para começar no dia 27 de julho. O chefe da delegação via telégrafo, enviou uma mensagem ao Comitê Organizador em Antuérpia pedindo o adiamento da competição, que jamais foi respondido. Outra mensagem enviada à CBD, no Rio de Janeiro, pedindo um reforço de verba também ficou sem resposta. Esse seria somente o começo dos problemas que a delegação enfrentaria para participar dos JO de 1920 (CARDOSO, 2000).

A solução para chegar a tempo de participar dos Jogos foi encontrada dentro do navio mesmo, e a delegação desembarcou em Lisboa (Portugal) e seguiu viagem de trem até Bruxelas (Bélgica). Na escala em Bruxelas, enquanto aguardavam a conexão do trem para Antuérpia, os atiradores foram roubados e ficaram sem parte da munição e dos alvos. Uma perda providencial, pois material não era de boa qualidade e como será relatado posteriormente, a solução encontrada foi de extrema importância para o resultado obtido. Apesar de falta de dinheiro e da total improvisação em cada passo que se dava, finalmente chegaram ao destino (O

BRASIL..., 1920, CARDOSO, 2000). Sobre a viagem, o chefe da delegação de tiro, Afrânio Costa, escreveu em seu relatório:

Má organização das linhas férreas, a travessia das fronteiras, já de si difícil, impossível quase, com as armas e munições, tudo consideravelmente se agravou pela falta de dinheiro e pela nenhuma providência ou notícia a respeito da nossa passagem". "Aumentar ainda, a alimentação era péssima e escassa, pois, naturalmente, os recursos particulares do Dr. Roberto Trompowsky, o esforçado chefe da delegação, que conosco seguira, deveriam ser economizados, para não passarmos fome na longa travessia. A travessia de Lisboa a Beverloo foi feita nas piores condições imagináveis, mas as únicas possíveis, pela urgência do tempo. Em toda ela foi sempre a figura do Dr. Roberto Trompowsky Junior um belo exemplo de dedicação e trabalho; em sua solicitude habitual, em meio a enorme confusão dos caminhos de ferro, transportes e etc, era sempre pronta a animar e facilitar as dificuldades que surgiam; e graças principalmente a sua eficaz interferência pôde a equipe alcançar a participação nas Olimpíadas (O BRASIL...,1920, p. 8).

A chegada da equipe de tiro a Antuérpia estava longe de representar o fim das dificuldades dos atletas. Afrânio Costa descreveu em seu relatório que foi difícil até localizar a sede do Comitê Executivo dos Jogos, pois o mesmo havia mudado várias vezes de lugar, sem deixar indicação do novo local. Resolvido mais este problema, os atiradores foram instalados nos alojamentos dos oficiais, mobiliado apenas com uma cama de ferro, uma bacia de folha e uma mesa de pinho, e as refeições eram modestas e caríssimas (O BRASIL..., 1920, CARDOSO, 2000).

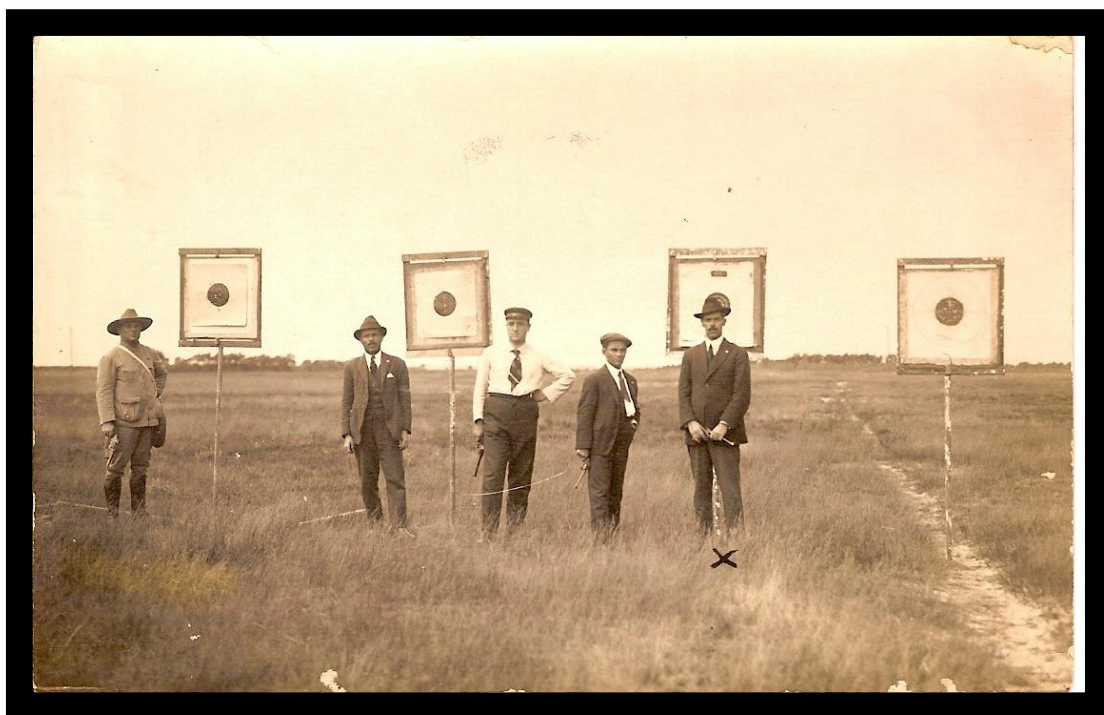
Com a total falta de material, que havia sido roubado na escala em Bruxelas, Afrânio Costa se dirigiu ao comitê organizador dos JO para pedir informações sobre como seria a rotina de treinamento em solo belga. A resposta obtida apenas ressaltava a falta de estrutura: "exercitem-se em qualquer lugar". O mesmo indagou sobre a falta de alvo, trincheiras, marcadores, enfim o necessário para o preparo do tiro. A resposta recebida foi: "Havendo os alemães destruído os stands belgas, o tiro será em campo aberto" (O BRASIL...,1920). Dava para entender que não haveria auxílio algum por parte do Comitê, cada um teria que conseguir o material necessário.

Não seria possível diante de todos os fatos alimentar qualquer sonho ou desejo de realizar uma boa participação, somente restava tentar superar a situação indo a busca de material para treinos e competição. Afrânio Costa, notando o conforto dos atiradores norte-americanos no evento, escreveu:

A noite procurei aproximar-me dos americanos, cujo conforto era notável, e não necessitavam mendigar esmolas do seu governo para o seu sustento. Era o único recurso para remediar os desfalques que houveramos sofrido em alvos e munições. Lano e Backer, dois famosos campeões, jogavam uma partida de xadrez, fui peruar o jogo e a folhas tantas arrisquei uma opinião na partida, acharam boa; Dalí por diante entraram em franca camaradagem, Ao fim da noite já me haviam dado mil cartuchos 38, mil cartuchos 22 e 50 alvos, material fabricado expressamente para o concurso. (O BRASIL..., 1920, p. 9).

O campo de treinamento e de provas ficava a três quilômetros de distância dos alojamentos, caminho esse percorrido a pé pelos atletas, que carregaram aproximadamente 25 quilos de equipamentos, cada um, caminhando sobre a areia (O BRASIL..., 1920). No caminho dava para se ver os restos da Guerra: pedaços de carabinas, metralhadoras, cartuchos corroídos. O contraste com a equipe norte-americana era evidente, pois estes percorriam o caminho a bordo de um caminhão, contendo provisões, munições em grande quantidade e armas aperfeiçoadas (O BRASIL..., 1920, CARDOSO, 2000). O local escolhido para a realização das provas de tiro ao alvo foi o campo de instrução e manobras do exercito belga, completamente aberto, era uma imensa planície arenosa, que se estendia por quarenta quilômetros até as fronteiras da Holanda. Afrânio Costa relatou: “No local destinado às provas, nenhum abrigo, nenhuma árvore, onde, nos intervalos, se pudesse descansar” (O BRASIL..., 1920; CARDOSO, 2000).

Figura 2 - Equipe Brasileira de Tiro com Armas de Guerra nos Jogos Olímpicos da Antuérpia



Da esquerda para a direita, Fernando Soledade, Guilherme Paraense, Mário Maurity, Afrânio Costa e Dario Barbosa no campo onde se realizou a prova.
Fonte: <<http://hdl.handle.net/10183/9838>>

No dia 2 de agosto de 1920, a equipe formada por Afrânio Costa, Guilherme Paraense, Sebastião Wolf, Fernando Soledade e Dario Barbosa rumou para o campo de provas, para a competição de pistola livre, ladeados pelos americanos e pelos Sul-africanos. A prova foi iniciada com a equipe brasileira tendo apenas uma arma, emprestada por Alberto Pereira Braga. Nesta primeira prova os brasileiros não ficaram bem classificados, e a equipe americana tomou a liderança, com 1.309 pontos. Afrânio Costa lembra que os atiradores brasileiros, durante as eliminatórias no Brasil, fizeram 1.343 e posteriormente 1.349 pontos, ou seja, com melhores condições, a equipe brasileira poderia ter ido melhor neste primeiro embate (O BRASIL..., 1920).

A inferioridade do equipamento que possuía a delegação de tiro do Brasil era um contraste com os das outras equipes, ficando evidente já nos primeiros disparos. Nesta ocasião, o coronel Synders, capitão da equipe norte-americana aproximou-se do chefe de equipe brasileira de tiro e disse: “Sr. Costa, esta arma não vale nada, vou arranjar-lhe duas feitas especialmente para a nossa equipe pela fábrica Colt”. (O BRASIL..., 1920). No primeiro momento Afrânio Costa contestou a ideia de atirar com a arma dos adversários, mas devido a atitude leal e altamente desportiva

daquele militar, fez com que ele mudasse de ideia. O efeito da excelência das armas verificou-se imediatamente, pois os atletas brasileiros, já começaram a figurar em 3º lugar nas provas (O BRASIL..., 1920). No dia seguinte, Afrânio Costa foi devolver as armas, mas o militar norte-americano não aceitou e pediu que o mesmo fizesse a honra de aceitar a continuar atirando com arma, conforme relata o atleta brasileiro:

No dia 3, pela manhã havendo limpo cuidadosamente as armas, dirigi-me ao alojamento do coronel Synders, para entregar-lhe as armas com os nossos agradecimentos. A minha gratidão transformou-se em profunda surpresa, quando me disse esperar que eu fizesse a honra de continuar a atirar com a arma e que esperava que em 1922, por ocasião do concurso Pan-Americano de Tiro, fosse eu o vencedor da prova. (O BRASIL..., 1920, p. 7).

O ato do chefe da equipe de tiro americana, aliado a habilidade dos atiradores brasileiros, fez com que a partir daquele momento os atletas brasileiros passassem a frequentar os primeiros lugares na competição, passando a frente de famosos atiradores da época. Tudo culminou com as três medalhas conquistadas, um fato surpreendente para a época, pois derrotaram os Estados Unidos, um dos mais fortes concorrentes, e grande candidato ao sucesso em todas as provas de tiro no evento olímpico. Os resultados das provas de tiro nos JO de 1920 foram os seguintes: Pistola (Livre Individual) – 1º lugar Frederick 496 pontos (Estados Unidos), 2º lugar Afranio Costa 489 pontos (Brasil), 3º lugar Lane 481 pontos (Estados Unidos); Revolver (Tiro Rápido Individual) – 1º lugar Guilherme Paraense 274 pontos (Brasil), 2º lugar Bracker, 272 pontos (Estados Unidos); Conjunto (Pistola Livre Equipe) – 1º lugar - Estados Unidos 2.374 pontos, 2º lugar – Suécia 2.289 pontos, 3º lugar – Brasil 2.264 pontos, com Afrânio Antonio Costa, Guilherme Paraense, Sebastião Wolf, Dario Barbosa, Fernando Soledade (O BRASIL..., 1920; COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Figura 3 - Esportistas sul-rio-grandenses da equipe de tiro esportivo do Brasil durante os JO de Antuérpia em 1920



Da esquerda para a direita, Dario Barbosa e Sebastião Wolf.
Fonte: <<http://hdl.handle.net/10183/9862>>.

Mesmo com a espetacular vitória da equipe de tiro esportivo, os problemas financeiros ainda preocupavam a delegação brasileira. O chefe de delegação Roberto Trompowsky por diversas vezes tentou arrumar empréstimos para arcar com as despesas dos atletas. Com a falta de dinheiro para provir o sustento da delegação, para além da comida que era fornecida pelo Comitê Belga, o mesmo se viu forçado a recorrer a amigos, visto que o empréstimo que tentou no Banco Italo-Belga não foi realizado com sucesso, pois o próprio governo brasileiro não de aval para tal, além de discordar do valor pedido e relatar que o possível crédito nem

havia sido votado pelo congresso (RELATÓRIO..., 1921). Escreveu Roberto Trompowsky:

Já nas vésperas da partida do *Pays de Waes*, não dispunha da soma necessária para o pagamento das passagens. Recorri aos Ministros Barros Moreira e Raul do Rio Branco, este último delegado do Comitê Olímpico no Brasil, as graves consequências que adivinham da falta de remessa de urgentes recursos, visto que o não embarque importaria na permanência nossa por mais dois meses na Europa. Enquanto esses distintos amigos se comunicavam com o governo, dirigi-me ao Lloyd Belga, para tentar uma providência salvadora. Fui feliz na tentativa, pois os distintos diretores da companhia acederam a proposta que lhe fiz e pagar uma parte do preço das passagens a vista e o restante no Brasil. Ao sair da conferência recebi a notícia de que o Exmo. Sr Presidente da República fizera remeter 40:000\$ para a embaixada esportiva. (RELATÓRIO..., 1921, p. 4).

No dia 15 de setembro de 1920 a delegação partiu em direção ao Brasil, e em Porto Alegre, o conselho deliberativo do Clube de Tiro n.4 preparou uma recepção aos seus atiradores Sebastião Wolf e Dario Barbosa, onde seriam oferecidas medalhas comemorativas da representação da equipe brasileira de tiro, da qual os atiradores sul-rio-grandenses fizeram parte (VÁRIAS..., 1920).

De acordo com o que foi noticiado no Jornal Correio da Manhã de 12 de agosto de 1921, das emendas aprovadas em plenário, referente ao orçamento de guerra, uma delas se relaciona com os atletas brasileiros que disputaram os Jogos Olímpicos de Antuérpia, em 1920:

A verba 11º, argumenta-se de 23:000\$000 para os seguintes pagamentos referentes aos campeões das Olimpíadas de 1920. 5:000\$000 ao 1º Tenente Guilherme Paraense e 3:000\$000 para cada um dos campeões, totalizando o total acima referido (TIRO DE GUERRA...,1921, p. 2).

Posteriormente a participação nos JO de Antuérpia, não foi encontrada nas fontes, a participação de Dario Barbosa em outros eventos esportivos. Sebastião Wolf participou ainda das provas do Centenário em 1922, vencendo as provas de pistola a 50 metros entre outras provas regionais, como o Campeonato Terra Farroupilha e o Campeonato 24 de maio, e foi diversas vezes dirigente do Clube de Tiro n.4. Sebastião Wolf faleceu em 15 de Março 1936 e Dario Barbosa em 25 de setembro de 1965, ambos em Porto Alegre (SEBASTIÃO..., 1936; FEDERAÇÃO MARANHENSE DE TIRO ESPORTIVO, 2012).

Em 1923 surgem notícias sobre a instalação do CNO – Conselho Nacional Olímpico, no Rio de Janeiro. Este órgão, que tinha o apoio do Ministro das Relações Exteriores, Felix Pacheco, teria por função primeiramente fazer o Brasil ser representado dignamente nos próximos JO, em Paris no ano de 1924 (OS ATIRADORES..., 1923).

3.2 OS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS (1924)

Em 1924 a capital da França recebeu os JO pela segunda vez, tendo sido a primeira em 1900. Os Jogos de 1924 foram levados para Paris atendendo a um desejo do Barão de Coubertin, que queria apagar da memória os Jogos de 1900, antes de passar o cargo para o próximo dirigente do COI. Conseguiu, mas toda a produção imaginada pelo governo francês não passou de intenção. A falta de recursos chegou a colocar em risco a realização do evento, tanto que o COI chegou a consultar outra cidade para a realização dos Jogos, temendo que o evento não pudesse ser realizado. A cidade Los Angeles, que havia sido escolhida para sediar os Jogos de 1932, foi consultada sobre a possibilidade de antecipar sua vez. Os americanos responderam positivamente, o que serviu para despertar os franceses, tanto que em 1923 o governo liberou 4 milhões de francos para a construção do estádio com capacidade para 60 mil pessoas (CARDOSO, 2000; RUBIO, 2006).

Ao lado do estádio foi construído um conjunto habitacional para servir de alojamento às delegações, o que não poderia ser chamado de Vila Olímpica, pois de acordo com Cardoso (2000, p. 119), no livro *La Fabuleuse Histoire des Jeux Olympiques*, Gui Lagorce e Robert Parienté assim descrevem a obra: “O estádio sem beleza se situa num subúrbio triste onde se constrói o que será tratado de Vila Olímpica, mas não passa de um amontoado de horrendas cabanas de madeira, sem conforto nem alegria”. Às vésperas dos Jogos, uma enchente monumental fez o rio sena transbordar e inundar a cidade, quase colocando o risco o sucesso do evento (CARDOSO, 2000).

O mundo se apressava em apagar da memória as lembranças da Primeira Guerra Mundial, mas as sequelas do conflito estavam ainda muito aparentes na Europa. Países como Alemanha, Áustria e Rússia não enviaram suas delegações, alegando falta de segurança para seus atletas, pois as consequências da guerra ainda pairavam sobre o continente europeu. Diante de pouco conforto oferecido pela

Vila Olímpica a delegação americana preferiu ficar alojada no navio que os levou até Paris. (CARDOSO, 2000, RUBIO 2006). Ao contrário do que havia ocorrido 24 anos antes, quando os JO foram disputados no meio das gigantescas celebrações da Feira Internacional de Paris, onde os 1.066 atletas representando vinte países se perderam no meio de um intenso calendário de festas, o novo evento foi preparado com todo o cuidado para que nada distraísse as atenções do público. Tal preocupação pode ter influenciado no número de países participantes, que havia sido de 29 nos Jogos anteriores, neste evento saltou para 44, que enviaram 3.092 atletas a Paris (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

A participação brasileira era esperada diante do sucesso que a equipe de tiro havia conquistado na edição anterior, sendo assim, foi concedido pelo governo do presidente Arthur Bernardes 350 contos de réis para a preparação e viagem da delegação aos Jogos de Paris. Entretanto, problemas dentro da CBD, entidade responsável pela equipe brasileira diante do COI, levou à cassação da verba e a retirada oficial da inscrição (MARINHO, 1980, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO 1977 *apud* RUBIO 2006).

Diante de tal fato, surgiram campanhas para arrecadar fundos com o objetivo de enviar a delegação brasileira aos Jogos de Paris. A Federação Paulista de Atletismo percebeu a delicada situação, que por causa das deficiências administrativas da CBD, colocava em risco a participação do Brasil, e tomou a iniciativa de angariar fundos, por meio de subscrição pública, patrocinada pelo jornal O Estado de São Paulo. Tratava-se de um apelo que tinha o caráter de extrema urgência, o que impediu qualquer nova solicitação ao Governo Federal e também aos governos Estaduais e Municipais. A lista de obtenção de fundos, da qual Antônio Prado Júnior foi o primeiro e maior subscritor, e tendo o Jornal O Estado de São Paulo também contribuído com sua parte, fez com que dentro de algumas semanas se obtivesse o valor suficiente para as despesas de viagem e de estadia de uma pequena delegação (MARINHO, 1980, CARDOSO 2000, RUBIO, 2006).

Em São Paulo, Antônio Prado Júnior e José Ferreira Santos empenharam-se, para que a inscrição do Brasil nos JO de Paris que havia sido cancelada, fosse devidamente revalidada, o que foi conseguido plenamente, pois o Comitê Olímpico Internacional estava solidário com a iniciativa. Nesse caminho, no dia 27 de maio de 1924, embarcou em Santos com destino a *Cherbourg*, na França, a delegação brasileira composta por 12 atletas: três remadores, um atirador e oito homens para

as provas de atletismo, sendo um deles Willy Richard Franz Seewald, o único atleta sul-rio-grandense a participar desta edição dos Jogos, sendo que neste evento nenhuma medalha foi conquistada pelos atletas brasileiros (MARINHO, 1980, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004, MADURO; MAZO, 2009).

Figura 4 - Equipe de Atletismo brasileira nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Janice Mazo.

Willy Richard Franz Seewald nasceu em cinco de novembro de 1900, no município de Taquara, no Rio Grande do Sul, cujo pai era um imigrante alemão que chegou ao Brasil em 1896, e a mãe uma descendente de imigrantes alemães nascida no município de Montenegro (MÜLLER, 1986 *apud* MAZO; MADURO, 2009). Willy jogou futebol no Clube Nacional de São Leopoldo, quando tinha 18 anos de idade e depois se dedicou ao atletismo. Tinha uma irmã e um irmão, também desportistas (NECROLOGIA, 1929, MAZO; MADURO, 2009).

Como a maioria dos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros), a família Seewald frequentava a *Leopoldenser Turnverein* (Sociedade Ginástica de São Leopoldo), fundada em 01 de setembro de 1885 na cidade de São

Leopoldo (MAZO *et. al*, 2012), onde os irmãos Seewald faziam sessões de ginástica alemã à noite, após o trabalho diário na fábrica de móveis da família, e nos finais de semana participavam de outras atividades esportivas e sociais (MAZO; MADURO, 2009). Willy aprendeu com o pai o ofício de marcenaria e, quando começou a praticar o atletismo, decidiu que fabricaria seus próprios dados. Para produzir os dardos, Willy utilizava uma madeira especial dividida em três partes, as quais eram coladas, para diminuir a vibração e “tinha outros segredos para fazer os dardos que ele não contava” (SEEWALD, 2001, p. 7 *apud* MAZO; MADURO, 2009).

Em 1920 e 1921, conquistou o campeonato estadual de lançamento de dardo. Em 1922, por ocasião das provas realizadas no Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário da Independência, venceu o Campeonato Sul americano de Dardo, onde conquistou o recorde sul-americano com a marca de 54,515 metros na qualificação no dia 9 de setembro, e 56,3885 metros ao conquistar a medalha de ouro na final do dia seguinte (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2012). O triunfo de Willy espantou a todos, e o atleta voltou ao seu Estado coberto de glórias, prosseguindo na prática de seu esporte preferido (NECROLOGIA..., 1929, O PRIMEIRO..., 1951). Nesta época o atletismo nacional estava ainda em seus primeiros passos, ao passo que o futebol se profissionalizava, enquanto os esportes olímpicos, sem a mesma possibilidade, ficaram ao largo e com crônica dificuldade financeira para seu mínimo sustento (SARMENTO, 2006).

Com seus dardos, ele superou índices regionais, nacionais e sul-americanos, mas a grande surpresa foi sua convocação para, junto com atletas cariocas e paulistas, fazer parte da delegação brasileira que disputaria a oitava edição dos JO, na cidade de Paris, na França, em 1924. (MAZO; MADURO, 2009). A escolha de Willy para participar dos JO de 1924 foi além de eliminatórias para a escolha de atletas, como descrito abaixo:

Realizou-se a competição e atletismo, em São Paulo, para o preparo de selecionado que vai compor a delegação brasileira em Paris. Os representantes cariocas não se conformaram, como se sabe, com a diretoria da Federação Paulista, a respeito da escolha de atletas, pois estes, impuseram a aquela Federação que, colocados ou não na competição, deveriam ser colocados na embaixada. A Federação Paulista, convidou independente de concurso, os atletas cariocas Bianchi e Santos e o atleta sul-rio-grandense Seewald. Foram feitas numerosas provas, sendo colocados em primeiro lugar Jorge Gioanetti, José Galimbarti, Eurico Freitas, Oliveira Ribeiro, Raul Bollenger, A. Byington, Narciso Costa e Alfredo Gomes (O

BRASIL...,1924, p. 4).

De acordo com o que mostram as fontes Willy Seewald não conseguiu reproduzir em Paris o mesmo sucesso que obteve em competições anteriores, pois não estava preparado, e não conseguiu lançar seu dardo além dos 48 metros, sendo desclassificado da competição. Diversas fontes indicam classificações diferentes para Willy Seewald, nos JO de 1924, a saber: 49,39m, Eliminado 9º lugar na primeira eliminatória (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004); 18º lugar entre 29 atletas, com lançamento de 49,39 metros (MARINHO, 1980) e sexto lugar (MADURO; MAZO, 2009). Em 1925 reapareceu no campo do Jardim América defendendo as cores do Rio Grande do Sul no primeiro Campeonato Brasileiro de Atletismo, vencendo a prova de arremesso de dardo com 50,11 metros (O PRIMEIRO..., 1951).

Nos dois anos que seguiram, sagrou-se campeão brasileiro e sempre mantendo o mesmo nível técnico, em 1926, alcançou 56,17m e, no Campeonato Sul-Americano de Atletismo de 1927, atingiu a marca de 54,90m (CONTRA RELÓGIO, 1997 *apud* MADURO; MAZO, 2009).

Nessa época Willy Seewald parece que começou a declinar no atletismo nacional, permanecendo afastado das grandes competições. Assim, no Campeonato Brasileiro de 1928 não participou, passando então a prova de dardo a ser vencida pela primeira vez por outros concorrentes (O PRIMEIRO..., 1951).

Willy faleceu em 1929, com apenas 28 anos de idade, em Canoas, Rio Grande do Sul, conservando o recorde que estabeleceu por muito tempo. Sua morte foi profundamente sentida, sendo noticiada em diversos jornais do país. O atleta que deixou a viúva Frida Wittrock Seewald, filha do Capitão Ernesto Wittrock, também residente em Canoas. O corpo foi transportado para São Leopoldo, onde foi sepultado (NECROLOGIA...; 1929).

Depois da surpreendente estreia na Antuérpia e após passar por Paris sem conquistar medalhas, o Brasil não participou da edição de 1928, alegando problemas financeiros. Na edição de 1932, em Los Angeles, não havia representantes do Rio Grande do Sul, sendo que a próxima participação de uma delegação brasileira ocorreu em 1936, em Berlim, na Alemanha.

3.3 OS JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM (1936)

A Alemanha se candidatou para realizar os JO de 1916, mas diante da eclosão da I Guerra Mundial viu sua vontade ser adiada. No dia 26 de maio de 1930, os membros do Congresso Olímpico reuniram-se na Universidade de Berlim, a fim de ouvir a solicitação alemã, para que os XI Jogos Olímpicos fossem realizados nesta cidade. Posteriormente em 1931, os membros de COI, em votação realizada pelo correio, escolheram Berlim como sede dos Jogos de 1936, sem imaginar as transformações por que passaria o mundo até a realização dos Jogos, visto que durante o período que se decidiu realizar os JO na Alemanha e a abertura dos Jogos, Adolf Hitler subiu ao poder, em Janeiro de 1933. Houve muito temores quanto à realização dos JO na nova Alemanha nazista, mas, objetivando manter a política fora do esporte, o COI decidiu não alterar seus planos, apesar de todos os protestos dos que se opunham ao III reich⁷ (HOLMES, 1974, CARDOSO, 2000, FERREIRA, 2007).

Uma edição dos JO em Berlim seria uma coisa, com Hitler no poder seria outra completamente diferente. Os nazistas consideravam os JO “um infame festival promovido pelos judeus”. Depois que Berlim foi escolhida como sede olímpica, o *Volkischer Beobachter*, órgão oficial do partido nazista, prometeu: “Quando Hitler chegar ao poder, a anarquia olímpica desaparecerá da Alemanha”. (CARDOSO, 2000, p.166). Quando Hitler chegou ao poder deu-se conta do imenso potencial de propaganda dos Jogos, mudou de opinião, pois estava ali a oportunidade de mostrar ao mundo as maravilhas da nova Alemanha. O ministro da Propaganda do Terceiro Reich, Joseph Goebbels, declarou: “Em 1936 receberemos todos os povos da Terra e mostraremos a eles o quanto é capaz o povo alemão” (CARDOSO, 2000, p. 166).

O comandante da nação Alemã sabia que os olhos do mundo estariam voltados para o seu país e milhões de francos foram gastos para assegurar que o evento fosse mais do que uma simples demonstração atlética, objetivando propagandear III Reich. Pela primeira vez os Jogos seriam usados como instrumento publicitário do governo da nação que lhes servia de anfitriã, tornando-se um dos primeiros exemplos da interferência política no mundo esportivo. Pela primeira vez,

⁷ Alemanha Nazista, também chamada de Terceiro *Reich* é nome que dá ao período de governo que se estabeleceu na Alemanha entre 1933 a 1945, enquanto era liderada por Adolph Hitler e o Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (NSDAP).

também, alguns países faziam objeções para a participação de seus atletas nos Jogos, por não concordarem com o regime nazista. Nos Estados Unidos, Ernest Lee Jancke, membro do COI, iniciou uma campanha contra a participação Americana, e na Europa grupos de militantes tentaram realizar Jogos alternativos, para concorrer com os de Hitler. Os Jogos Populares de Barcelona, o evento alternativo que esteve mais próximo de obter algum êxito, conseguiu reunir mais de 1.000 pessoas. Os franceses também embarcaram na onda de críticas ao evento na Alemanha, porém todos esses levantes se resumiram a atitudes e manifestações isoladas, visto que os muitos governos e entidades esportivas preferiram ignorar o que acontecia na Alemanha (HOLMES, 1974, CARDOSO, 2000).

Os defensores da realização dos Jogos em Berlim bradavam que esporte e política não se misturavam, apoiados na declaração do Presidente do COI, que afirmou: “somos um grupo esportivo, organizado e preparado para promover o esporte com lealdade. Se deixarmos a política, as questões sociais, as disputas raciais imiscuírem-se em nossa ação, aí sim, teremos problemas” (CARDOSO, 2000, p. 167). O Conde Baillet-Ltour, presidente do COI, que disse rejeitar as tendências políticas, temporizou, em uma entrevista concedida a Revista *L'auto*, de Paris, a propósito da campanha declarada nos Estados Unidos em prol do boicote aos JO. O dirigente afirmou que os meios esportivos norte-americanos não deixariam de preparar e realizar a sua participação nos Jogos, acrescentando que o motivo olímpico esportivo não se deixaria jamais arrastar pelas paixões de ordens políticas (BERLIM..., 1936).

Porém não foi isso que aconteceu nesta edição dos Jogos, começando com os atritos entre o chefe da nação alemã e o presidente do COI e a tentativa de destituição do judeu Theodore Lewald da chefia do comitê organizador dos jogos, após a edição dos Decretos de Nuremberg⁸, que declaravam serem os judeus uma

⁸ As Leis de Nuremberg, como ficaram conhecidas, não definiam um/a "judeu/judia" como alguém que possuísse uma crença religiosa específica. Pelo contrário, qualquer cristão que tivesse três ou quatro avós judeus era identificado como judeu, independentemente do fato daquela pessoa se considerar judia ou pertencer à comunidade religiosa judaica. Muitos alemães que jamais seguiram ou praticaram o judaísmo tornaram-se vítimas do terror nazista. Mesmo aqueles que haviam se convertido ao cristianismo, bem como seus filhos e netos, nascidos e criados como cristãos, eram definidos como judeus pelos nazistas. Por um breve período, após o decreto das Leis de Nuremberg, nas semanas antecedentes e durante os Jogos Olímpicos realizados em Berlim, em 1936, o regime nazista diminuiu seus ataques antisemitas e até removeu de locais públicos alguns dos cartazes que diziam "Judeus não são bem-vindos aqui". Hitler não queria que críticas internacionais sobre seu governo discriminatório pudessem resultar na transferência dos Jogos para outro país, pois tal perda seria um grande desastre para o prestígio alemão (UNITED STATES..., 2012, p.1).

sub-raça. Hitler alegou que a Alemanha era ele quem governava, porém o Conde o presidente do COI respondeu que no momento em que fosse hasteada a bandeira olímpica aquele território passaria a ser Olímpia, e sob a égide do Olimpismo seria governada. Hitler, sabedor da importância e abrangência daquele evento, recuou (CARDOSO, 2000, RUBIO, 2006). Esta edição dos JO levou também cerca de 3 mil jornalistas para Berlim, visto a publicidade gerada em torno do evento ou pela curiosidade em saber o que ocorria naquela época na Alemanha (RUBIO, 2006, FERREIRA, 2007).

Outro componente introduzido nestes Jogos foi a divulgação de um quadro de medalhas. Os alemães queriam demonstrar para o mundo, com fatos, quem eram os vencedores. Segundo Huizinga (2001, p. 57) “em todos os jogos, é muito importante que o jogador possa gabar-se a outros de seus êxitos”. Neste caso, a Alemanha podia se gabar através do quadro de medalhas, reforçando a propaganda nazista de um Estado superior aos demais.

Diferentemente da edição anterior, nos JO de 1936 o Brasil chegou com duas delegações, sendo uma organizada pelo COB e outra formada pela CBD, somando-se ao final 94 atletas, sendo estes seis eram mulheres. O COB, fundado em 1935, tinha o reconhecimento do COI, enquanto a CBD contava com o respaldo das federações esportivas internacionais, e o que era mais importante, o apoio do governo federal. O presidente da CBD era Luís Aranha, irmão de Osvaldo Aranha, todo poderoso ministro e mais tarde embaixador do governo de Getúlio Vargas (MARINHO, 1980, CARDOSO, 2000, RUBIO, 2006).

Tais divergências sobre quem representaria o Brasil nos JO foram manchetes nos Jornais, tal como a matéria veiculada no Jornal Correio da Manhã de 19 de junho de 1936: “Não poderão competir em Berlim”. A matéria trata sobre um ofício do Ministério das Relações Exteriores, recebido pela CBD, que comunicava que o Comitê Olímpico alemão havia informado que os remadores selecionados pelo COB não poderiam participar dos JO de Berlim, uma vez que a entidade a que pertenciam não tinha filiação internacional. Tal declaração foi comentada com satisfação aos que apoiavam a CBD, pois tais atletas não poderiam tomar parte nos jogos, e se quer se hospedar na Vila Olímpica. (NÃO PODERÃO..., 1936, p. 11).

Os dissidentes, como eram conhecidos os componentes da delegação organizada pelo COB, recusaram o embaixador do Brasil na Alemanha, como chefe da Delegação Brasileira. As Federações Internacionais de Remo, Natação e

Atletismo estavam solidárias com a CBD, no sentido de não permitir que o grupo participasse dos JO de Berlim. Nesse caminho a CBR - Confederação Brasileira de Remo distribuiu aos jornais a seguinte circular recebida da F.I.S.A.:

As Federações Filiadas: Senhor Presidente: Vos não ignoraes que a Federação Nacional Brasileira, filiada à F.I.S.A., é a Confederação Brasileira de Desportos. Ora, formou-se no Brasil uma Federação Dissidente, não reconhecida pela F.I.S.A., e esta Federação quer enviar remadores para representar o Brasil nas regatas Olímpicas. O Conselho de Administração da F.I.S.A. recusa deixar participar estes remadores nas regatas olímpicas, se sua inscrição não for ratificada ou contra-assinada pela Confederação Brasileira de Desportos. Somos sabedores que uma equipe de remadores da Federação Dissidente Brasileira embarcou com destino à Europa, para participar antes dos Jogos Olímpicos em regatas abertas. De acordo com o art. 1º do Código de Regatas, que diz: "As sociedades de um país federado que não são reconhecidas pela Federação filiada desse país " Não poderão nela intervir; os remadores brasileiros atualmente em caminho para a Europa não poderão tomar parte em nenhuma regata organizada por um clube ou sociedade pertencente a uma Federação Nacional Filiada à F.I.S.A. Emprestamos a maior importância a essa proibição e solicitamos das Federações filiadas tomar medidas para que os clubes organizadores de regatas observem estritamente estas prescrições. As Federações Nacionais serão responsáveis por qualquer eventual infração" (DESPERTA..., 1936, p. 12).

Tais ações não foram suficientes para que o problema fosse resolvido ainda no Brasil, tendo a delegação do COB embarcado antes da delegação da CBD, fazendo com que as duas delegações viajassem desunidas para Berlim. Tão logo chegou a Berlim, a delegação do COB foi alojada na Vila Olímpica. A demora na partida dos representantes da CBD para Berlim foi retratada em matéria do Jornal Correio da Manhã:

Como é do domínio público a CBD, esperava enviar sua representação de remo, atletismo e natação também pelo "San Martin", porém, devido ao presidente do COB ter-se negado a entregar-lhe os passaportes Olímpicos, teve que transferir a partida dos seus representantes para o " Alcântara", que deixará o nosso porto, a 7. Mas, havendo necessidade de acomodar seus interesses, fez com que Fritz Richter, o sculler campeão sul-americano, seguisse ontem, acompanhando os barcos de sua representação de remo. Com o rower gaúcho, seguiu também a guarnição paulista Strata-Paraná, os quais haviam embarcado em Santos. Como essa medida, foi tomada às pressas, "Piá", o esguio barco de Richter, foi descoberto, sem a necessária embalagem, o que lhe ocasionará o

risco de inutilizar-se durante a viagem (OS REPRESENTANTES..., 1936, p. 10).

Os remadores que compunham a delegação da CBD, somente embarcaram rumo aos JO de Berlim, no dia 7 de julho, conforme noticiou a imprensa da época:

Está marcado para hoje o embarque das delegações olympicas brasileiras de remo, natação e atletismo, credenciadas pela Confederação Brasileira de Desportos. Como delegado especial da Confederação seguirá o dr. Souza Ribeiro, que la a incumbência de relatar perante ao Comitê Internacional Olympico a situação criada internacionalmente para o sport nacional em virtude do dissídio. O delegado especial da Confederação leva todos os documentos necessários à elucidação dos acontecimentos deploráveis de que nos temos ocupados ultimamente. Remadores: Frederico Richter, Paschoal Rapuano, Adamor Pinho Gonçalves, Francisco Gomes Marinho, Erico Barreto, Victorio Fallelini S. Strata, José Ramalho, Decio Klettenberg, Octavio Lopes de Aguiar, Aurelio da Costa Sabino, Joaquim Ambrosio de Oliveira, Orlando Ferreira da Cunha, Rodolpho Maria Rath, Nilo Aurelio Franzen, Arno Frazen, Alfredo de Boer, Maximo Fava, Lauro Franzen, Frederico Guilherme Tadewald, Ernesto Sauter, Henrique Kranen, Norberto Eugenio Dich e Severo Dias Laranja" (A CAMINHO...,1936, p. 10).

A delegação da CBD que chegou posteriormente a capital Alemã ficou na estação de trem, onde passou a noite, até que um acordo fosse feito para contornar o impasse. O mesmo somente foi resolvido na noite que precedeu a cerimônia de abertura dos JO, objetivando a fusão das duas delegações. A delegação da CBD teve que ficar alojada em pensões nos arredores de Berlim. (MARINHO, 1980, CARDOSO, 2000, RUBIO, 2006).

Os atletas sul-rio-grandenses eram todos remadores pertencentes a delegação organizada pela CBD, a saber: Alfredo de Bôer, Arno Franzen, Ernesto Sauter, Frederico Guilherme Tadewald, Fritz Richter, Henrique Kranen Filho, Lauro Franzen, Maximo Fava, Nilo Anselmo Franzen e Rudolfo Maria Rath. Tais atletas estavam ligados ao Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre, Clube de Regatas Almirante Tamandaré, Clube de Regatas Vasco da Gama e Clube de Regatas Almirante Barroso, todos da cidade de Porto Alegre.

A dissertação de mestrado de Silva (2011) evidenciou que o remo era um esporte de destaque em Porto Alegre, desde o século XIX. A imprensa escrita também chama a atenção para outros esportes em ascensão na época:

O Rio Grande do Sul, dia a dia, mais se afirma nas lides desportivas. Já não temos só o futebol. Temos também o atletismo em geral. E, o que mais importa, temos atletas de mérito. E os nossos jovens desportistas, depois de sublimarem as nossas marcas maiores, irão levar a outros estados e talvez a outros países a pujança esportiva de nossa terra, e vencerão campeonatos nacionais e continentais, o que conseguimos já no remo, no cestobol e no polo. (O ESPORTE..., 1936, p. 9).

3.3.1 Os remadores do Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre

Em 21 de novembro de 1888, um grupo de jovens de origem germânica fundou Ruder-Club Porto Alegre. Liderados por Alberto Bins, os jovens uniram-se para praticar o remo nos moldes do que era então praticado na Alemanha. A fundação do clube constituiu um importante marco desportivo na capital do Estado, pois foi a primeira agremiação verdadeiramente destinada à prática desportiva uma vez que as já existentes “sociedades de ginástica” eram voltadas à cultura física sem, no entanto, fins competitivos. A primeira sede foi um *chalet* de madeira, perto da atual praça da Alfândega e os primeiros barcos foram trazidos da Alemanha. Quatro anos após o surgimento do Porto Alegre, nasceu a segunda agremiação náutica da cidade, o Ruder-Verein Germânia, igualmente de origem alemã. Em 1936, já com os nomes nacionalizados em função da 1ª Guerra Mundial, o Club de Regatas Porto Alegre e o Club de Regatas Gahyba fundem-se, resultando no Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se a data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre, sendo, por isso, o GPA o clube de remo mais antigo do Brasil (CLUBE DE REGATAS GUAÍBA PORTO ALEGRE, 2012, MAZO *et al.*, 2012). Três atletas deste clube participaram da equipe de remo nos JO de Berlim em 1936: Ernesto Sauter, Henrique Kranen Filho e Rudolfo Maria Rath.

Ernesto Sauter nasceu na cidade de Jaguari no Rio Grande do Sul, em 27 de abril de 1904 e estreou no remo em 1929, porém não foi encontrada nas fontes informações exatas sobre esta competição. Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 5 - Dados sobre a vida esportiva de Ernesto Sauter

DATA	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1931	PAREO CONSELHO MUNICIPAL	1.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1931	PAREO PNEUS GENERAL	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1931	CAMPEONATO GAÚCHO DE NATAÇÃO	-	-	1
1932	PAREO FÓSFOROS GRANADA	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1932	PAREO GREMIO FUTEBOL PORTO ALEGRENSE	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1932	PAREO EMPÓRIO INDUSTRIAL DO NORTE	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1933	PAREOS DE HONRA GENERAL FLORES DA CUNHA E MAJOR ALBERTO BINS	2.000 METROS	ABERTA	1
1934	PAREO EMPÓRIO INDUSTRIAL DO NORTE	3.000 METROS	JÚNIOR	1
1934	PAREO REPÚBLICA PIRATINI	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1934	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1934	PAREO MINISTERIO DE LAS RELACIONES EXTERIORES	-	-	1
1935	II CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1
1935	XXXIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1935	PAREO REPÚBLICA PIRATINI	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1935	PAREO EMPÓRIO INDUSTRIAL DO NORTE	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1935	PAREO DE HONRA RIO GRANDE DO SUL	2.000 METROS	ABERTA	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A Confederação Brasileira de Remo (CBR) tem somente em seus registros o XXXIV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1935, o II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935, Os JO de 1936 e o XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo.

Henrique Kranen Filho nasceu em Porto Alegre no dia 26 de julho de 1911 e faleceu com 62 anos em 30 de janeiro de 1974. Possuía uma empresa de esquadrias de madeira, no bairro Niterói, em Canoas, que funcionou de 1940 até 1984. Representando o GPA, foi campeão Gaúcho seis vezes, campeão Brasileiro duas vezes, campeão Sul americano uma vez. Foi dirigente na Federação Gaúcha de Remo, presidente do GPA, e grande incentivador dos esportes amadores. Residiu em Canoas por 34 anos até seu falecimento (BIOGRAFIA..., 1936, CANOAS, 2011).

Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 6 - Dados sobre a vida esportiva de Henrique Kranen Filho

DATA	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1929	PAREO CONSELHO MUNICIPAL	1.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1933	PAREO EMPÓRIO INDUSTRIAL DO NORTE	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1933	PAREOS DE HONRA GENERAL FLORES DA CUNHA E MAJOR ALBERTO BINS	2.000 METROS	ABERTA	1
1934	PAREO REPÚBLICA PIRATINI	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1934	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1934	PAREO MINISTERIO DE LAS RELACIONES EXTERIORES	-	-	1
1935	PAREO REPÚBLICA PIRATINI	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1935	PAREO EMPÓRIO INDUSTRIAL DO NORTE	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1935	PAREO DE HONRA RIO GRANDE DO SUL	2.000 METROS	ABERTA	1
1935	II CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1
1935	XXXIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A Confederação Brasileira de Remo tem somente em seus registros o XXXIV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1935, o II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935, Os JO de 1936 e o XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo.

Henrique Kranen Filho foi homenageado pela Prefeitura Municipal de Canoas, através do Projeto de Lei n.544, proposto pelo Vereador Juares Carlos Hoy, onde foi denominada de Rua Henrique Kranen Filho, o logradouro conhecido como “Rua 7, do Loteamento Mont Serrat (Bairro Estância Velha), com início na Rua Reverendo Dr. Israel Vieira Ferreira, seguindo no sentido Norte, com a extensão de 207,62m, finalizando na Rua 13” (CANOAS, 2011).

Rudolfo Maria Rath nasceu em 16 de junho de 1905 em Porto Alegre e faleceu em 22 de agosto de 1973 em Estrela (SCHINKE, 2012). Em Porto Alegre morou ao lado da antiga sede social do *Turnerbund* (atual SOGIPA), que ficava na antiga Rua São Rafael, atual Alberto Bins. Nas horas de folga ajudava Georg Black nas aulas de ginástica para menores e, certa vez declarou:

O auxiliava, qual um fâmulos, nos exercícios especiais a que submetia crianças com ataxias musculares e defeitos na coluna vertebral, quando não andava, solto pelo salão, nas bicicletas com que um grupo de menores costumava jogar uma espécie de futebol de bicicletas. O “Velho Black”, com aquela sua energia e sua disciplina, condimentados, todavia, com um esplêndido humor, e, sobretudo, com seu amor às crianças, era o ídolo de todos e viu passar diante de si muitas gerações de porto-alegrenses, formando-lhes o físico e a mente. Assim, “a minha casa” era o salão de ginástica, quando não

me achava na minha casa, ao lado (SCHINKE, 2012, p. 12).

Nas modalidades do atletismo e remo obteve bons resultados e no ano de 1926, conquistou o Campeonato Estadual de 200m rasos. Participou de uma competição de ginástica em Estrela, em 1927, sagrando-se campeão. No remo pertenceu ao GPA, tendo obtido diversas vitórias, entre as quais, a mais expressiva, a do “Páreo de Honra 15 de novembro”, oferecido pelo presidente do Estado, Borges de Medeiros (SCHINKE, 2012).

Foi morar em Estrela, em outubro de 1930, onde prosseguiu como ginasta representando a Sociedade *Turnverein* Estrela (hoje SOGES), onde inicialmente foi auxiliar do Professor Leo Joas. Recebeu seu registro de mestre em ginástica (*Turnwart*) da Federação Alemã de Ginástica, cargo que ocupou duas vezes na SOGES (SCHINKE, 2012).

Rudolfo Maria Rath introduziu, em 1931, no alto Taquari a prática do basquete, sobre o qual relatou:

Com referência ao *Basket-Ball*, eu posso apresentar um vastíssimo relatório, visto que quem o introduziu aqui, em Lajeado, Arroio do Meio, Roca-Sales, Paverama e Bom Retiro do Sul, tenha sido eu, e, a respeito disso, possuo grande documentário”. “Foi no ano de 1931. Nossa primeira cancha, de terra batida, ficava precisamente no local onde hoje temos o nosso Ginásio Esportivo (Nota: o Arnaldo J. Diehl). Passamos mais de dez domingos e inúmeros feriados cavando terra e preparando o local. Já no mês de setembro (damos início em julho), nos foi possível jogar pela primeira vez. Três meses após já tínhamos uma cancha iluminada, começando, então o grande incremento. Convidamos equipes da Sogipa, do IPA, da Associação Cristã de Moços e do antigo Foot-ball Clube Gremio Porto Alegre (SCHINKE, 2012, p. 13).

Mesmo morando em Estrela continuou com boas relações com os clubes esportivos de Porto Alegre, inclusive os de remo, sendo que este intercâmbio lhe proporcionou a oportunidade de integrar a equipe de remo, como timoneiro na modalidade “oito com timoneiro”, nos JO de Berlim em 1936, onde o seu barco, o nº 8, classificou-se em 6º lugar entre os 56 concorrentes” (SCHINKE, 2012).

Posteriormente a sua participação nos JO de Berlim, dedicou-se, entre outras coisas, ao ensino da Ginástica no município de Estrela. Foi presidente do Tiro de Guerra n. 227, com sede em Estrela, em 1937. Em 1942, foi nomeado membro do Conselho Técnico de Administração Municipal, e no mesmo ano, admitido como

secretário geral da Associação Comercial e Industrial de Estrela (ACIE), cargo que ocupou durante 31 anos, ou seja, até próximo a sua data de falecimento, em 22 de agosto de 1973. Foi Jornalista e Radialista, escreveu no Jornal o Paladino, de Estrela (1939) e foi correspondente do Jornal Correio do Povo na cidade de Estrela, no período de 21 de outubro de 1940 até 21 de outubro de 1947. Colaborou com diversos jornais, sendo eles o Jornal “O Dia”, de Porto Alegre, de 20 de junho de 1957 a 16 de abril de 1958, sob o pseudônimo de RUMARA, e com o Diário de Notícias (SCHINKE, 2012).

Incentivou e participou da fundação , em 1940, do Aero Clube Alto Taquari (ACAT), cujo objetivo era a formação de pilotos no programa “AZAS PARA O BRASIL”, tendo ele mesmo se formado em piloto civil, brasileiro e internacional, e de vôo planado, categoria internacional B. Foi presidente do Aero Clube de Estrela e fundou também o Grupo de Escoteiros Inhay's, na mesma cidade, na década de 1930. (SCHINKE, 2012). O atleta foi homenageado em Estrela com o nome de uma rua. A Rua Rudolfo Maria Rath, fica no bairro oriental, em Estrela, aprovada pela Lei nº 104, de 5 de setembro de 1974 (SCHINKE, 2012).

3.3.2 Os remadores do Clube de Regatas Almirante Barroso

O Clube de Regatas Almirante Barroso ficou conhecido pelo apelido de "O Glorioso" devido às vitórias conquistadas em campeonatos brasileiros (1933, 1935, 1938 1940), sul-americano (1940) e Regata Internacional de Montevideú (1940), representando a CBD. Foi fundado em 26 de fevereiro de 1905, tendo Pedro Adams como o primeiro presidente. A primeira sede era um barracão listrado em azul e branco, alocado entre as fábricas do Caminho Novo (MAZO, 2012). Os remadores Alfredo de Bôer, Arno Franzen, Lauro Franzen, Maximo Fava e Nilo Anselmo Franzen, que eram vinculados a este clube, participaram dos JO de 1936 em Berlim.

O remador Alfredo de Bôer, natural da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, nasceu em 16 de maio de 1907 e exerceu atividade profissional no comércio. Estreou nos desportos náuticos em 21 de novembro de 1926, vencendo um Páreo de estreantes (BIOGRAFIA..., 1936). Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 7 - Dados sobre a vida esportiva de Alfredo de Bôer

ANO	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1927	PAREO DO CONSELHO MUNICIPAL	1.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1928	PAREO CASA CARVALHO	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1929	PAREO DE HONRA 15 DE NOVEMBRO	2.000 METROS	ABERTA	1
1929	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1931	PAREO VERNELHÃO ASTRO	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1932	PAREO VERNELHÃO ASTRO	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1932	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1933	PAREO GENERAL BENTO GONÇALVES	3.000 METROS	JÚNIOR	1
1933	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1933	XXXII CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1934	PAREO DE HONRA DA LIGA NÁUTICA RIO GRANDENSE	2.000 METROS	ABERTA	1
1934	PAREO GENERAL BENTO GONÇALVES	3.000 METROS	JÚNIOR	1
1934	PAREO 20 DE SETEMBRO	3.000 METROS	JÚNIOR	1
1934	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1935	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1935	XXXIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1935	II CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1
1936	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0
1936	PAREO COMPANHIA CARBONÍFERA	1.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1936	CAMPEONATO GAÚCHO DE DOUBLE SKIFF	-	-	1

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A CBR tem somente em seus registros o XXXIV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1935, o II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935, Os JO de 1936 e o XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo.

O remador Arno Franzen nasceu em Montenegro, no Rio Grande do Sul, em 14 de janeiro de 1916, e exerceu atividade profissional no comércio (BIOGRAFIA..., 1936). Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 8 - Dados sobre a vida esportiva de Arno Franzen

ANO	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1934	PAREO NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	1.000 METROS	ESTREANTES	1
1935	PAREO NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	2.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0
1940	III CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A CBR tem somente em seus registros o XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1935, o III Campeonato Sul Americano de Remo de 1940 e os JO de 1936.

O remador Lauro Franzen nasceu em Garibaldi, no Rio Grande do Sul, em 6 de maio de 1911 e participou de uma competição de remo pela primeira vez em 1932. Exercia atividade profissional no comércio (BIOGRAFIA..., 1936). Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 9 - Dados sobre a vida esportiva de Lauro Franzen

DATA	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1932	PAREO NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	1.000 METROS	ESTREANTES	1
1932	PAREO COM. JOSÉ PEREIRA ROJÃO	1.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1932	PAREO ARNALDO PITA PINHEIRO	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1932	CAMPEONATO ESTADUAL DO REMO	-	-	1
1933	PAREO GENERAL NETO	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1933	PAREO GENERAL FRANCO FERREIRA	3.000 METROS	ABERTA	1
1933	CAMPEONATO ESTADUAL DO REMO	-	-	1
1933	PAREO "WOLF METAL",	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1933	CAMPEONATO DE DOUBLE SKIFF	-	-	1
1934	PAREO DE HONRA LIGA NÁUTICA RIO GRANDENSE	2.000 METROS	ABERTA	1
1934	CAMPEONATO ESTADUAL DO REMO	-	-	1
1935	CAMPEONATO ESTADUAL DO REMO	-	-	1
1935	II CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1
1935	XXXIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	CAMPEONATO ESTADUAL DO REMO	-	-	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A CBR tem somente em seus registros o II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935, o XXXIV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1935, O XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1936 e os JO de 1936.

O remador Maximo Fava nasceu em 12 de outubro de 1911 na cidade de Garibaldi, no Rio Grande do Sul, e exerceu atividade profissional no comércio (BIOGRAFIA..., 1936). Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 10 - Dados sobre a vida esportiva de Maximo Fava

ANO	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1929	PAREO ASSEMBLÉIA DOS REPRESENTANTES	1.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1933	PAREO NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1934	PAREO 20 DE SETEMBRO	3.000 METROS	JÚNIOR	1
1934	PAREO DE HONRA LIGA NAÚTICA RIO GRANDENSE	1.000 METROS	ABERTA	1
1935	PAREO BENTO GONÇALVES	3.000 METROS	JÚNIOR	1
1935	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1935	II CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1
1935	XXXIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A CBR tem somente em seus registros o II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935, o XXXIV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1935, O XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1936 e os JO de 1936.

O remador Nilo Anselmo Franzen, natural de Garibaldi no Rio Grande do Sul, nasceu em 9 de agosto de 1902 exerceu atividade profissional no comércio (BIOGRAFIA..., 1936). Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 11 - Dados sobre a vida esportiva de Nilo Anselmo Franzen

ANO	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1934	PAREO NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	1.000 METROS	ESTREANTES	1
1935	PAREO NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	2.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1936	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0
1940	III CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A CBR tem somente em seus registros os JO de 1936, II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935, o XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1936 e o III Campeonato Sulamericano de Remo de 1940.

3.3.3 O remador do Clube de Regatas Vasco da Gama

O Clube de Regatas Vasco da Gama foi fundado na cidade de Porto Alegre no dia 28 de janeiro de 1917 por membros da comunidade portuguesa que buscavam unificar esta comunidade em um único clube (SILVA; MAZO, 2012).

Apenas um representante deste clube integrou a equipe de remo nos JO de Berlim em 1936: Frederico Guilherme Tadewald.

O remador Frederico Guilherme Tadewald nasceu na cidade de Porto Alegre em 19 de janeiro de 1908 e estreou em competições no dia 10 de abril de 1931, alcançando o 3º lugar em uma prova de estreantes (BIOGRAFIA..., 1936). Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 12 - Dados sobre a vida esportiva de Frederico Guilherme Tadewald

DATA	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1932	PAREO NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES	2.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1934	CAMPEONATO SUL AMERICANO	-	-	-
1935	PAREO 20 DE SETEMBRO	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1935	PAREO DE HONRA DUQUE DE CAXIAS	-	-	1
1935	II CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1
1936	XXXV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	JOGOS DA XI OLIMPIADA	-	SENIOR A	0

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A CBR tem somente em seus registros o, II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935, os JO de 1936 e o XXXV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1936.

3.3.4 O remador do Clube de Regatas Almirante Tamandaré

O clube de Regatas Almirante Tamandaré foi fundado em 18 de janeiro de 1903, tendo entre os seus fundadores o Capitão de corveta Gaspar Pinto Fróis de Azevedo (presidente em 1903 e 1904). Os esportes oferecidos no clube eram o remo, pólo aquático (em 1914 promoveu a primeira competição cidadina de pólo aquático); e a vela. Em 07 de setembro de 1903, o clube instalou-se num barracão à Rua General Portinho, na cidade de Porto Alegre (RS). Atualmente, reside na Rua João Maciel, nº 530, também em Porto Alegre (MAZO *et al.*, 2012). Este clube teve um representante nos JO de 1936 em Berlim: Fritz Richter. Diversos fatos controversos são atribuídos à participação deste atleta nesta edição dos Jogos, desde a saída de Porto Alegre até a volta a sua terra natal.

O remador Fritz Richter, nasceu em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, e foi proprietário de uma oficina mecânica em Porto Alegre. Participou pela primeira vez de uma competição de remo em 16 de junho de 1929 alcançando um 2º lugar, em prova de estreantes (BIOGRAFIA..., 1936, p. 15). Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

Figura 13 - Dados sobre a vida esportiva de Fritz Richter

DATA	EVENTO	DISTÂNCIA	CLASSE	CLASSIFICAÇÃO
1929	PAREO SINDICATO DA BANHA DO SUL RIO GRANDENSE	1.000 METROS	ESTREANTES	1
1931	PAREO FERNET BRANCA	1.000 METROS	NOVÍSSIMOS	1
1931	PAREO DE HONRA ARMANDO PITTA PINHEIRO	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1931	PAREO RAINHA VALOROSA	1.000 METROS	JÚNIOR	1
1932	ELIMINATÓRIA OLÍMPICA	-	-	1
1933	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1934	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1
1934	XXXIII CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1935	PAREO DOMINGOS DE ALMEIDA	2.000 METROS	JÚNIOR	1
1935	PAREO DOMINGOS CRESCENCIO - REGATA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO FARROUPILHA	-	-	1
1935	II CAMPEONATO SUL AMERICANO DE REMO	-	SENIOR A	1
1935	XXXIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	-	SENIOR	1
1936	CAMPEONATO GAÚCHO DE REMO	-	-	1

Fonte: BIOGRAFIA..., 1936, p. 15, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012.

A CBR tem somente em seus registros o XXXIII Campeonato Sul Americano de Remo de 1934, o XXXIV Campeonato Brasileiro Masculino de Remo de 1935 e o II Campeonato Sul Americano de Remo de 1935. Os jornais costumavam elogiar as façanhas do remador, tal como na nota abaixo:

[...] a nota mais importante da regata (campeonato gaúcho de remo de 1933) foi a vitória de Fritz Richter, do Tamandaré, obteve sobre Hugo Baumann, levantando assim o campeonato de "Skiff" com o tempo de 8,34. Baumann era desde 1926 campeão de Skiff, que chegou em 3 lugar, com diferença de 5 remadas (REMO..., 1936 p. 11).

A carreira vitoriosa de Richter no remo, o levou a ser selecionado para os JO de Berlim, porém muitas dúvidas pairam sobre a participação deste atleta no evento, sendo que o mesmo não consta na relação oficial de participantes do COB e não está relacionada nas informações disponibilizadas pela CBR. As informações

encontradas nas fontes são provenientes das buscas feitas em jornais da época, onde reportagens e entrevistas realizadas com o atleta e dirigentes esportivos da época nos auxiliam a conhecer as diversas versões para os fatos.

As dificuldades de Fritz Richter começaram quase imediatamente após a sua de sua saída do Brasil rumo a Berlim, conforme relata o atleta:

Quando deixei o Rio de Janeiro, rumo às Olympiadas, senti que algo de anormal havia de suceder. Na capital do país fiquei preso por espaço de 30 dias e durante esse período, de balde solicitei, e com insistência, aos pais da CBD licença para ir ligeiramente a Porto Alegre visitar minha família e resolver alguns assuntos comerciais, pois havia tempo de sobra para voltar à capital da República afim de me incorporar a embaixada que seguiria para Berlim. Nunca fui atendido. Já parti contrariado para as Olympiadas (RICHTER..., 1936, p. 11).

Para o Capitão Darci Vignoli, integrante da delegação brasileira nos JO de Berlim, o descontentamento de Richter tinha outros motivos:

O que houve foi o seguinte: Quando em 1935, foi disputado o campeonato sul-americano de remo e, quando nessa época se achava na presidência da Liga o distinto desportista Dr. Gabriel Pedro Moacir, surgiram sérias dificuldades para a ida de Richter ao certame continental. O sculler alegava que teria muitas prejuízos, mas que se fosse conseguida uma conta-corrente bancária no valor de 10 contos, ele poderia se afastar da capital, pois seu sócio estaria então garantido para qualquer eventualidade. Tudo foi arranjado e Fritz Richter se tornou campeão sul-americano de skiff. Posteriormente, quando nos preparávamos para seguir para a Baía, Richter apresentou o mesmo nível de dificuldades, solicitando novamente 10 contos. Quando tudo estava quase acertado, Richter disse que precisava de 15 contos, em vez de 10 contos, dizendo que o dinheiro seria para garantir o seu sócio, que ele retiraria o dinheiro aos poucos, e talvez até nem o fizesse. Logo após o embarque da delegação rumo a Baía, o sócio de Richter foi imediatamente ao banco para retirar todo o valor, quando foi avisado que o dinheiro só lhe seria entregue mediante avalista. Richter foi avisado e queria voltar ao Rio Grande do Sul, porém foi convencido a ir para o Rio de Janeiro, para ver se conseguia os valores com a Colônia Gaúcha. Conseguiu 5 contos, assinando uma promissória para pagamento com tempo indeterminado. Richter declarou a Darci Vignoli, que não iria mais a Berlim e que desejava voltar a Porto Alegre. Sabendo da resolução de Richter, a comissão Pró Sports Gaúchos, por intermédio do tesoureiro, o desportista Guilherme Melecchi, teve longo entendimento com Richter, do qual resultou a decisão de seguir para a Europa. Richter recebeu mais 5 contos e mesmo assim desejava voltar a Porto Alegre, para resolver assuntos profissionais. Mas seu sócio avisou que estava tudo bem e que não seria

necessária a sua vinda. A colônia Gaúcha também não pode ajudar mais uma vez Richter, pois uma passagem de avião seria muito dispendiosa e uma regalia que não poderia ser oferecida aos outros. “Em Berlim, houve bons e maus momentos, mas isto não foi só para Richter, pois sucedeu a todos que lá integravam a embaixada da CBD. E isto é o que eu sei a respeito deste tão momentoso assunto (AS INVENCIONICES...,1936, p. 26).

A CBD acusou o atleta de desertor, pois o mesmo teria sumido logo depois a chegada a Berlim e ainda afirmou que o remador não participou dos treinos, e quando se apresentou ao chefe da delegação, o fez acompanhado de uma senhora que disse ser sua parenta. Segundo a Confederação, Richter procurou raras vezes seus companheiros, demonstrando desinteresse por tudo. O atleta se justificou reclamando da falta de recursos, dizendo que seus compatriotas do COB tinham livre trânsito em vários lugares, apresentando a credencial olímpica, enquanto eles (CBD) tinham que pagar inclusive para comer (ECOS..., 1936).

O remador sul-rio-grandense relatou que foi abandonado pelos dirigentes da CBD, e por esse motivo foi obrigado a procurar pessoas de suas relações em Berlim para não passar privações. Acrescentou que todos os seus companheiros tiveram situação idêntica e não puderam, entretanto, fazer o mesmo por não terem amigos na Alemanha, e completou: “Não podiam exigir de mim mais do que dei, uma vez que não tive o mesmo conforto que os representantes do Comitê Olímpico Brasileiro” (ECOS..., 1936).

Outra informação encontrada nas fontes pode de alguma maneira aumentar a desconfiança sobre a estada do remador sul-rio-grandense em terras alemãs:

Fritz Richter é o remador indicado para ir a Berlim, entretanto, apesar de seus negócios no Sul, pois é dono de uma oficina mecânica, ele deve seguir, pois pretende trazer da Alemanha algumas observações de caráter técnico para o aperfeiçoamento de sua profissão” (LIGEIRO...,1936, p. 11).

A imprensa escrita da época se dividia nas opiniões sobre Fritz Richter. O Jornal Correio da manhã do Rio de Janeiro relata que foram comunicados que o atleta foi abandonado na mais crítica das situações na Alemanha, e completam: “Tentou-se desmentir esse desleixo, mas não foi possível, e aí não terminaram os seus maus bocados, como representante que era do remo nacional” (RICHTER..., 1936, p. 11).

O Jornal do Brasil, também do Rio de Janeiro, chama as declarações dadas

pelo remador de “As invencionices do Campeão Fritz Richter” e escrevem:

Fritz Richter voltou muito mudado de Berlim. Antigamente do valoroso remador gaúcho quando era procurado pela imprensa, com a maior boa vontade deste mundo, respondia a todas as perguntas que se fazia e mais aquelas que ficavam no pensamento. Agora, logo que desembarcou abordado pelos cronistas da capital, que quase imploraram qualquer coisa, para desvendar certas incógnitas, resolveu se ambientar, para depois falar às claras (AS INVENCIONICES..., 1936, p. 26).

Em entrevista ao Jornal Correio Manhã, o remador sul-rio-grandense relatou como era o seu dia-a-dia na Alemanha:

Diariamente tinha de correr a procura do Sr. Decio do Amaral, chefe da embaixada, afim de receber o dinheiro para pagar a pensão. Davam-me 6 marcos por dia, ao passo que os demais companheiros recebiam 10 marcos. Entretanto, com a pensão em que eu me acolhera me cobrava justamente 6 marcos diários, não reclamava. Conformava-me com a situação. Até o dia 17 de agosto a diária me foi paga, e de que maneira! No dia 19, o sr. Decio do Amaral e a maioria dos esportistas cebedenses deixaram Berlim. Fui alcaçar o chefe da delegação na estação ferroviária, quando ele tentava alcançar o comboio para Paris. Precisava de dinheiro. Estava sem níquel algum. O sr. Amaral, a principio, negou-se a atender-me, mas, diante da minha insistência, pois lhe fiz ver a minha situação angustiante, resolveu entregrar-me 40 marcos. Com esse dinheiro segui para Hamburgo, onde nova decepção me aguardava. A passagem de retorno, em meu poder, correspondia ao “General San Martin”, que já havia deixado o porto alemão. O vapor seguinte era o “Cap Arcona”, cuja saída estava marcada para 3 de setembro. Na agência, fui informado de que havia um acréscimo na passagem de 24 marcos, por se tratar de um navio de classe mais categorizada. Foi quando me dirigi ao consul brasileiro em Hamburgo, o qual se recusou a atender-me, alegando que nada tinha a ver com o caso. Estava novamente sem dinheiro, pois os 40 marcos recebidos à última hora do sr. Amaral eu os gastara na pensão. A minha situação se agravava dia a dia. Para poder prover minha subsistência tive de recorrer à caridade de amigos, sem o que estaria exposto a vexames mais graves. Na véspera da saída do “Cap Arcona”, voltei novamente ao consulado. Falei ao Consul. Solicitei o auxílio de 24 marcos para regularizar minha passagem, mas debalde. Aconselharam-me a repatriação, como único remédio possível. Relutei. Afinal, consegui embarcar no navio alemão, e assim mesmo depois de experimentar outros vexames (RICHTER ..., 1936, p. 11).

Durante a participação nos JO de 1936, Richter relatou que teve problemas nas eliminatórias que disputou com o remador Celestino Palma. Segundo o atleta,

foi a partir deste fato que a estada dele na Alemanha se tornou uma odisséia. Segundo o remador o que aconteceu foi o abaixo descrito:

Eu me coloquei na balisa 6 e palma na 5. Devido, porém, ao forte vento, separamo-nos demasiadamente um do outro. Palma passou a correr na balisa 1. A disputa corria normalmente quando à altura dos 1.500 metros um barco se atravessou à minha frente. Imediatamente parei. Palma prosseguiu. Depois de 15 segundos, precisamente, continuei a correr, mas já desinteressado do resultado, certo de que a prova seria cancelada. O meu rival chegou à raia com dois barcos de vantagem. Após a prova, pedi ao chefe da delegação gaúcha que protestasse junto as autoridades esportivas contra o fato, isto é, contra o impedimento da raia. O protesto não foi anotado. Alegaram que , tendo eu prosseguido na corrida, esse fato fôra interpretado com se eu tivesse reconhecido o desimpedimento da raia, e , como tal, consideravam como válida a prova. Se, a contrário, eu tivesse desistido de continuar a viagem, reconhecendo como prejudicial a passagem da embarcação, então, sim, o pareo seria novamente corrido. Acatei a deliberação. Palma é um moço distinto. Ele está alheio ao acidente. Reconheço seu valor esportivo” (RICHTER ...,1936, p.11).

O remador Celestino Palma desmentiu tal fato, relatando que no dia da prova, a pista estava completamente desimpedida, por determinação as autoridades alemãs e que foi o remador sul-rio-grandense que se desviou da rota, saindo da raia, quase colidindo com uma bóia. Relata que ainda teve tempo de gritar para o seu adversário, advertindo-o do perigo, porém já era tarde, pois o remador da CBD já estava muito atrasado, e que a partir desse momento Fritz Richter se desinteressou da prova (RICHTER ...,1936).

Os desportistas sul-rio-grandenses José Carlos Daudt e Túlio de Rose, na chegada ao Brasil declararam que a história de Fritz Richter estava mal contada e que ninguém passou fome. A imprensa da época comentou sobre a expulsão do remador sul-rio-grandense, por ter se portado indisciplinadamente, e que o mesmo teria pedido dinheiro a Décio Amaral, fazendo ameaças. O Jornal A Federação completa: “Depois desse barulho todo Richter deve estar lamentando a hora que embarcou para Berlim”. (ECOS..., 1936).

O remador também foi acusado de ir a Berlim com outros interesses além dos JO. O remador Ernesto Sauter saiu em defesa do colega de equipe e disse:

De fato, quando desembarcamos no Rio, tínhamos dezessete volumes em nossa bagagem. Destes, porém, 11 eram meus, só sendo de Richter, o que parece, os 6 restantes. Como vê, a história do carregamento que ele trouxe da Alemanha não é verdadeira. Aliás, Richter saiu com o pé esquerdo do Brasil. Tudo que, na viagem e na estadia em Berlim, houve de complicado, aconteceu com ele. Richter andava pesado [...] (AS INVENCIONICES..., 1936, p.26).

Para além dos fatos que depunham contra Fritz Richter, o jornal Correio da Manhã chama a atenção para um fato que poderia atestar as boas intenções do remador sul-rio-grandense:

Dias após a nossa chegada a Berlim houve um acidente sério com Orlando Felini, patrão da guarnição a 2 de São Paulo. Esse rapaz, quando conduzia uma bicicleta, sofreu uma queda, em consequência da qual teve um braço fraturado. Eu, que assistira ao desastre, tratei de socorrer Orlando, conduzindo-o para um hospital, onde depusitei a importância de 43 marcos, o único dinheiro que dispunha, para pagar as despesas de internação. Sempre o visitei, interessando-me junto aos enfermeiros pelo conforto do rapaz. Pois bem. Quando Orlando deixou o hospital, ouvi dizer que as despesas haviam corrido por conta da delegação (RICHTER ...,1936, p. 11).

Mais um fato então tem a contestação por um integrante da missão olímpica brasileira. José Carlos Daudt relatou que posteriormente a internação do atleta, a CBD se responsabilizou pelos valores a serem pagos ao hospital, e o dinheiro foi devolvido para Fritz Richter, e completa: “Fritz disse ter depositado 43 marcos para pagar as despesas de internação do atleta que sofreu o acidente de bicicleta, mas se estava tão mal de dinheiro, como tinha 43 marcos?” (AS INVENCIONICES..., 1936, p. 26).

O remador sul-rio-grandense disse que a viagem à Alemanha só lhe trouxe dissabores morais e prejuízos para a sua vida comercial, além da saudade da família, pois teve que ficar 5 meses longe de casa. O atleta afirmou que abandonaria o remo de vez, devido a falta de sinceridade dos dirigentes da CBD (RICHTER...,1936).

Desmentindo as suas próprias declarações, o remador se inscreveu para participar da Regata Bento Gonçalves, em 10 de novembro de 1936. O evento teve participação dos Clubes Tamandaré, Vasco, Barroso e Guaíba. Conforme informações do jornal, o atleta não participou por estar contundido em uma das mãos, fato que só foi percebido minutos antes da prova, onde notaram a falta do

remador (RICHTER..., 1936). Sobre o assunto, Richter declarou:

Estava eu entregue aos meus treinos de costume, quando no decorrer da semana que findou, machuquei-me na mão o que me impossibilitou de continuar os ensaios e apresentar-me em forma para a disputa de domingo. Foi o que aconteceu. Quanto aos boatos que andam por aí, não passam de conversa fiada. (RICHTER..., 1936, p. 11).

Segundo informações do COB os remadores sul-rio-grandenses competiram apenas na modalidade Oito com timoneiro, sendo eliminados em 4º lugar na 2ª repescagem. O remador Fritz Richter não aparece na relação de atletas porque ficou sem disputar uma prova oficial, tendo sido eliminado em uma disputa com o remador brasileiro Celestino Palma, integrante da equipe do COB.

A presença do Brasil nos JO de Berlim foi de grande importância, pois a desorganização e fragilidade esportiva no Brasil contrastou com o que foi encontrado na Alemanha, o que serviu para ampliar os debates que já havia sobre o tema (NEGREIROS, 2009). A edição dos JO de 1940 não foi realizada devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, além da repercussão desse grande acontecimento, o país vivia o período do Estado Novo (1937-1945). Nesse caminho, foi promulgado o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941, que instituiu o sistema desportivo no país. A complicada participação das delegações olímpicas brasileiras tinha deixado uma forte lembrança e “o discurso e a prática da ordem estavam presentes no imaginário dos legisladores brasileiros” (NEGREIROS, 2009, p. 322). A edição de 1944 dos JO também não foi realizada devido a Segunda Guerra Mundial. Em 1948, foram retomados os JO, sendo realizados na cidade de Londres, Inglaterra, com a presença de atletas sul-rio-grandenses.

4 O BRASIL NOS JOGOS OLÍMPICOS MARCADOS POR CONFLITOS

Este capítulo aborda a participação dos atletas sul-rio-grandenses nos JO de 1948, 1952 e 1956. Estas edições dos Jogos estão dentro de um período considerado por Rubio (2006) como a fase de conflito dos JO, onde as tensões geradas pela Guerra Fria fizeram com que os JO fossem utilizados como mais uma forma de poder político e força social. Este período também assinala a presença do Conselho Nacional de Desportos (CND), que foi criado após a promulgação do Decreto Lei nº 3.199 de 1941, que tratou das bases da organização dos esportes no país. O CND foi criado para orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos esportes em todo o território nacional.

4.1 OS JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES (1948)

Na Grécia antiga, as guerras eram suspensas para dar lugar às Olimpíadas. No mundo moderno, algumas edições dos JO foram suspensas durante o período entre guerras. Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)⁹, o COI, em 21 de agosto de 1945, se reuniu para escolher a sede dos próximos Jogos, marcados para 1948. A escolha recaiu sobre a cidade de Londres, uma situação semelhante a dos JO de 1920 em Antuérpia, pois Londres estava em ruínas, e nada foi construído especificamente para os Jogos (CARDOSO, 2000).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo ressurgiu dividido entre Estados Unidos e União Soviética. Poderia ser um adeus às armas, mas isso não se tratava de paz, pois começava neste período a Guerra Fria. A Guerra Fria foi um conflito sem armas, uma guerra econômica, diplomática e tecnológica que tinha como objetivo a expansão das áreas de influência do socialismo e do capitalismo, que transcorreu a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e findou em 1991, com o fim da União Soviética. Durante a Guerra Fria o mundo conviveu com um constante clima de tensão entre americanos e soviéticos, uma vez que qualquer

⁹ A Segunda Guerra Mundial foi um conflito armado, ocorrido entre os anos de 1939 e 1945. As forças do Eixo (Alemanha, Japão e Itália) enfrentaram os Aliados (Inglaterra, França, EUA, União Soviética entre outros). Com uma idéia expansionista, Hitler começou o conflito ao invadir a Polônia em 1939. Era só o início de uma guerra que mataria milhões de pessoas e arrasaria cidades, indústrias e campos. O Brasil também participou do conflito, enviado tropas para Monte Castelo, onde os pracinhas da FEB (Força Expedicionária Brasileira) enfrentaram de forma vitoriosa os soldados italianos e alemães. A Guerra terminou com a derrota da Alemanha em 1945 e com as bombas atômicas lançadas pelos EUA sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

situação envolvendo os dois países poderia gerar um conflito armado de escalas catastróficas.

Esse conflito não armado influenciou o esporte também nos domínios dos JO. Na edição de 1948, em Londres, a União Soviética não compareceu, mas enviou técnicos e pesquisadores para analisar os atletas e os métodos de treinamento do mundo capitalista. Nos quatro anos seguintes, o governo soviético destinou grandes recursos a projetos esportivos, visando formar atletas de alto nível que representassem a ideologia comunista nos jogos (SIGOLI; DE ROSE JÚNIOR, 2004). Não foram encontradas nas fontes, relações do esporte no Brasil com a Guerra Fria, no período que compreende este subcapítulo. O Brasil nesta época integrava o bloco capitalista.

Nesta época, o esporte no Brasil era comandado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), criado a partir da promulgação do Decreto-Lei nº 3.199 de 14 abril de 1941, que estabeleceu as bases da organização dos desportos em todo o país. O CND tinha como competência, entre outras, decidir quanto à participação de delegações dos desportos nacionais em jogos internacionais (BRASIL, 1941). O CND, que possuía em cada estado brasileiro um Conselho Regional de Desportos (CRD), ficou encarregado do reconhecimento, filiação, desfiliação, intervenção, penalidades e mesmo questões de administração interna de entidades, além do registro de atletas e de seus contratos com os clubes, multas e outras penalidades, autorizações para realizações e participações em competições e mesmo a fiscalização financeira de toda estrutura sob seu controle, embora se tratassem de entidades privadas. O governo era quem indicava o Presidente da instituição, bem como os conselheiros, fazendo com que todas as associações esportivas passassem pelas mãos do governo federal, que autorizava ou não o seu funcionamento. Este decreto foi criado no momento em que o governo de Getúlio Vargas percebeu que o esporte poderia ser um meio de projeção internacional, e nesta época as políticas para o esporte quase não existiam no país (PIMENTEL, 2007, BUENO, 2008).

Para esta edição dos Jogos, o Brasil enviou uma delegação de 81 atletas, 70 homens 11 mulheres, e voltou com a primeira medalha em esportes coletivos: o bronze do basquete masculino. Na delegação brasileira, três atletas sul-riograndenses estavam vinculados a clubes deste estado: Arlindo da Cunha Cabral (remo), Paulo Diebold (remo) e Pércio Zancani (remo) todos do Clube de Regatas

Guaíba Porto Alegre (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004; TODT *et al.* 2005; CLUBE DE REGATAS GUAÍBA PORTO ALEGRE, 2012). Para Rubio (2006, p. 169), os JO de Londres representavam mais do que o restabelecimento do calendário olímpico “Era o fim de vinte e oito anos de espera após as medalhas da Antuérpia, obtidas pelos atletas do tiro e o início de um período em que as modalidades coletivas começaram a representar esperanças efetivas de boas atuações”.

O remador Arlindo da Cunha Cabral participou do I Campeonato Sul-americano de Remo em 1948 e do XXXIX Campeonato Brasileiro Masculino de Remo, como timoneiro do barco de Paulo Diebold e Percio Zancani, o trio chegou em primeiro lugar nestas duas competições. Nos JO de Londres em 1948, Arlindo foi como timoneiro do barco de Paulo Diebold e Pécio Zancani, mas não acabou participando dos Jogos, pois a dupla de remadores desistiu de participar da prova de Dois com timoneiro, para se concentrar na prova de Dois sem timoneiro. Outra fonte relata que o trio não participou da prova de Dois com timoneiro pelo fato de Pécio Zancani ter passado mal, causando a desclassificação dos remadores (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2012, CLUBE DE REGATAS GUAÍBA PORTO ALEGRE, 2012).

No Campeonato Estadual de 1947, Paulo Diebold e Pécio Zancani causaram grande impacto ao vencer as provas de Dois com timoneiro e Dois sem timoneiro, com apenas uma prova de intervalo (CLUBE DE REGATAS GUAÍBA PORTO ALEGRE, 2012). Para disputa do Campeonato Brasileiro de Remo de 1948 a imprensa já dava destaque ao forte conjunto formado pelos remadores sul-riograndenses. (TUDO PRONTO..., 1948). A dupla venceu o campeonato deste ano, na cidade do Rio de Janeiro, chegando a frente da equipe paulista (CAMPEONATO...,1948).

A seleção da equipe de remo para os JO de Londres foi assunto do Correio da Manhã de 30 de outubro de 1947, onde o membro do Conselho Técnico de Remo (CTR) da CBD, Arnaldo Costa, concedeu entrevista abordando a possibilidade dos remadores brasileiros comparecerem aos jogos. O dirigente condicionou a participação dos mesmos nos JO ao possível sucesso no Campeonato Sul-Americano, que seria realizado em Montevideu, no Uruguai, no mês de Março de 1948, onde concluiu que o êxito poderia ser problemático (REMO..., 1947).

Nessa época os remadores Paulo Diebold e Pécio Zancani já eram cobiçados por outros clubes, entre eles o Botafogo, do Rio de Janeiro. Após ter

surgido o boato que ambos sairiam do Rio Grande do Sul para remar em outro Estado, novos boatos surgiram de que eles possuíam muitos recursos financeiros e que não aceitariam propostas de outros clubes. No entanto, o que mostram as fontes é que nenhum dos dois era rico, sendo que o primeiro era vendedor e o segundo bancário, e até então os próprios se intitulavam amadores. Tal notícia também ventilava que os dois remadores estavam inclinados a aceitar uma proposta feita pelo Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, transformando o possível fato em escândalo. Os jornais abriram manchete e a Federação Aquática do Rio Grande do Sul resolveu estudar o assunto para ver o que de verdade existiu. Segundo o Jornal Correio da Manhã a entidade não ficou satisfeita com os resultados, pois seria de opinião geral que os remadores não queriam mais continuar remando no Rio Grande do Sul. De acordo com as fontes, a Federação Aquática do Rio Grande do Sul pensou em eliminar os remadores do seu quadro, tachando-os de profissionais e fazendo com que os mesmos deixassem de participar de campeonatos brasileiros até que ficasse eliminado, para sempre, o profissionalismo da canoagem nacional (AINDA..., 1948).

O interesse pelos remadores sul-rio-grandenses não era apenas do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, pois o Clube de Regatas do Flamengo, da mesma cidade e o Clube Floresta, de São Paulo, também queriam entrar no páreo para conseguir os dois remadores. De acordo com o jornal Correio da Manhã, os remadores estavam indecisos entre tantas propostas, e alegaram que não tinham nada decidido, e nem temiam Federação Aquática do Rio Grande do Sul. Eles não desmentiram e nem confirmaram nada sobre as propostas, apenas afirmaram que qualquer decisão só seria tomada após o Campeonato Sul-Americano, para o qual treinavam (AINDA..., 1948).

A dupla de remadores venceu o Campeonato Sul-Americano (no Uruguai) de 1948, nas provas de Dois sem timoneiro e Dois com timoneiro, tendo Arlindo da Cunha Cabral na equipe (LICHT, 1986, CLUBE DE REGATAS GUAÍBA PORTO ALEGRE, 2012), e foram considerados em condições de participar dos JO de Londres, na opinião de quem assistiu as provas. As vitórias, e a exposição dos remadores sul-rio-grandenses despertou a atenção da CBD, que sugeriu a abertura de uma subscrição popular, através do Jornal Folha da Tarde, para a compra de um novo barco, sem timoneiro, para a dupla campeã brasileira e sul-americana, visto que o barco que utilizavam, encontrava-se em péssimas condições (A REGATA...,

1948).

Em Porto Alegre as questões referentes ao amadorismo e ao profissionalismo no remo já incomodavam os órgãos desportivos na época. Em matéria intitulada “Os que deturpam o amadorismo” no jornal Correio da Manhã, a notícia era a seguinte:

A imprensa desta capital, tece comentários incisivos atacando certos clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, como Vasco, Flamengo, Botafogo e Floresta, como responsáveis pela onda de profissionalismo imperante no remo guanabarrino e paulistano, que não obstante a existência de tantos casos de profissionalismo, continua com o rótulo de amadorista. Estes comentários, vêm a propósito das notícias de que o Vasco teria feito ótima proposta ao popular “rower” gaúcho, João Batista da Silva Filho (Barata), enquanto o Floresta toma posição ao lado dos clubes cariocas para a conquista da dupla Percio Zancani e Paulo Diebold. Relembra-se que em 1947, o Botafogo mandou a conhecido técnico alemão Keller, a esta capital, convidar aqueles dois elementos e mais o sculler. Schulz e que no celeiro espiritosantense não permanece mais um bom remador, durante muito tempo. Afirma-se, que a FARGS tomará medidas enérgicas contra a investida dos citados clubes, sobre os melhores “rowers” gaúchos (OS QUE DETURPAM..., 1948).

Nesse sentido, o ex-remador do Clube de Regatas Guanabara do Rio de Janeiro, Carlos Osório, declarou em entrevista que o Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro, na década de 1940, dava casa, comida e pagava um pequeno auxílio pra ajudar nas despesas com transporte, trazendo remadores do Espírito Santo, do Rio Grande do Sul, que em geral eram pobres, então lhes dava um pequeno auxílio, e completa: “o que o clube mais fazia era arranjar emprego para o pessoal” (REMOLIVRE, 2012).

Em 8 de julho de 1948 a CBD enviou ofício a FARGS requisitando os campeões sul-americanos, brasileiros e gaúchos de remo, Percio Zancani e Paulo Diebold e o timoneiro Arlindo Cabral, para representarem o remo brasileiro nos JO de Londres. A escolha dos remadores gaúchos foi alvo de diversos debates nos jornais e rádios, do público e dos dirigentes esportivos. O jornal Correio do Povo de Porto Alegre, publicou em suas páginas:

Mas merece acres reparos a massiva que tão tardiamente deu entrada na FARGS. Não programou o Conselho Técnico de Remo, ou melhor, o órgão coveiro do esporte náutico nacional, nem provas de suficiência e muitos menos eliminatórias. No escuro indicou os remadores gaúchos. Nem cogitou saber junto à FARGS, se os mesmos estavam ou não em forma. E passou com sua displicência

sobre os remadores do Brasil indicando arbitrariamente uma tripulação para representá-lo, sem cogitas de preencher as formalidades necessárias, que serviriam para tirar sobre seus ombros, as responsabilidades no caso de haver um fracasso. Ao menos deveria marcar em Porto Alegre uma eliminatória. Nada disso foi feito. Mas também, o que se poderia esperar de um órgão, que cogita de alijar timoneiro e que da ordem a outro, que campeonato sul-americano “aplique mau jogo” aos visitantes?” (OS GAÚCHOS..., 1948, p. 11).

Em contraponto a esta opinião do Jornal Sul-Rio-Grandense, o Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, declarou em suas páginas, que o jornal do sul do Brasil não tinha razão de atacar a entidade, pois o critério adotado para a seleção dos atletas foi o do Campeonato Sul-Americano, explicando o porque da não realização de eliminatórias nas categorias Dois Com e Dois Sem timoneiro. Para o jornal do Rio de Janeiro, este critério foi o mais justo, e relatam que o Conselho Técnico de Remo da CBD, esteve sempre em contato com Pércio e Paulo, orientando-os sobre treinamento, e que seria uma injustiça se os remadores não tivessem a honra de defender o Brasil nos JO, e completam: “É possível que o órgão coveiro mereça censuras por muitos motivos, por este positivamente só merece louvores” (OS GAÚCHOS...,1948).

Os remadores sul-rio-grandenses participaram dos JO de Londres e não conquistaram os primeiros lugares, sendo eliminados na 3º semifinal, onde ficaram em 2º lugar na categoria Dois Sem Timoneiro (LICHT, 1986, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Posteriormente a participação nos Jogos, Paulo Diebold e Pércio Zancani continuaram a dupla no Rio Grande do Sul, até que no ano de 1951 o primeiro se transferiu para o Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, enquanto o segundo continuou em Porto Alegre.

4.2 OS JOGOS OLÍMPICOS DE HELSINQUE (1952)

A rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética chegou aos esportes na edição de 1952 dos JO, em Helsinque, na Finlândia. Realizada pouco tempo depois do início da Guerra Fria, esta edição ficou marcada pela estreia da União Soviética, que disputou com os Estados Unidos o maior número de medalhas. Para além deste fato, alguns feitos marcariam esta edição dos Jogos, entre eles a façanha do corredor Emil Zatopek, da antiga Tchecoslováquia, que foi o primeiro

participante a ganhar os 5.000m, os 10.000m (que já havia vencido em Londres 1948) e a maratona em uma mesma edição dos Jogos. Pela primeira vez, as mulheres competiram contra os homens na prova de adestramento do hipismo (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

A União Soviética compareceu pela primeira vez com uma delegação de mais de trezentos atletas, disposta a mostrar ao mundo as competências do comunismo. A nação que havia sido convidada para os Jogos de 1948 em Londres, mas preferiu não se expor a uma inevitável comparação com os Estados Unidos, enviou para os Jogos apenas técnicos e professores que voltaram cheios de anotações, dados e fotos sobre os métodos de treinamento. Nos anos seguintes, o governo comunista investiu em programas de desenvolvimento esportivo e formação de atletas de alto nível (CARDOSO, 2000).

Desde 1928, a União Soviética, por oposição aos JO tidos como capitalistas, passou a organizar e sediar competições internacionais para o bloco comunista, as *Spartakiads*. Posteriormente os soviéticos reviram suas estratégias e começaram a participar dos JO, dispostos a usar os mesmos como propaganda comunista, declarando uma maior capacidade em desenvolver o esporte dada a “superioridade” de seu regime político e sistema econômico (BUENO, 2008). Nesse sentido cabe ressaltar as palavras de Bracht (1997, p. 97):

O esporte, instituição específica, própria e relativamente autônoma, teve no movimento olímpico seu principal propulsor para a internacionalização e para a vinculação deste com o conceito de nação, o que inevitavelmente conduz à politização do esporte. Como consequência desta vinculação, o rendimento esportivo mensurado nas medalhas e recordes passou a simbolizar também o poder da nação.

Esta questão já pôde ser percebida em 1936, quando foi instituído o quadro de medalhas nos JO de Berlim, na Alemanha.

Pode-se dizer que a participação do Brasil também foi marcante, pois conseguiu chamar a atenção com uma imensa delegação, 108 atletas (103 homens e cinco mulheres) e voltou com três medalhas: uma de ouro no atletismo e duas de bronze, uma na natação e outra no atletismo. Na delegação brasileira havia apenas um atleta representando o Rio Grande do Sul: Alfredo Jorge Ebling Bercht. Ele foi pioneiro na modalidade vela no Brasil, e juntamente com Francisco Antonio Felici,

Wolfgang Edgard Richter, Peter Mangels, Tacariju Tomé de Paula, Cid de Oliveira Nascimento, e com a chefia de equipe de Joaquim Belém, compôs a equipe que representou o Brasil neste esporte (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

O velejador Alfredo Jorge Ebling Bercht estava vinculado ao Clube Veleiros do Sul quando da sua participação nesta edição dos Jogos. A fundação do clube Veleiros do Sul se confunde com o surgimento do esporte da vela em Porto Alegre. Alguns desportistas pioneiros, na segunda década do século XX, velejavam pelo Guaíba, e a partir dessas atividades, os autodenominados "veleiros avulsos" passaram a se reunir no bar Liliput na Av. Otávio Rocha, em Porto Alegre. Da formação do grupo surgiram às primeiras regatas na raia do bairro Navegantes. A primeira prova oficial de Porto Alegre foi em abril de 1934. Porém a falta de um local adequado para abrigar os barcos, levou o empresário Leopoldo Geyer a adquirir um terreno na Rua Frederico Mentz, onde o grupo de velejadores pudesse dispor de um porto e de uma sede. No dia 12 de dezembro de 1934, em uma das habituais reuniões no Liliput, Hugo Berta, sugeriu aproveitar a passagem do Dia do Marinheiro, para fundar a nova sociedade homenageando a Marinha do Brasil. Foi programado um jantar na Sociedade Germânia com tal finalidade. E assim, em 13 de dezembro de 1934, estava fundado¹⁰ o Clube Veleiros do Sul (VELEIROS DO SUL, 2012).

As primeiras informações sobre Alfredo Bercht datam o ano de 1940, quando o Clube Veleiros do Sul, depois receber atletas uruguaios, argentinos, paulistas e cariocas, para a regata de comemoração do Bicentenário de Porto Alegre, organizou uma delegação para competir no Uruguai. A equipe brasileira foi composta por Roberto Bromberg como capitão, Hugo Baumann, Charles Baumann, Jorge Geyer, Hugo Lemcke, Alfredo Bercht e Günther Becker (BÖHM; CARVALHO, 2001).

Em 1942 o CND incumbiu a Federação Gaúcha de Vela de organizar a VII Prova Veleiros do Brasil. Esta foi a primeira regata estadual depois da fundação da Confederação Brasileira de Vela e Motor. A equipe sul-rio-grandense foi composta por Hugo Baumann, Arno Albino Ely, Eberhard Herzfeldt, Bruno Altreiter, Alfredo Bercht, Rugard Brechtel e Erwin Ettrich, José Pons, chegou em primeiro lugar e

¹⁰ Fundadores: Roberto Funk, Hugo Berta, Rodolfo H.Theo Moeller, Leopoldo Geyer, Edgar Ritter, Normann Bromberg, Ewaldo Ritter, Rodolfo Falk, Kunz Kraft Lühmann, Rolf Krahe, Bruno Altreiter, Roberto Bromberg, Jacob Zeller, Hermann Guhr, Bruno Weinmann, Hugo Lemcke, Hans Salm, Hans Neugebauer, Hans Ziermann, Holm Bromberg, Herbert Kircheis, Walter Koch, Georg W. Priess, Werner Hunsche, Hans Guhr e Jens Ashton (VELEIROS DO SUL, 2012)..

recebeu o Prêmio Marcílio Dias, os demais participantes receberam medalhas da Liga de Esportes da Marinha. Neste mesmo ano foi realizada a disputa do Prêmio Miraguaya, na classe Sharpie, entre o Veleiros e o Grêmio Esportivo Masson. A equipe, que teve entre os seus componentes Alfredo Jorge Ebling Bercht, venceu novamente (BÖHM; CARVALHO, 2001).

Ainda no ano de 1942, Alfredo Bercht participou juntamente com seu irmão Rolf Bercht, dos festejos do 8º aniversário do clube Veleiros do Sul, onde disputaram a Copa Miraguaya. O I Campeonato Estadual de Classe (1942) em Sharpie 12m, integrante do Calendário da Federação, para a disputa da Taça Helo, iniciou em abril, e foi concluído em maio do mesmo ano. A equipe do Clube Veleiros do Sul venceu com: Alfredo/Rolf Bercht, Erwin Ettrich/Francisco Droescher e Charles/Hugo Baumann (BÖHM; CARVALHO, 2001).

Posteriormente, os anos de 1944, 1945 e 1946 foram de grandes vitórias para os irmãos Alfredo e Rolf Bercht, que venceram a IV copa Miraguaya, em 16 de dezembro de 1944, classe Sharpie 12 m, em comemoração ao 10º aniversário da fundação do Veleiros do Sul e a Copa Brisa em 1945. No mês de outubro de 1946 o clube venceu também a Copa Yacht Club Argentino na classe Sharpie, prêmio transitório instituído em 1941. Nesta competição o barco Inca com Alfredo e Rolf Bercht e o barco Micróbio com Hugo Lemcke e Kurt Raupp, foram os vencedores (BÖHM; CARVALHO, 2001).

As temporadas de 1947 e 1948 começaram com a disputa da Copa Yacht Club Argentino, que teve como vencedores na classe Sharpie, o barco Inca com Alfredo e Rolf Bercht e o barco Piranha, com Carlos Leipelt (estreadante) e Hugo Lemcke; na classe Guanabara: Umuarama sob o comando Erwin Bier (BÖHM; CARVALHO, 2001).

A volta do Jacuí que era uma regata interna do Veleiros do Sul, em 1950 passou a integrar o calendário da Federação de Vela e Motor do Rio Grande do Sul (FVMRGS). Participaram barcos na classe Sharpie, Guanabara e Jangadeiro. A vitória na classe Sharpie ficou com Alfredo e Rolf Bercht (BÖHM, 2001, p.110). Em fevereiro de 1951, Alfredo Bercht participou, juntamente com Rgard Brechtel, Karl Stephan e Reisswitz da V Copa Brisa (BÖHM; CARVALHO, 2001).

Em 1952 o clube começou a promover palestras e debates sobre as novas regras internacionais de regata. O Grupo de Jovens passava a praticar vela aos sábados, sob orientação da Diretoria Técnica. Esta atividade daria oportunidade de

orientar os mais novos e serviria, também, para a formação de um bem treinado corpo de juízes de regata. A primeira palestra foi dada por Alfredo Bercht, que fez um relatório pormenorizado sobre os JO de Helsinque. O atleta participou deste evento na classe Finn, depois da conquista da vitória das regatas eliminatórias em São Paulo (BÖHM; CARVALHO, 2001).

Poucas informações foram encontradas nas fontes sobre a participação de Alfredo Jorge Ebling Bercht nos JO de Helsinque em 1952. O competidor ficou em 9º lugar na classificação geral. O atleta voltou a competir na próxima edição dos Jogos, em Melbourne, na Austrália em 1956, fazendo dupla com o irmão Rolf Fernando Ebling Bercht.

4.3 OS JOGOS OLÍMPICOS DE MELBOURNE (1956)

Os JO de Melbourne em 1956 inauguraram a era dos boicotes. Nesta edição do evento a Holanda, Espanha e Suíça não participaram em protesto a repressão russa sobre a Hungria, e não faltaram pretextos para sair em defesa de uma boa causa mundial. O Iraque, Egito e Líbano se retiraram para protestar contra a intervenção ocidental no Canal de Suez. A China de Mao Tsé-Tung suspendeu a viagem a Melbourne de seus 92 atletas, às vésperas do embarque, em protesto a participação dos atletas de Taiwan (CARDOSO, 2000). Nesse caminho o presidente do COI, Avery Brundage, afirmou: “Somos mortalmente contra aqueles que usam as Olimpíadas com propósitos políticos, independentemente de estarem certos ou errados, trata-se de uma competição entre indivíduos e não entre Nações” (CARDOSO, 2000, p. 222).

Novamente a política tentou interferir na organização e no nível de participação dos Jogos. Os episódios mais drásticos da história moderna, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, levaram ao cancelamento das edições de 1916, 1940 e 1944. Se nos casos anteriores a interferência ocorria de forma indireta, como consequência dos acontecimentos, em 1936, a manipulação dos Jogos de Berlim em favor do governo nazista tornou-se explícita. A partir daí o esporte passou a ser um importante instrumento de protesto e de pressão para atingir objetivos políticos (CARDOSO, 2000, BUENO, 2008).

Como se não bastassem os problemas externos, a situação interna no país não era das melhores, no que diz respeito à preparação e organização do evento.

Um ano antes dos Jogos nenhuma obra cumpria o cronograma previsto para a sua conclusão, pois uma disputa entre o Governo Federal e a prefeitura de Melbourne atrasou a liberação dos recursos para o projeto olímpico. A situação só melhorou quando o Governo Federal repassou 4,5 milhões de dólares para o Comitê Organizador. Outro problema, porém, não teve solução, pois, nesta época vigorava uma quarentena de seis meses para a entrada de cavalos na Austrália, medida preventiva contra a epidemia de febre equina que se alastrava pelo mundo. De posse da informação de que o governo australiano não mudaria de posição sobre a entrada de cavalos no país, o COI reuniu-se representantes de outros países, para achar uma solução para o problema. Nesse caminho os presidentes da Federação Internacional Equestre e da Federação Internacional de Pentatlo, emitiram um comunicado de que fariam um esforço supremo para impedir a celebração dos JO na Austrália, e iriam designar para a sede dos mesmos um país que respeitasse a carta olímpica (AINDA...,1954).

As autoridades sanitárias locais não abriram exceção para os cavalos que deveriam chegar para os Jogos, e contrariando as normas, pela primeira vez os JO foram realizados em países diferentes, simultaneamente. A solução foi transferir cavalos e cavaleiros para Estocolmo, na Suécia (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

A Guerra Fria cada vez mais mexia com a imaginação do público que acompanhava os JO, pois com a entrada da União Soviética em nos jogos de 1952, muitos torcedores norte-americanos esperavam que o evento fosse uma competição entre esses dois países, e que os demais ficariam a margem destes nas competições. Estas questões iam de encontro as declarações do Presidente de COI e de outros dirigentes olímpicos, de que os JO constituem competições individuais e não luta de países. Nesse sentido a soma do número de medalhas feita pela imprensa também começou a incomodar o COI, que declarou: “Nenhum país ganha os Jogos Olímpicos, os vários esportistas é que ganham individualmente nas suas modalidades, e só” (NÃO HÁ..., 1956).

Para os JO de Melbourne, na Austrália, em 1956, O Brasil levou uma delegação de 48 atletas (47 homens e uma mulher), destes, três foram representantes do Rio Grande do Sul: Alfredo Jorge Ebling Bercht e Rolf Fernando Ebling Bercht na vela; e Breno Vignoli no pentatlo moderno. Desde a introdução do pentatlo moderno nos JO, em 1912, foi a primeira participação de um atleta

brasileiro neste esporte. A representação do Brasil retornou dos JO com uma medalha de ouro conquistada no atletismo (TODT *et al.*, 2005).

No ano de 1956, Alfredo Bercht participou de uma competição, representando o late clube Guaíba, porém não foram encontradas nas fontes informações que podem assegurar que ele estivesse vinculado a este clube na época (SOARES, 1991). Foram consultadas também 90 atas de reuniões do Clube Veleiros do Sul, mas as mesmas não fazem menção a Alfredo Jorge Ebling Bercht e Rolf Fernando Ebling Bercht de 1956 a 1962 (VELEIROS DO SUL, 2012).

Neste mesmo ano o velejador sul-rio-grandense participou de mais uma edição dos JO, em Melbourne, na Austrália. Desta vez fez dupla com seu irmão, Rolf Fernando Ebling Bercht. Os atletas que já competiam juntos desde a década de 1940, ficaram em 10º lugar na classificação geral (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Posteriormente a participação nos JO de 1956 as fontes nos mostram que Alfredo Bercht continuou competindo, tendo sido Campeão Brasileiro em 1961, 1963, 1964 e 1965, fazendo dupla com Manfred Flöricke pelo Clube Jangadeiros, de Porto Alegre, participando também de uma competição internacional pelo mesmo clube (SOARES, 1991 ; JANGADEIROS, 2012). O velejador sul-rio-grandense ainda aparece competindo na década de 1980, mais precisamente no Campeonato Gaúcho de Barcos Oceânicos, realizado na Raia da Pedra Redonda, em Porto Alegre, entre os dias 28 de abril a 01 de maio de 1984, tendo chegado em 2º lugar em sua categoria (FLOTILHA, 2012).

Após a participação nos JO de 1956 não foi encontrado nas fontes registros de outras participações de Rolf Bercht em outras competições. Formado pela UFRGS onde também foi Professor de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia, faleceu em Porto Alegre no dia 22 de setembro de 2012, aos 87 anos (OBTUÁRIO, 2012).

Breno Vignoli foi atleta do Grêmio Náutico União, de Porto Alegre, clube fundado em 1º de abril de 1906 quando seis jovens garotos, Carlos Arnt, Hugo Deppermann, Arno Deppermann, Hugo Berta, Arnaldo Bercht e Emílio Bercht, tinham o sonho de ver o remo, seu esporte preferido, nas águas do Guaíba. Num terreno cedido próximo a Voluntários da Pátria, no centro de Porto Alegre (RS), foi construído um barraco de tábuas como sede, denominado "Ruder Verein-Freundschaft" - Sociedade de Regatas Amizade (MAZO *et al.*, 2012, GRÊMIO

NÁUTICO UNIÃO, 2010).

Atleta de destaque neste clube sul-rio-grandense praticou natação, polo aquático e também foi responsável pela direção do departamento de natação, que assumiu em 05 de dezembro de 1948. Em 28 de dezembro de 1949 bateu o recorde gaúcho do revezamento 4x100 nado livre na companhia dos atletas Fernando Perrenou, Werner dos Reis e Verner Heidrich. Com a mesma equipe bateu o recorde gaúcho do revezamento 4x200, em 03 de janeiro de 1950. Esta equipe unionista vencedora chegou em primeiro lugar na 1ª parte do campeonato estadual de natação, no 4x100 nado livre, realizada na piscina do Grêmio Náutico União, em 02 de março de 1950 (HOFMEISTER, 1981)

No polo aquático Breno Vignoli participou da equipe do Grêmio Náutico União que venceu o Grêmio Náutico Gaúcho, por 3x0 (melhor de três), na primeira partida do Campeonato Estadual de Polo Aquático em 16 de Março de 1950. A equipe foi formada por: Doormann, Loureiro, Tutú (depois Dietrich), Ferrari (depois Petzhold), Verner (depois Plauto), Breno Vignoli e Gato Feio. Posteriormente na segunda partida, em 19 de Março de 1950, derrotando o mesmo clube na 2ª partida da série, por 8 x 1, a equipe do GNU conquistou o Campeonato Estadual. A equipe que compôs a segunda partida foi composta por: Doormann, Dietrich e Paulo (depois Nascimento), Tutú, Petzhold (depois Aloisio), Breno e Ferrari (depois Loureiro) (HOFMEISTER, 1981).

Em 20 de Março de 1953, na piscina do Leopoldina juvenil, Breno Vignoli ostentou a fita azul da natação gaúcha, marcando 1'2"8 para os 100m nado livre. No dia 10 de junho do mesmo ano, foi empossado como secretário técnico na diretoria do Dr. Pedro Sirângelo, que foi eleito em 28 de maio de 1953. (HOFMEISTER, 1981)

No dia 30 de setembro de 1954, no V Campeonato de Pentatlo Moderno Sul Americano, o Brasil venceu coletivamente e Breno Vignoli, integrante da equipe brasileira, ficou em 1º lugar na prova de natação 300 metros, obtendo o recorde sul americano para o pentatlo (HOFMEISTER, 1981).

No dia 18 de março de 1955 venceu o campeonato de natação dos Jogos Pan-americanos, nos 300 metros nado livre, com o tempo de 4'9"2, ficando em 12º lugar na classificação geral (OS BRASILEIROS..., 1955; HOFMEISTER, 1981).

Em 1956 Breno Vignoli participou da equipe bicampeã de Pentatlo Moderno no VI Campeonato Sul-americano disputado no Uruguai de 7 a 11 de fevereiro de 1956, tendo ficando em 2º lugar na classificação individual (BRASIL..., 1956).

Neste mesmo ano, o atleta que também era Militar do Exército, foi convocado pelo Ministério da Educação e Cultura, sob a autorização do Presidente da República, para participar das disputas do Pentatlo Moderno nos JO de Melbourne, na Austrália. Não foram encontradas no livro do GNU informações sobre a participação de Breno Vignoli nesta edição dos JO, sendo que o Comitê Olímpico Brasileiro (2004) também não relaciona o atleta na lista de participantes (A NOSSA..., 1956). A única fonte encontrada que registra a participação do atleta nesta edição dos JO é a pesquisa publicada no Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul, sobre os atletas olímpicos sul-rio-grandenses (TODT *et al.*, 2005).

Nesta edição dos JO o assunto em voga mais uma vez foi o amadorismo. A Hungria, dominada pelos comunistas, admitiu oficialmente que seus atletas amadores eram, na realidade, profissionais que recebiam casas e automóveis como pagamento de seus feitos desportivos. O diário oficial do país queixou-se da ingratidão dos atletas húngaros que não voltaram para o seu país de origem, após a participação nos Jogos, chamando de ingratidão e cinismo a atitude dos atletas, visto que Hungria, agora devastada pela revolução, não podia mais oferecer altos contratos e automóveis novos para os seus atletas (AMADORISMO...,1956).

5 MEMÓRIAS DO ESPORTE OLÍMPICO SUL-RIO-GRANDENSE

Este capítulo aborda a participação dos atletas sul-rio-grandenses nos JO de 1960, 1964, 1968 e 1972, sendo estas anteriores a promulgação da Lei n. 6251, de 8 de outubro de 1975, regulamentada pelo Decreto n. 80228 de 25 de agosto de 1977, que dispõe sobre as atribuições do Comitê Olímpico Brasileiro, onde o mesmo, a partir desta data, pôde “organizar e dirigir, com a colaboração das confederações desportivas nacionais dirigentes do desporto amador, a participação do Brasil nos JO, Pan-Americanos e em outros de igual natureza” (BRASIL, 1977, p.3). Para além da contribuição da história oral da participação dos atletas nestas edições dos JO, foi feito um resgate histórico, buscando reunir as informações sobre a participação dos atletas nestes eventos olímpicos, buscando também compilar informações sobre a vida esportiva destes atletas, para conhecer o caminho feito por cada atleta até a participação no evento olímpico.

5.1 OS JOGOS OLÍMPICOS DE ROMA (1960)

Nos JO de Roma em 1960 foram gastos aproximadamente 24 milhões de dólares, que foram arrecadados com a loteria esportiva, para organizar o evento. A população local que primeiramente ficou indiferente à realização do evento, com o passar do tempo foi se envolvendo, incluindo o Papa João XXIII que foi dar uma olhada nas finais das provas de remo, disputadas no Lago Albano, perto do Castelo de Verão do Pontífice. Mas o que atraiu os olhares não foi o Papa e sim a televisão (CARDOSO, 2000).

Em 1936, um circuito fechado de televisão possibilitou que os Jogos de Berlim fossem vistos em transmissão direta nos telões armados em vários teatros da capital alemã por cerca de 200 mil espectadores. Em 1948, em Londres, os Jogos chegaram aos 80 mil domicílios da Inglaterra. Porém para os JO de Roma o Presidente do COI, Avery Brundage, não estava convencido da inevitabilidade da transmissão dos Jogos pela televisão e declarou em 1956: “O COI viveu muito bem sessenta anos sem televisão e pode viver muito bem outros sessenta anos sem televisão”. Porém antes da realização da próxima edição dos JO o Presidente do COI se viu cercado pela pressão dos dirigentes das diversas federações que estavam interessados na fonte de renda que surgia com a transmissão dos Jogos.

Em 1959 o Presidente da Federação Internacional de Atletismo, Lord Burghley teria declarado: “Ou aumentam a nossa cota ou vamos fazer campeonato à parte”, em uma clara menção ao aumento do percentual que seria recebido por causa das transmissões. Em Roma, pela primeira vez, uma cadeia transnacional de televisão transmitiu os jogos ao vivo para 20 países (CARDOSO, 2000, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Para esta edição dos JO o Brasil compareceu com uma delegação de 81 atletas, onde quatro representantes eram provenientes do Rio Grande do Sul: Ernesto Neugebauer Endter, Francesco Todesco, Harry Edmundo Klein e Paulino Gonçalves Leite, todos remadores do GNU.

Ernesto Neugebauer Endter remou pelo GNU foi Campeão Estadual de Remo em 1960, ao lado de Harry Klein, Paulino Leite, Francisco Todesco, voga, Otávio Santos Rocha, timoneiro na categoria Quatro com Timoneiro, e na categoria Oito com timoneiro na companhia de: Milton Meurer, Tadeu Koslowski, Henri Kalisz, Edwino Mirowski, Harry Klein, Ernesto Neugebauer Endter, Paulino Gonçalves Leite, Francesco Todesco, Gustavo Valle, timoneiro (HOFMEISTER, 1981). No campeonato brasileiro de 1960, Ernesto remou ao lado de Paulino Gonçalves Leite, Harry Edmundo Klein, Francesco Todesco, Vitor Pascoal Russo e Reni Pereira de Souza, timoneiro. Pelo que nos mostram as fontes, após a participação nos JO de 1960, Ernesto Neugebauer remou junto com Paulino Leite pelo Clube de Regatas Vasco da Gama do RJ, no Campeonato da Cidade do Rio de Janeiro (BOTAFOGO..., 1960).

Francisco Todesco nasceu em 30 de outubro de 1937 começou sua carreira esportiva remando pelo GNU. Foi campeão estadual de remo em 1959 e 1960, na categoria Quatro com timoneiro, na companhia de Léo Rigon, Antônio Marcelino, Antônio Cândido, Harry Klein, Ernesto Endter, Paulino Leite e Otávio Santos Rocha. Conquistou também o Campeonato Brasileiro de 1960 na categoria Quatro com timoneiro (HOFMEISTER, 1981, CBR, 2012). No ano de 1962 foi novamente Campeão Estadual de Remo, na categoria Dois sem timoneiro, juntamente com Pedro Eli B. Leal e participou do Troféu Clássico Sulbanco na categoria Oito com timoneiro, na companhia de: Ruthgerus Melis, Nelson Breier, Sérgio Alice, Carlos Kronbauer, Nelson Fritz, Edgar Gijzen, Pedro Eli B. Leal, Francesco Todesco, voga, Roni de Souza, timoneiro (HOFMEISTER, 1981). Neste mesmo ano foi Campeão

Brasileiro e Sul-americano ao lado de Edgar Gijsen, na categoria *Double*, sendo a única guarnição que conseguiu vencer os argentinos nesse ano.

Harry Klein nasceu em 01 de Janeiro de 1942 e remando pelo GNU foi campeão estadual e brasileiro de remo. Participou de três edições dos JO pelo Brasil. Em Roma, 1960, remou na prova Quatro com timoneiro e no pan-americano de 1963, em São Paulo ficou com a medalha de prata na categoria Quatro sem timoneiro. Nos JO do México, em 1968, remou na prova *Double sculls*, ficando em 7º lugar. Nos jogos de Munique em 1972 foi reserva da delegação, ficando sem competir oficialmente. O atleta se transferiu para o Clube de Regatas do Flamengo após a participação nos JO de Roma, em 1960 (HOFMEISTER, 1981; CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO, 2012).

Abaixo apresentamos uma compilação de informações sobre a vida esportiva deste atleta, elaborada pelo pesquisador:

Figura 14 - Dados sobre a vida esportiva de Harry Klein

ANO	EVENTO	CLUBE	PROVA	CLASSIFICAÇÃO	RESULTADO
1960	JOGOS DA XVII OLIMPIADA	BRASIL	4 +	0	07.09,78
1960	XLIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	4 +	1	07.06,00
1962	XLV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO	4 +	1	07.14,00
1963	IV JOGOS DESPORTIVOS PAN-AMERICANOS	BRASIL	4 -	2	06.43,00
1964	XLVI CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO	4 +	1	07.17,00
1964	XLVI CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO	2 X	1	07.23,00
1964	VIII CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	07.01,00
1965	IX CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	06.48,00
1965	XLVII CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO	2 X	1	07.45,00
1968	JOGOS DA XIX OLIMPIADA	BRASIL	2 X	1	07.04,13
1968	X CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	07.15,00
1970	XI CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	S/T
1971	VI JOGOS DESPORTIVOS PAN-AMERICANOS	BRASIL	2 X	1	06.53,72
1971	XLIX CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO	2 X	1	07.04,00
1971	XLIX CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO	1 X	1	07.34,00

Fonte: (HOFMEISTER, 1981; CBR, 2012; CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO, 2012)

Paulino Gonçalves Leite nasceu em 1 de abril de 1937 e iniciou sua carreira remando pelo GNU. Foi campeão estadual de remo em 1959 (Quatro com timoneiro)

juntamente com Edwino Mirowski, Tadeu Koslowski, Francesco Todesco, voga, André de Souza, timoneiro. Em 1960 foi campeão estadual novamente, somente com a alteração do timoneiro para Otávio Santos Rocha. Também remou na categoria Oito com timoneiro, onde participou da equipe vencedora da prova Internacional da Liga Naval Argentina em Buenos Aires no ano de 1960. A equipe foi formada por: Milton Meurer, Tadeu Koslowski, Henri Kalisz, Edwino Mirowski, Harry Klein, Ernesto Neugebauer Endter, Paulino Gonçalves Leite, Francesco Todesco, Gustavo Valle como timoneiro (HOFMEISTER, 1981).

No ano de 1964 se transferiu para o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, onde começa a figurar nas competições (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO 2012; CLUBE DE REGATAS PIRAQUÊ, 2012).

Mesmo tendo remado juntos por diversas vezes, conquistando diversos títulos em campeonatos nacionais e internacionais, os remadores sul-rio-grandenses foram eliminados na primeira repescagem nos JO de Roma. O Brasil conquistou duas medalhas de bronze, uma no basquete masculino e outra na natação.

5.2 OS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO (1964)

Logo após a participação da delegação brasileira nos Jogos de Roma, o Presidente da República Juscelino Kubitschek, em reunião com os dirigentes esportivos brasileiros, em 27 de setembro de 1960, resolveu instituir a “meta esportiva”. Tal ação teve por finalidade melhorar o rendimento da delegação brasileira nos JO de Tóquio, em 1964, pois foi observado pelo governo que os resultados obtidos nos JO de Roma foram pouco satisfatórios. Foi formada uma comissão¹¹ que ficou encarregada de apresentar, no prazo de dez dias, o plano de trabalho para a execução da referida meta. Nesta reunião realizada no Palácio da Alvorada, o Presidente da República examinou com os membros da comissão uma série de problemas relacionados com as atividades esportivas do país, inclusive referentes a falta de amparo oficial (GOVERNO...,1960). Não foram encontrados nas

¹¹ A comissão foi formada pelos seguintes membros: Ministro Geraldo Starling Soares (Presidente do CND), João Havelange (Presidente da CBD), Cel. Gerônimo Bastos (Membro da Comissão Desportiva das Forças Armadas), Almirante Paulo Martins Meira (COB), João Correia da Costa (Representante das Federações Internacionais), Antonio Pereira Lira (Diretor da Escola de Educação Física do Exército), Ademar Ferreira da Silva (Representante dos Atletas Brasileiros), Luiz Tavares (Assistente Médico) e o coronel Joffre Lelis, oficial de gabinete do presidente, para assessor da comissão.

fontes os desdobramentos desta reunião

Após a Segunda Guerra Mundial o Brasil integrava o bloco capitalista, mas em 1961, o então Presidente João Goulart, desenvolveu uma política externa independente do apoio das superpotências da Guerra Fria, e promoveu uma aproximação política entre o Brasil e a União Soviética, o que desencadeou atritos com as lideranças políticas, econômicas e militares do Brasil.

Em fevereiro de 1964, o Presidente João Goulart anunciou as reformas de base, que consistiam em um conjunto de reformas sociais que incluía entre os assuntos a reforma agrária. Suas ações preocuparam a classe burguesa do Brasil e os investidores norte-americanos, que somado a outros fatores, deixou o clima era propício para um golpe de estado. Em 31 de março de 1964, o presidente foi deposto por um golpe militar que teve apoio decisivo da elite conservadora brasileira e da Agência de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), e instalou-se no Brasil uma ditadura militar que governou o país por duas décadas (1964 – 1985). O período se caracterizou pela censura à imprensa, aos movimentos culturais e sociais, e a repressão aos opositores do regime militar, com a institucionalização da tortura, entre outras ações (FREITAS, 2012).

Para além do que acontecia no Brasil, as questões referentes ao amadorismo estavam cada vez mais em pauta no mundo esportivo. A comissão executiva do COI, em reunião, anunciou que pretendia incluir uma nova e precisa definição de atleta amador ou profissional (JUDÔ E VOLIBOL..., 1961). A respeito da definição do amadorismo, afinal especificada pelo COI, depois de muitos anos de discussão, o artigo 26, do regulamento sobre essa questão, precisa:

É amador o desportista que pratica e que sempre praticou o esporte sem obter lucro algum”; “Para poder ser considerado amador, o desportista deve justificar:

- 1- Que ocupa uma situação que lhe permite garantir a sua existência ou preparar o seu futuro;
- 2-Que não recebe, nem recebeu jamais, remuneração alguma por tomar parte numa competição esportiva;
- 3-Que observa os regulamentos da Federação Internacional do esporte que pratica” (JUDÔ E VOLIBOL..., 1961).

A cidade de Tóquio era candidata a sede olímpica desde 1940, mas a Segunda Guerra Mundial, que forçou a suspensão dos Jogos por dois períodos consecutivos, atingiu severamente o Japão. Posteriormente em 1964, o país já tinha

a maior renda *per capita* da Ásia e sua economia crescia 10% a ano, a mais alta taxa de desenvolvimento do mundo, e o governo japonês investiu 3 bilhões de dólares para promover o evento (CARDOSO, 2000).

O Brasil esteve presente na estreia de dois esportes olímpicos, o judô e o voleibol. Segundo o Presidente do COI, o voleibol entrou na programação desta edição, mas sem nenhum compromisso para o futuro (JUDÔ E VOLIBOL..., 1961). Nesta edição dos JO a delegação brasileira foi composta de 69 atletas, sendo destes apenas uma mulher. Dois atletas do Rio Grande do Sul estiveram presentes nos JO de Tóquio: Marco Antônio Volpi (Voleibol) e Mauri Fernandes Fonseca (Natação), vinculados na época ao GNU.

Marco Antônio Volpi nasceu em Porto Alegre, em 1 de julho de 1943, no bairro navegantes. Desde a infância praticava esportes, na Sociedade Navegantes São João e na Praça Pinheiro Machado em Porto Alegre. Com 15 anos de idade começou a praticar com mais frequência o voleibol, e com uma trajetória relativamente rápida, com 16 anos participou do Campeonato Juvenil de voleibol em Volta Redonda do RJ, sendo destaque na imprensa da época: “Dois juvenis que brilharam em volta redonda, no certame nacional da categoria, no ano passado: Marco Antonio Volpi e Vitor H. Pietzch” (VOLIBOL..., 1960).

Posteriormente entre 1950 e 1960 saiu da Sociedade Navegantes São João e foi treinar no GNU. Neste período, mesmo tendo idade para participar da categoria juvenil foi para o Campeonato Brasileiro na seleção adulta.

Em 1961 integrou a equipe vencedora do campeonato estadual de Voleibol, com Cláudio Behrend, Wilson Moschini, Juremir Goldani, Jorge D’Avila, Julio Cezar Volpi, Antônio C. Gonçalves, Carlos Py (HOFMEISTER, 1981). Sendo então, campeões estaduais, a equipe do Grêmio Náutico União representou o Rio Grande do Sul na 1ª disputa do Troféu Brasil de Voleibol – Taça Guarani, obtendo de forma invicta o título nacional interclubes. A equipe foi formada pelos seguintes atletas: Antônio C. Gonçalves, Antonio C. Lampert, Claudio Behrend, Julio Cezar Volpi, Leão Szpiczkowski, Marco Antônio Volpi, Vitor Hugo Pietzsch, Wilson Moschini, Juremir Goldani, Jorge Luiz Lobo D’Avila, Gilberto Assis Brasil e Carlos R. Py (HOFMEISTER, 1981, p. 166).

No ano de 1962 participou do Campeonato Brasileiro em Campinas, São Paulo, e neste mesmo ano participou do Campeonato Sul Americano no Chile, onde a equipe ficou em primeiro lugar. Neste mesmo ano participou também do

Campeonato Mundial na Rússia. A previsão, depois do Campeonato Mundial na Rússia era fazer uma série de Jogos pelo país, mas com o advento do embargo dos Estados Unidos à Cuba, a confederação achou mais prudente que a delegação saísse da União Soviética, por ser este país integrante da Cortina de Ferro.¹² Neste mundial a equipe brasileira ficou conhecendo a “manchete”, novidade para a época, pois no Brasil ainda recebiam a bola com o “toque”. De posse da novidade conseguiram treinar três dias antes do Campeonato Mundial (VOLPI, 2013).

Foi também tricampeão gaúcho pelo GNU (1961/1963), Campeão Sul-Americano (1962) e Campeão Pan-Americano (1963), em São Paulo (VOLEIBOL..., 1964; HOFMEISTER, 1981). Em 1964, quando da convocação para os JO de Roma, o atleta estava em um período sem jogar, mas continuava treinando. Nesta época o atleta iria se transferir para o Botafogo do Rio de Janeiro, mas um problema com as datas de transferência para o clube carioca fez com que ele ficasse sem jogar. A notícia foi destaque no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro:

Vem causando celeuma o conflito de datas relativas à entrada da Federação Metropolitana de Voleibol o pedido de transferência do atleta Marco Antonio Volpi em favor do Botafogo. Os dirigentes do clube afirmam que a transferência entrou em 29 de fevereiro - último dia que o atleta ficaria isento de estágio – e apresentam como prova um protocolo daquela data, firmado por funcionário da Federação. A Secretaria da entidade acusa ter recebido o documento somente em 6 de março, o que obrigará Marco Antônio a cumprir um ano de estágio (CHOQUE DE DATAS..., 1964, p. 15).

No fim deste processo o atleta ficou sem jogar no Brasil, esperando o tempo de estágio. Mesmo nessas condições, foi convocado para os JO de 1964. Foi a primeira vez que o voleibol entrou na lista dos esportes olímpicos, e nesse sentido, Carlos Arthur Nuzman, que era um dos jogadores da equipe declarou: “Levávamos a máxima do barão ao pé da letra. O importante era competir. Ganhar medalha nem passava pela nossa cabeça” (CARDOSO, 2000, p. 272). Bastava a glória de fazer parte da grande festa e desfrutar do ambiente olímpico. O Jornal do Brasil também deu a sua opinião sobre o assunto:

¹² Cortina de Ferro foi uma expressão usada para designar a divisão da Europa em duas partes, a Europa Oriental e a Europa Ocidental como áreas de influência político-econômica distintas, no pós-Segunda Guerra Mundial conhecido como Guerra Fria. Durante este período, a Europa Oriental esteve sob o controle político e/ou influência da União Soviética, enquanto a Europa Ocidental esteve sob o controle político e/ou influência dos Estados Unidos.

Voleibol vai a Tóquio sem chance de medalha e disposto a aprender. Sem chance de conquistar qualquer medalha e com remotas possibilidades de classificar-se até o sexto lugar, o voleibol brasileiro segue hoje para os Jogos Olímpicos de Tóquio, disposto principalmente a aproveitar as lições que o raro convívio com os centros mais adiantados oferece. Presente a todos os Campeonatos Mundiais, a partir de 1956, o Brasil irá agora à primeira Olimpíada onde o voleibol figura entre as modalidades em disputa. Participará apenas do torneio masculino, tendo nove países adversários, dentre eles os melhores praticantes mundiais deste esporte, como a URSS, Romênia, Tcheco-Eslováquia e Hungria (VOLEIBOL..., 1964, p. 15).

Nesta edição dos Jogos, a equipe brasileira de voleibol jogou nove partidas, sofrendo 6 derrotas e conquistando três vitórias, obtendo o 7º lugar na competição. Sobre a participação nos JO, o atleta relata que o interesse dos cronistas esportivos era mais pessoal, em relação ao atleta e não ao clube, e que na época não havia estratégias de marketing para vincular o nome do jogador ao do clube. Em relação ao profissionalismo e amadorismo o atleta pontua que isso foi acontecer posteriormente, quando ele estava deixando de competir, mais ou menos pelos final da década de 1960. Relata também que na época ninguém era patrocinado pessoalmente, mas sabia que os atletas dos países socialistas eram, em sua maioria, funcionários públicos ou militares, então de alguma maneira ganhavam alguma coisa (VOLPI, 2013).

Após a participação nos JO de Tóquio, Marco Antônio Volpi voltou para Porto Alegre, quando em 1965 conseguiu assinar com o Botafogo do Rio de Janeiro. No ano de 1967 voltou para o Rio Grande do Sul, sobre o qual relata: “Vim para o Rio Grande do Sul, pois não ganhava nada no Rio de Janeiro. Lógico que naquela época eu trabalhei no Rio de Janeiro, mas não era emprego. Eu não tinha o segundo grau, não tinha faculdade, não tinha nada, como progredir?” (VOLPI, 2013, p.8). Continuou a participar de competições integrou a equipe que foi para os Jogos do Pan-americano de 1967, em Winnipeg, Canadá, onde o Brasil ficou com medalha de prata, perdendo o ouro para os Estados Unidos. Marco Antônio ainda participou dos JO do México, em 1968, onde descreveremos outras informações no próximo capítulo (VOLPI, 2013).

Mauri Fernandes Fonseca nasceu em 12 de setembro de 1941 em Porto Alegre. Foi por oito anos consecutivos, considerado o melhor nadador do Brasil na prova dos 100 metros nado borboleta, onde obteve vários recordes em competições estaduais e nacionais na década de 1960. Competindo pelo GNU foi campeão

estadual, recordista brasileiro e sul-americano de natação. Nesse caminho foi convocado para os JO de Tóquio em 1964, sendo o primeiro atleta da natação sul-rio-grandense a participar de um evento olímpico (NOVA MARCA..., 1961; BOM INÍCIO..., 1962; COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

O nadador sul-rio-grandense foi confirmado para a delegação brasileira nos JO de 1964 juntamente com os nadadores Athos Procópio, Farid Zablith e Álvaro Pires, e durante a preparação para os JO de Tóquio treinou na piscina do Botafogo, no Rio de Janeiro (QUATRO..., 1964).

Depois do desembarque na cidade de Tóquio os atletas foram treinar na piscina do Ginásio Nacional, muito elogiada pelo atleta sul-rio-grandense. Quando perguntado sobre a possibilidade da equipe de natação do Brasil nos JO, Mauri Fonseca teria declarado que as possibilidades não existiam, fato que talvez pudesse ser contornado com a presença do nadador Manoel dos Santos, que havia conquistado medalha de bronze na edição anterior dos JO (FINA..., 1964).

Confirmando as previsões os nadadores brasileiros competiram, mas não conseguiram boas colocações, sendo eliminados nas provas em que tomaram parte. Na estreia olímpica do Judô, o japonês naturalizado brasileiro Lhofei Shiozawa chegou as quartas de final na categoria dos médios. No vôlei, os brasileiros perderam seis das nove partidas que disputaram e 23 dos 36 sets (NATAÇÃO..., 1964; CARDOSO, 2000). O atleta sul-rio-grandense competiu nos 100 metros nado livre e no revezamento 4x100 medley, tendo alcançado o 59º e 13º respectivamente (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

5.3 OS JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO (1968)

Alguns dias antes do início dos JO realizados na Cidade do México, a capital mexicana se deparou com uma manifestação de cerca de 10 mil estudantes, que protestaram contra a ocupação dos *campi* das duas universidades públicas por tropas do exército desde o mês de agosto daquele ano. Protestavam também contra o governo do Presidente Gustavo Díaz Ordaz, contra a política econômica, contra a distribuição de renda, entre outros temas. Não houve violência até a chegada da polícia e do exército, que cercaram a praça e nesse contexto começou o confronto de aproximadamente mil soldados contra os 10 mil manifestantes, fato que se

estendeu por cinco horas. O presidente do COI, Avery Brundage, declarou na época, que o fato tratava-se de uma questão de política interna do México e concluiu: “Recebemos garantia de que nada irá interferir na entrada pacífica do fogo olímpico no estádio no dia 12 de outubro”, (CARDOSO, 2000, p. 285). O Governo na época não divulgou o número de mortos e feridos, mas calcula-se que 300 e os feridos a 1200, respectivamente (CARDOSO, 2000).

Após a participação da delegação brasileira nos JO de Tóquio, em 1964, o Presidente da República Marechal Castelo Branco, não conformado com o rendimento dos atletas, ameaçou a instauração de um inquérito policial-militar para apurar os gastos e investigar a convocação de 83 atletas. Apesar de inconformação do Presidente, a investigação não foi adiante, e passada a crise, o COB decidiu que só mandaria ao México os atletas que pudessem ter resultados, ou seja, com alguma possibilidade de resultado até sexto lugar. Os índices individuais e as metas a serem cumpridas pelos esportes coletivos foram muito exigentes, mas esta condição não desestimulou os atletas, obrigados a alcançar marcas que se incluíam entre as dez melhores do mundo. Porém na hora de escalar a delegação, não se exigiu muito (OS OLÍMPICOS...,1968).

Para esta edição dos JO foram convocados 84 atletas, destes 3 eram mulheres (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004). O Presidente do COB na época, o Major Sylvio de Magalhães Padilha, que se dizia contrário a delegações numerosas, declarou:

Ser Olímpico é o maior prêmio que um amador pode obter no Brasil. Nós abrimos mão da rigidez dos índices como um estímulo aos jovens que se dedicaram, apesar de todas as dificuldades e com sacrifícios incríveis, a fazer esporte amador no Brasil. Eles vão ao México para preservarmos o pouco que temos. É preciso notar que a Olimpíada atrai a fina flor dos atletas de todo o mundo. Quase 9 mil atletas, de 119 países, estarão lutando pelos seis primeiros lugares que representam a classificação. A nossa equipe é o que existe de melhor no Brasil e tem grande categoria no continente, mas em relação ao mundo inteiro é fraca. A grande maioria vai mesmo como prêmio, representando todos os que lutam para o amadorismo não morrer. Estamos quase desiludidos do apoio que temos pedido ao Ministério da Educação, para que ele adote outra orientação em relação à vida física do estudante. Sem esta mudança o esporte amador não sobreviverá e vamos acabar não tendo quem mandar às Olimpíadas com o uniforme do Brasil (OS OLÍMPICOS..., 1968, p. 49).

Dentre esses atletas, quatro eram oriundos de Clubes do estado do Rio

Grande do Sul: Celso Scarpini (Basquete), Edgar Gijzen (Remo), Gerson Albino Schuch (Voleibol) e Marco Antônio Volpi (Voleibol), que fez a sua segunda participação em JO. Com exceção de Marco Antonio Volpi, que estava vinculado ao Grêmio Náutico Gaúcho (GNG), os outros atletas eram oriundos do GNU.

Celso Scarpini nasceu em 27 de novembro de 1944, foi jogador e treinador de basquete. Jogou no GNU, Cruzeiro de Porto Alegre, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Corinthians Paulista e Fluminense (FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASQUETEBOL, 2012). Participou dos Jogos Pan-americanos de 1963 em São Paulo (HOFMEISTER, 1981). Foi também da equipe bicampeã da cidade e do Estado de basquetebol pelo GNU, juntamente com: José Augusto Roth, Luiz Carlos Parracho, Francisco Viafiore, Raul Bergmann, João Miguel Muratore, Gilberto Rezende Chaves, Marco Antônio Volpi, Roberto Leivas, Ronald Purper, Sérgio Silveira e Arnold Purper (HOFMEISTER, 1981).

Praticou também Polo Aquático, onde foi campeão em 1966 com: Plauto Cidade, Armando Schultz, Darci A. Vignoli, Manuel Nunes, Roni Jung, Geraldo Lima, Mercides H.R. Pinho, Flávio Souza Gomes, Breno Petzhold e Edú Jaeger (HOFMEISTER, 1981, p. 187). Neste mesmo ano foi titular da seleção brasileira de basquetebol no V Campeonato Mundial de Basquete em 1966 (HOFMEISTER, 1981).

Edgar Gijzen, o “Belga”, como era conhecido, nasceu em Antuérpia, na Bélgica em 29 de janeiro de 1940. Iniciou sua carreira no GNU, de Porto Alegre, e conquistou para o Rio Grande do Sul quatro campeonatos brasileiros: dois no single-skiff e dois no double-skiff, foi hexacampeão brasileiro de skiff e bicampeão pan-americano de double com Francisco Todesco e tricampeão com Harry Klein e Vice campeão pan-americano de “Dois sem”, em Chicago, 1959, com Milton Bruno Maurer. Em 1964, transferiu-se para o Clube de Regatas do Flamengo, onde continuou obtendo vitórias. Voltou para o Rio Grande do Sul ainda na década de 1960, onde foi campeão Brasileiro de Remo em 1968 pelo GNU, e voltou a remar pelos clubes cariocas na década de 1970 (HOFMEISTER, 1981, REMOLIVRE, 2012; CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO, 2012).

Abaixo apresentamos uma tabela elaborada pelo pesquisador com informações sobre a vida esportiva deste atleta:

ANO	EVENTO	CLUBE	PROVA	CLASSIFI- CAÇÃO	RESUL- TADO
1959	III JOGOS DESPORTIVOS PAN-AMERICANOS	BRASIL	2 -	2	07.49,20
1960	XLIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	1 X	1	07.41,00
1960	XLIV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	2 X	1	07.01,00
1962	VII CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	06.29,00
1962	XLV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	2 X	1	07.23,00
1962	XLV CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	1 X	1	07.34,00
1963	IV JOGOS DESPORTIVOS PAN-AMERICANOS	BRASIL	2 X	3	07.23,80
1964	XLVI CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	RIO DE JANEIRO	2 X	1	07.23,00
1964	XLVI CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	RIO DE JANEIRO	1 X	1	08.07,00
1964	VIII CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	07.01,00
1965	VIII CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	06.48,00
1965	XLVII CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	RIO DE JANEIRO	2 X	1	07.45,00
1965	XLVII CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	RIO DE JANEIRO	1 X	1	08.07,00
1967	V JOGOS DESPORTIVOS PAN-AMERICANOS	BRASIL	2 X	4	S/T
1968	JOGOS DA XIX OLIMPIADA	BRASIL	2 X	1	07.04,13
1968	X CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	07.15,00
1968	X CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	1 X	1	08.02,03
1968	XLVIII CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	2 X	1	07.25,00
1968	XLVIII CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	1 X	1	07.51,00
1970	XI CAMPEONATO SUDAMERICANO DE REMO	BRASIL	2 X	1	S/T
1971	VI JOGOS DESPORTIVOS PAN-AMERICANOS	BRASIL	2 X	1	06.53,72
1971	XLIX CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DE REMO	RIO DE JANEIRO	2 X	1	07.04,00

Fonte: http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/texto/atletas_olimpicos.pdf
http://www.flamengo.com.br/flapedia/Edgar_Gijsen
<http://www.netvasco.com.br/news/noticias14/55075.shtml>

Nos JO do México em 1968 ficou em 7º lugar, fazendo dupla com Harry Klein. Além de remar pelo GNU de Porto Alegre, foi atleta do Clube de Regatas do Flamengo e do Clube de Regatas Vasco da Gama, ambos do Rio de Janeiro. Faleceu em 31 de julho de 2008, aos 68 anos, no Rio de Janeiro.

O atleta Gerson Albino Schuch nasceu em 22 de janeiro de 1946 em Santa Maria e aos dois anos de idade veio com os pais para Porto Alegre. Começou a praticar esportes por influência familiar, pois seu pai e sua mãe praticavam muitos esportes, entre eles Ginástica, Atletismo, Basquete, Hipismo, Voleibol, entre outros. Começou a frequentar a Sociedade Navegantes São João em Porto Alegre, ainda muito jovem, praticando voleibol, basquetebol e punhobol nas categorias infantil e juvenil, onde obteve diversos títulos. Na transição da categoria juvenil para o adulto

começou uma trajetória em outros clubes sul-rio-grandenses, entre eles o GNU e o GNG de Porto Alegre (SCHUCH, 2013).

No basquete iniciou também na Sociedade Navegantes São João, posteriormente foi tetracampeão juvenil pela SOGIPA e jogou no Cruzeiro, onde foi campeão gaúcho de basquete de 1967. Neste mesmo ano participou da Seleção Juvenil no Mundial de Punhobol, na Áustria. Foi também campeão sul-americano de punhobol de 1967 e campeão sul-americano interclubes de punhobol pela Sociedade Navegantes São João neste mesmo ano. Ainda em 1967 foi convocado para a seleção brasileira de voleibol para os Jogos Pan-americanos de Winnipeg, onde conquistaram o 2º lugar (GÉRSO..., 1968).

O atleta que também cursou engenharia na UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul relata a rotina de sua vida esportiva:

Em toda a minha vida, eu treinei todos os dias. Na época da universidade treinava à noite, porque estudava de dia. Naquela época não existia o profissionalismo de hoje que obriga o atleta a jogar ou ter uma profissão. Teve um ano de engenharia que eu passei praticamente seis meses do ano viajando. Quando voltava tinha que recuperar, só que todos os professores sempre foram cientes que eu estava representando o Rio Grande do Sul e o Brasil. Nunca tive problemas de conciliar, eles tinham esse entendimento (SCHUCH, 2013, p. 2).

As questões referentes ao amadorismo e ao profissionalismo, sempre presentes nas discussões a cerca do esporte, também fizeram parte da carreira deste atleta, sobre o qual declara:

No início, na carreira de juvenil, tinha o prazer das viagens, da companhia dos amigos, hotéis e etc. Posteriormente do Rio Grande do Sul e no Brasil, mais ou menos em 1964, 1965, passamos por aquilo que se chamava de profissionalismo marrom, ganhava-se por fora. Eu tive muitas vantagens. (SCHUCH, 2013, p. 2).

A participação da seleção brasileira de voleibol nos JO do México em 1968 foi, segundo ele, a ascensão para os primeiros passos do Brasil no Voleibol, o início de um trabalho profissional, e de uma mudança de mentalidade. Para o atleta foi a passagem para uma situação mais efetiva, com a constituição de uma seleção permanente, que comparecia a todos os jogos, fazendo contatos com a Europa, e completa: “De 1968 até 1973 eu fui cinco ou seis vezes para a Europa em

Campeonatos na Tchecoslováquia, na Alemanha, antiga Alemanha Oriental, que tinha voleibol de primeiríssima qualidade”. Essa evolução já começaria a aparecer em 1972, nos JO de Munique (SCHUCH, 2013, p.4).

Segundo Gerson Schuch na época dos JO de 1968 o Brasil não tinha a projeção que tem hoje, chegando ao primeiro lugar em várias competições de voleibol, ganhando tanto no voleibol de quadra, quanto no voleibol de praia. Na América do Norte e do Sul, os Estados Unidos, Cuba e Peru que tinham um bom time, o Brasil era respeitado, mas não ficava entre os primeiros. Os países da cortina de ferro é que estavam sempre em primeiro: Bulgária, Polônia, Tchecoslováquia, entre outros. Os treinamentos para os JO foram feitos em Campos do Jordão, mas mesmo com uma preparação na altitude e a chegada com antecedência no México, os países europeus sempre estavam na frente tecnicamente. Nesta edição dos JO a seleção brasileira de voleibol ficou em 9º lugar (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004; SCHUCH, 2013).

No retorno dos JO do México o atleta continuou no GNU, mas relata que na época era comum a troca de clubes para incrementar as disputas nos campeonatos estaduais no Rio Grande do Sul:

Naquela época também nos dividíamos entre os clubes, para ter adversário, para evoluir. Um ficava no Grêmio Náutico União, o outro ia para o Grêmio Náutico Gaúcho, SOGIPA, Cruzeiro. No início do ano pagava-se a taxa de transferência e íamos. Era benéfico para o Esporte. Caso contrário só teríamos um campeonato sul-brasileiro ou brasileiro para jogar. (SCHUCH, 2013, p. 6).

De 1967 a 1973 Gérson Schuch ficou na seleção brasileira de voleibol, depois decidiu dar mais atenção para os Campeonatos Estaduais, para ficar mais tempo em sua cidade. Com o passar do tempo formou-se na UFRGS e mais tarde começou a competir na categoria máster, que inclui jogadores a partir dos 35 anos para homens, explica. Segundo o atleta jogar nesta categoria é mais tranquilo, não existe a obrigação de ganhar a qualquer custo. Para o ano de 2013 o atleta-engenheiro ou engenheiro-atleta, como gosta de dizer, está cheio de planos:

Atualmente estou treinando na SOGIPA, tem uma olimpíada em agosto próximo, e nós vamos para Turim, na Itália. Vai um time brasileiro, vão ex-atletas olímpicos também. Nós sempre fizemos alguns bons jogos com o pessoal da antiga Cortina de Ferro, os Estados Unidos vão sempre, então é uma coisa boa estar no Máster.

(SCHUCH, 2013, p. 6-7).

Nos JO de 1968 o atleta Marco Antonio Volpi participou novamente da equipe de voleibol. O atleta revelou que a falta de entrosamento entre os jogadores e o técnico foi um dos fatores que influenciaram no baixo rendimento da equipe, pois era um técnico com uma autoridade excessiva e que não orientava seus atletas. Após a participação nesta edição dos jogos, Marco Volpi decidiu não participar de competições Nacionais e Internacionais, visto que tinha que fazer algo a mais pela vida. Voltou para Porto Alegre e vez ou outra ainda participava da seleção do estado. Entrou para a Faculdade de Educação Física em 1972 e posteriormente trabalhou como Técnico de Voleibol no GNU, GNG e SOGIPA. Trabalhou também como funcionário do Estado do Rio Grande do Sul, no CETE – Centro de Treinamento Esportivo, em Porto Alegre (VOLPI, 2013).

Os JO do México entraram para a História Olímpica como os primeiros a serem realizados na América Latina. Os atletas brasileiros trouxeram três medalhas do México. Nelson Prudêncio foi prata no salto triplo, Reinaldo Conrad e Buckhard Cordes, na vela, e Servílio de Oliveira, no boxe, conquistaram mais duas medalhas de bronze (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

5.4 OS JOGOS OLÍMPICOS DE MUNIQUE (1972)

Em 1972 o Brasil comemorou os 150 anos de sua Independência, mas o período não era para festas. O General Emílio Garrastazu Médici era o Presidente de um país que vivia um momento tenso em sua história, pois muitas pessoas estavam no exílio ou na prisão, por motivos políticos. Nesses tempos de polêmica o governo anunciava um grande crescimento econômico com o aumento no consumo e na produção, vivia-se o chamado “Milagre Econômico”.

Distante do que acontecia no Brasil a cidade alemã de Munique estava pronta para receber atletas de várias partes do mundo, e buscava apagar as marcas que os JO de Berlim tinham deixado na memória de muitos como os “Jogos do nazismo”. No âmbito internacional, as tensões geopolíticas continuavam a interferir nas participações nacionais, onde a OUA (Organização para a Unidade Africana) posicionou-se contra o convite do COI à recém independente Rodésia, que acusada

de racismo, não participou dos JO, diante das pressões de vários países (RUBIO, 2004).

Com a proximidade dos JO de 1972, o assunto cada vez mais em questão era a queda de braço entre os defensores do amadorismo e os do profissionalismo no evento olímpico. O Presidente do COI, Avery Brundage, enviou cartas às entidades filiadas ao COI, fazendo-lhes um apelo para salvaguardar os JO de qualquer caráter profissional. Anexo à carta, datada de 29 de dezembro – Brundage remeteu um artigo intitulado **Amadorismo** (grifo nosso), no qual denunciava diversos atos de profissionalismo de esquiadores dos países nórdicos e insistia na necessidade de, no decorrer dos JO, se respeitarem as regras do amadorismo e aplicar em particular a nova Regra 26, e declarou:

Nos XI Jogos de Inverno de Sapporo no Japão – declara – teremos a oportunidade de aplicar pela primeira vez a nova regra, e todas as medidas serão adotadas para garantir o respeito a ela. Os participantes que violarem suas disposições serão desclassificados e eliminados do torneio. (BRUNDAGE..., 1972, p. 27).

O presidente do COI explicou que a regra acima citada, estipulou que o atleta deve se dedicar ao esporte como uma atividade suplementar, sem ganhar qualquer remuneração por sua participação. Afirmou ainda que nenhum participante dos JO deve permitir que seu nome, fotografia, ou êxitos esportivos sejam explorados direta ou indiretamente, em caráter individual, com fins publicitários. Avery Brundage recomendou também aos comitês nacionais para levarem em conta os novos regulamentos a propósito da publicidade, e que estes serão aplicados com todo o rigor, e que as instalações comerciais e os cartazes publicitários não serão tolerados nos estádios nem em outros terrenos de jogo”, e completou:

Serão desclassificados imediatamente ou privados de suas credenciais aqueles que se utilizarem de, ou exibirem calçados, esquis, sacolas de mão, gorros, etc. em que figurem ostensivamente marcas publicitárias, dentro de um recinto olímpico (campos de treinamento, cidade olímpica ou pista de competição). Este dispositivo será aplicado tanto em participantes como aos treinadores ou a qualquer outra pessoa que faça parte em caráter oficial de uma equipe olímpica. (BRUNDAGE..., 1972, p. 27).

Sem imaginar o que estava para acontecer anos mais tarde, com o advento do profissionalismo, das transmissões dos Jogos, dos patrocínios, entre outras

questões, o Presidente do COI afirmou: “estamos persuadidos de que haverá completa colaboração aos esforços que fazemos para conservar os JO limpos, puros e honestos”. (BRUNDAGE..., 1972, p.27).

No Brasil os jornais anunciavam a ida de 91 atletas, 87 homens e quatro mulheres, para disputar os JO de Munique. A delegação incluindo os atletas, técnicos, médicos, massagistas, roupeiros e dirigentes, aumentava para 125 pessoas. O Ministro da Educação na época, Jarbas Passarinho, declarou para os representantes do COI, CBD e CND, que seu único desejo era uma apresentação digna em Munique. O Major Sílvio Magalhães, presidente do COB, em seu discurso escrito, assegurou ao Presidente que “o conjunto de 125 esportistas que representarão nosso esporte em 13 modalidades do programa dos JO foi planejado com bastante antecedência e selecionado com o máximo rigor, tanto em seus aspectos técnico quanto pessoal”. (PODIUM, 1972, p. 23; MÉDICI..., 1972, p. 28).

O Presidente do COB lembrando a participação do Brasil nos JO de 1968 no México declarou:

Se o passado teve o esporte apenas como forma de diletantismo ou de diversão para muitos homens públicos, isolando-o do complexo político do país, sua personalização que sem nenhum favor é devida a este Governo, dá-lhe o mérito que de longa data se impõe reconhecer como elemento básico e supletivo da cultura geral. Todavia esse apoio tem possibilitado o desenvolvimento de um programa de largo alcance e de tais dimensões que permite apreender o país no complexo de sua estrutura, propiciando em futuro não muito remoto a faculdade de uma triagem cada vez melhor e mais rigorosa. (MÉDICI..., 1972, p. 28).

O presidente da República em resposta as palavras do Presidente do COB, declarou: “Não está no número de medalhas que o Brasil poderá trazer de Munique a minha gratidão, mas no reconhecimento do Comitê Olímpico, por tudo que o Governo tem feito pelo esporte”, e completa: “Mas demos pouco porque temos pouco”. Importante lembrar que neste mesmo dia o COB entregou a medalha de “Mérito Olímpico” ao Presidente Médici. (MÉDICI..., 1972, p. 28). Na opinião do Presidente da República a época das improvisações já havia passado, e quem vai para os JO organizado deve colher algum resultado, como já acontecia no futebol e em outros esportes, e finaliza o seu discurso reafirmando que não estará no número de medalhas a sua recompensa, e sim no preparo da equipe que vai para os JO de Munique (MÉDICI..., 1972, p. 28).

O ministro Jarbas Passarinho, finalizou sua participação no encontro com os dirigentes esportivos brasileiros com as seguintes palavras: “Não tenho ilusões, o que me resta é desejar o melhor resultado possível, pois essas modalidades de esporte não são como o futebol no Brasil, que antes de uma competição a equipe já pode partir certa de voltar com a taça”. (PASSARINHO..., 1972, p. 28)

Os JO de Munique poderiam ficar marcados na memória de muitas pessoas por uma série de motivos, entre eles os feitos incríveis de Mark Spitz, que ganhou sete medalhas de ouro na natação. O que ninguém imaginava é que os JO de 1972 seriam abalados por uma tragédia motivada justamente pela radicalização daquilo que o COI sempre tentou manter afastado dos eventos olímpicos: os enfrentamentos políticos. Na madrugada do dia 5 de setembro oito homens com uniforme de atletas foram avistados por um policial, que não os interceptou por julgar que fossem atletas chegando tarde aos seus alojamentos, e por essa razão, pulando a cerca que protege o local. Os homens não eram atletas, e sim um grupo de palestinos pertencentes ao movimento chamado Setembro Negro, que exigia a libertação de 200 prisioneiros que estavam em Israel. Os agressores eram os mais ferozes inimigos dos israelenses desde a criação de um Estado judeu em território da Palestina, em 1949. (CERIMÔNIA..., 1972; CARDOSO, 2000; COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Os palestinos invadiram o edifício 31 da Vila Olímpica, onde estavam alojados atletas israelenses, uruguaios e representantes de Hong-Kong. Rompendo o silêncio começaram a golpear furiosamente a porta do alojamento e logo, foi percebido que se tratava de algo muito ruim. Três homens saíram para o corredor dispostos a enfrentar o perigo, e seus nomes ficaram conhecidos: Yosef Gutfreund, juiz de luta livre, Moshe Weinberg, treinador de luta, e Joseph Romano, levantador de peso. Os dois primeiros morreram quase que em seguida, alvejados pelo grupo de palestinos, e o último ficou como refém, sendo além dele mais oito pessoas (CERIMÔNIA..., 1972, CARDOSO, 2000).

A notícia de um ataque terrorista se espalhou rapidamente e em pouco tempo a Vila Olímpica estava ocupada e cercada pela Polícia Alemã. Autoridades do Governo também se dirigiram ao local, dispostas a estabelecer negociações com os sequestradores. O grupo de palestinos exigia garantias e um avião para conduzir em segurança reféns e sequestradores a um país árabe qualquer que não fosse a Jordânia ou o Líbano. Caso contrário, iriam executar dois reféns a cada hora diante

do prédio. O governo da primeira-ministra Golda Meier avisou que não iria negociar com terroristas e que nenhum preso seria solto (CARDOSO, 2000).

Às 4 horas da tarde, quase doze horas após o início da dramática situação, um comunicado assinado por Avery Brundage, o presidente de COI, informava que os Jogos seriam suspensos por 24 horas e convocava para uma cerimônia em memória dos dois israelenses assassinados, a ser realizada às 10h da manhã do dia seguinte, no Estádio Olímpico. A medida causou espanto, pois ainda haviam dois mortos na Vila Olímpica e a vida de nove outras pessoas estavam na mão dos sequestradores. Seria impossível continuar os Jogos como se nada estivesse acontecendo. (CERIMÔNIA..., 1972; CARDOSO, 2000, p. 305).

No início da noite três helicópteros pousaram na Vila Olímpica, era o sinal de que a Polícia Alemã tinha chegado a um acordo com os sequestradores. Os helicópteros levantaram vôo levando sequestradores e sequestrados para a Base de Fustefeldbruck, a poucos quilômetros da Vila Olímpica. Lá os aguardava um Boeing 727 da Lufthansa, como previsto no acordo. O que não estava no acordo era um comando de atiradores de elite da polícia alemã que estava posicionado ao lado da pista, pronto para atirar e resgatar os reféns pela força. Quando um dos últimos terroristas saiu de uns dos helicópteros, começou o tiroteio. Ao fim de vários minutos de tiroteios e explosões, um policial alemão, cinco terroristas e os nove reféns estavam mortos e três sequestradores foram presos. No dia seguinte, 80 mil pessoas foram ao Estádio Olímpico para reverenciar a memória não de dois , mas de onze atletas israelenses mortos, e com um clima de total desconcerto e perplexidade continuar sua participação dos JO (CARDOSO, 2000).

Na delegação brasileira que embarcou para Munique com 84 atletas, três eram representantes do Rio Grande do Sul, todos do futebol: Bolívar Modualdo Guedes, Manuel da Silva Costa e Pedro Antônio Simeão. Os dois primeiros fizeram parte da seleção brasileira de amadores que havia vencido o torneio de Cannes, também em 1972 (SELEÇÃO..., 1972, COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2004).

Bolívar Modualdo Guedes nasceu em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, em 21 de dezembro de 1954. Iniciou sua carreira de atleta com 13 anos, no Esporte Clube Avenida de Santa Cruz do Sul, tendo se transferido para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense aos 14 anos de idade, onde permaneceu até 1976. Posteriormente jogou na Portuguesa, Inter de Limeira, Bragantino, Aimoré, Bandeirantes de Birigui, Guarani de Venâncio Aires e encerrou em 1991 no clube

que o projetou para o futebol: o Esporte Clube Avenida. Nas equipes que fez parte, conquistou os seguintes títulos: Campeão do Torneio de Cannes (França) com a Seleção Brasileira em 1972, e Campeão paulista pelo Inter de Limeira em 1986. Foi o primeiro jogador do Grêmio a ser convocado para disputar uma edição dos JO, sobre o qual disse em uma entrevista: “Foi uma das minhas maiores alegrias como jogador de futebol. Era um belo time, mas não passamos da primeira fase, faltou experiência. Não existia profissionalismo e os times europeus levavam os atletas principais” (BOLÍVAR, 2013, RECHE, 2011).

Manuel da Silva Costa nasceu em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, em 14 de fevereiro de 1953. Jogou no Sport Club Internacional de 1972 até 1974, quando se transferiu para o América do Rio de Janeiro, onde ficou até 1976. Mudou-se para o futebol português para jogar no Sporting Lisboa, onde foi ídolo e jogou até 1981. Transferiu-se para o Portimonense onde jogou uma temporada e foi para o Braga, onde se aposentou em 1983.

Pedro Antônio Simeão nasceu em Lajeado, Rio Grande do Sul, em 4 de agosto de 1953 e veio para Porto Alegre quando tinha 1 ano de idade. De família humilde, conforme ele mesmo conta, morou no bairro Partenon, e jogou futebol nas ruas de seu bairro, que na época ainda eram de terra. Com 11 para 12 anos foi para as categorias de base do Sport Club Internacional, de Porto Alegre e sobre a época relembra: “mesmo com 500 meninos para treinar eu achava que dava, que eu tinha chance. Dentro da minha inocência, eu não pensava em dinheiro, pensava em jogar bola e ir jogando” (SIMEÃO, 2013, p. 1-2).

Quando iniciou nas categorias de base, teve uma grande ajuda do coordenador, Jofre Funchal, que o auxiliou com o dinheiro das passagens, para poder se deslocar entre o clube e sua casa. O coordenador ainda conseguia material esportivo para vários atletas, pois na época, segundo relata Pedro Simeão, o clube estava com dificuldades, pois planejavam construir o Estádio Beira Rio, conseqüentemente o material era precário na época. Segundo o entrevistado, as coisas foram acontecendo sem pressão, sutilmente. Depois de ter passado pelo peneirão, foi para a categoria mirim, sobre o qual relata: “já era uma conquista muito grande, eu era o cara, como dizia o pessoal, porque na época jogar no mirim era” (SIMEÃO, 2013, p. 3)

Quando passou para a categoria infantil começou a se dar conta de que tudo estava ficando mais sério, pois já haviam cobranças. Sua meta era passar para a

categoria infanto-juvenil, e acabou conseguindo. Possivelmente nessa época os sinais de um futuro promissor já começavam a aparecer. O treinador da categoria juvenil na época, Marcos Eugênio, chamou o então menino Pedro Simeão para avisá-lo da possibilidade de ficar no banco de reservas em um jogo preliminar do Campeonato Gaúcho, pois o jogador titular estava machucado e não sabia se poderia jogar. O treinador pediu que Pedro ligasse antes de comparecer no Estádio, para saber da possibilidade de comparecer, mas aconselhado pela Mãe, resolveu ir direto ao encontro do treinador. Acabou jogando como titular, entrando mais ou menos 20 minutos antes de acabar o jogo, onde cerca de 25 mil pessoas estavam em plena quarta-feira assistindo a partida. Pedro relata que fez boas jogadas e essa oportunidade acabou levando ele para jogar na categoria juvenil (SIMEÃO, 2013).

Jogando na categoria juvenil do Sport Club Internacional, participou da Taça São Paulo de futebol, onde foi escolhido melhor jogador, sendo goleador da competição, mas o time perdeu para o São Paulo na Final. Segundo relata o atleta, havia observadores na Taça São Paulo, para selecionar os jogadores para os JO de 1972, em Munique. A base da seleção olímpica foram os campeões em Cannes, e mesmo não tendo participado do Torneio realizada no França em 1972, foi convocado juntamente com outros jogadores que estavam no sul do país. Segundo o atleta sul-rio-grandense, a reação de ter sido selecionado foi indescritível, para alguém novo, saído do interior do estado e jogando ainda no juvenil. No dia que saiu a convocação ele relata que não dormiu, passando a noite em claro. Seus amigos de infância foram para a sua casa comemorar, foi uma grande festa. (SIMEÃO, 2013).

Sobre a participação no evento olímpico Pedro Simeão disse que não dimensionava o que eram os JO, que se ele tivesse o conhecimento que tem hoje teria aproveitado mais a oportunidade, que para além de jogar futebol era de participar de todo o evento. Mesmo com o foco na competição, dentro do tempo que ele tinha aproveitou para ver muitas coisas. Para ele a televisão não consegue dimensionar o que acontece realmente, nada se compara a ver um atleta correndo os 100m rasos ao vivo. Sobre o futebol especificamente, hoje em dia ele tem uma concepção diferente. Acredita que o mesmo não deveria estar nos JO, pois o futebol tem a Copa do Mundo, e completa:

Para os Jogos Olímpicos os países mandam seus melhores atletas, mas no futebol não vai o melhor time. Nada contra, eu fico torcendo, mas acho que não deveria fazer parte, porque na Copa do Mundo sim, vão os melhores atletas. Nos Jogos Olímpicos tem a limitação da idade (SIMEÃO, 2013, p. 7)

Na opinião do entrevistado a equipe que foi para Munique formava um belo time, porém naquela época, não existia o profissionalismo e o futebol brasileiro nunca iria ganhar nos JO. Em Munique, por exemplo, a equipe brasileira jogou contra a Hungria, que tinha o mesmo time da Copa do Mundo de 1966. Eram jogadores experientes de 29, 30 anos, contra os de 18 anos, a experiência pesa, pois a condição física era a mesma, conta. O time era bom, tinha garra, mas era quase impossível ganhar. Segundo Simeão o ideal “teria sido passar pela Hungria, ganhar fôlego, moral, prestígio. Os torcedores alemães estavam torcendo para nós, havia aproximadamente 100 mil pessoas no estádio olímpico torcendo pelo Brasil” (SIMEÃO, 2013, p. 8).

Sobre o atentado que vitimou onze atletas nos JO de Munique o entrevistado relata:

O atentado começou de madrugada. Quando saímos para tomar café na manhã seguinte vimos a movimentação bem perto do local das refeições, dentro da vila olímpica. Ficou um clima muito tenso, com ameaças de que havia bombas. Depois que acabaram os Jogos Olímpicos vieram os filmes, reportagens. Nós ficamos abalados, éramos muito jovens, não tínhamos a dimensão do que era movimento político, terrorismo. Hoje eu sei como funciona. Nós andávamos sempre em grupo (SIMEÃO, 2013, p. 9).

A seleção brasileira estreou em 27 de agosto de 1972 contra a Dinamarca, onde perdeu por 3x2. No jogo seguinte empatou em 2X2 com a Hungria, com um gol de Pedro Simeão. Com o empate a seleção ficou praticamente desclassificada dos JO, porque para chegar as quartas de final teria vencer o Irã, com mais de cinco gols, e torcer por uma vitória da Dinamarca sobre a Turquia (FUTEBOL..., 1972, p. 23).

Após a partida contra a Dinamarca o clima não era dos melhores entre os componentes da seleção brasileira. As páginas do Jornal do Brasil estampavam o que o acontecia no vestiário da equipe de futebol. Segundo a reportagem muitos choravam por considerar que as chances de ir adiante à competição terminavam ali. Enquanto Carlos Alberto Parreira e Raul Carlesso, integrantes da equipe,

explicavam que a Hungria era bicampeã olímpica e que o resultado tinha sido bastante significativo para Brasil, João Havelange, presidente da CBD na época, tentava animar o time dizendo que ainda havia chances: “Se ganharmos de goleada do Irã e a Dinamarca vencer a Hungria ainda poderemos vencer este torneio. Em futebol tudo é possível”, declarou (TODOS CHORAM..., 1972, p. 23).

No jogo contra o Irã o time brasileiro entrou em campo querendo chegar de qualquer maneira na área do time adversário, pois tinha que vencer com muitos gols de diferença. A seleção olímpica brasileira não fez uma boa apresentação e acabou derrotada pelo time do Irã por 1x0, gol marcado aos 18 minutos do segundo tempo. Com isto, o time foi desclassificado, ficando em último lugar em sua chave (FUTEBOL..., 1972, p. 27)

Pedro Simeão foi Bicampeão brasileiro em 1975 e 1976 e tetracampeão gaúcho dos anos de 1973 até 1976, pelo Internacional de Porto Alegre. Foi tricampeão mineiro pelo Atlético dos anos de 1979 até 1981. Sobre sua vida esportiva diz que se divertiu muito, conheceu muitos países e foi muito feliz.

Diferentemente do que foi dito antes da participação da delegação brasileira nos JO de Munique, pelo Presidente da República e pelo Ministro da Educação, o Diretor de Esportes do Ministério da Educação, Coronel Érico Tinoco Marques, que assistiu aos Jogos, disse que seus atletas vão se preparar com quatro anos de antecedência para os JO de 1976, no Canadá. O Coronel mostrou-se bastante preocupado em justificar a modesta atuação dos brasileiros e declarou: “não podemos continuar nos preparando só durante seis meses para uma competição como esta” (TINOCO..., 1972, p.28). Segundo a reportagem publicada no Jornal do Brasil, o dirigente assegurou que o país iniciaria logo a preparação dos atletas brasileiros para os próximo JO. Segundo ele os europeus, os norte-americanos, entre outros atletas de países desenvolvidos, não eram super-homens, eram simplesmente jovens bem treinados e isto é o que conta para um certame como este. No entanto o fato mais lamentado por ele foi a má apresentação da equipe de futebol, atribuída por ele à preparação deficiente, tendo declarado:

Nossos jogadores são muito bons, mas demonstraram falta de melhor preparação física em relação a seus adversários. Segundo o dirigente o único esporte que correspondeu à expectativa foi o basquete, que “tem bastante chance de ganhar uma medalha”. Se é certo que numa competição desta natureza não viemos mais para ganhar experiência, temos que aproveitá-la nos anos de intervalos

entre os Jogos Olímpicos. Do contrário não tem sentido competirmos – finalizou (TINOCO..., 1972, p. 28).

Mais de 30 anos depois da primeira lei que regulamentou o esporte no Brasil, outra lei instituiu normas gerais sobre desportos, e deu direitos ao Comitê Olímpico Brasileiro, a lei 6.251 de 8 de outubro de 1975, regulamentada pelo Decreto n. 80228 de 25 de agosto de 1977. Na lei anterior, n. 3.199 de 1941, o Comitê nem foi citado, apenas no Art.º 4 temos uma menção ao Comitê Olímpico Internacional: “Para participar das reuniões do Conselho Nacional de Desportos, em que houver de se tratar qualquer matéria relativa aos Jogos Olímpicos serão sempre convocados os Delegados do Comitê Internacional Olímpico” (BRASIL, 1941, p. 2). Estes delegados poderiam também uma única pessoa para servir de ligação entre a representação do COI e o CND.

O agora visível Comitê Olímpico Brasileiro passou a ter direitos de organizar e dirigir a participação do Brasil em JO, promover torneios de âmbito nacional e internacional, difundir e propagar o ideal olímpico no território brasileiro, além de outras funções, integrando também o Sistema Desportivo Nacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou reconstituir as memórias da participação dos atletas olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos de Verão (JO) de 1960 a 1972. Foi possível a realização de entrevistas com atletas que participaram das edições de 1964 (Tóquio), 1968 (México) e 1972 (Munique). Outras entrevistas com atletas e dirigentes esportivos que participaram das edições de 1920 (Antuérpia) e 1936 (Berlim) foram encontradas nas fontes impressas, e nos auxiliaram a responder a questão norteadora deste estudo.

A participação de atletas sul-rio-grandenses teve início em 1920, com os atiradores Dario Barbosa e Sebastião Wolf, que fizeram parte da equipe que conquistou a medalha de bronze no tiro esportivo, um acontecimento surpreendente para a época, pois enfrentaram países com mais tradição neste esporte. Os atletas sul-rio-grandenses, assim como o restante da equipe de tiro enfrentaram diversos problemas, desde a viagem para o continente europeu, passando pela estada na Bélgica e até mesmo depois da conquista das medalhas, pois os recursos para ficar no país eram quase inexistentes. Mesmo com munição e armas emprestadas pela equipe de tiro americana e recursos financeiros escassos, os atiradores sul-rio-grandenses voltaram para o Brasil cheios de orgulho desta importante conquista.

Nos JO de 1924 em Paris novamente as questões financeiras foram destaque, pois com a retirada da verba governamental para a participação da delegação brasileira nos JO, devido a problemas administrativos relacionados a CBD, outros recursos foram conseguidos com o apoio da população e dois meios de comunicação da época. O Rio Grande do Sul foi representado pelo lançador de dardos Willy Seewald, que não figurou entre os primeiros colocados, mas fez a sua participação neste evento olímpico.

Nos JO de 1936 em Berlim, na Alemanha, os representantes do Rio Grande do Sul era todos remadores de clubes da capital deste estado: Alfredo de Bôer, Arno Franzen, Ernesto Sauter, Frederico Guilherme Tadewald, Fritz Richter, Henrique Kranen Filho, Lauro Franzen, Maximo Fava, Nilo Anselmo Franzen e Rudolfo Maria Rath. Nesta edição dos JO o Brasil enviou duas delegações, uma formada pela CBD e outra pelo COB, que havia sido criado em 1935. A delegação organizada pelo COB, chamada de não oficial, viajou antes para Berlim, e na chegada hospedou-se na Vila Olímpica, enquanto os representantes da CBD passaram a noite em uma

estação de trem, esperando que um acordo fosse firmado. Pouco antes do início dos JO as duas delegações foram unificadas, e a delegação da CBD teve que se hospedar em pensões nos arredores de Berlim. Os experientes remadores sul-rio-grandenses não conseguiram se classificar entre os primeiros colocados e voltaram para o Brasil com medalhas de participação. Para além do envio de duas delegações, outro fato marcou a participação de um integrante da equipe de remo. O atleta Fritz Richter esteve envolvido em diversas polêmicas desde a partida para Berlim, até sua volta para o Brasil. O remador foi acusado de ir fazer turismo em Berlim, e de não participar dos treinos. Fritz Richter chegou a participar de uma eliminatória com o remador Celestino Palma do Rio de Janeiro, mas foi desclassificado. O remador sul-rio-grandense não consta na lista de atletas do COB que participaram dos JO de 1936. Posteriormente a esta edição os JO de 1940 e 1944 não foram realizadas, devido à eclosão da II Guerra Mundial, os próximos foram realizados em Londres, em 1948.

Em 1948 a Guerra Fria dava os primeiros sinais no âmbito dos JO com a presença da União Soviética, que mesmo sem competir, enviou representantes para observar as competições. A equipe de remo do Brasil era composta em sua totalidade por atletas sul-rio-grandenses: Arlindo da Cunha Cabral, Paulo Diebold e Pércio Zancani, e as informações encontradas nas fontes são divergentes sobre a participação destes atletas nos JO de Londres. As informações disponíveis no site do clube GPA relatam que o timoneiro Arlindo da Cunha Cabral não participou porque a dupla de remadores Paulo Diebold e Pércio Zancani optou por disputar apenas na categoria sem a presença de um timoneiro, focando apenas em uma prova, enquanto nas informações disponíveis no livro do COB (2004) revelam que o barco de Paulo e Pércio com o timoneiro Arlindo Cabral foi desclassificado, pois Pércio teria passado mal durante uma das provas. Os remadores terminaram a sua participação nesta edição dos JO sem conquistar uma boa classificação e voltaram para casa com medalhas de participação.

Em 1952 em Helsinque na Finlândia somente um atleta sul-rio-grandense compareceu aos JO, Alfredo Jorge Ebling Bercht, ele foi um dos pioneiros no esporte Vela e conseguiu uma boa classificação nesta edição dos JO, tendo ficado em 9º na classificação geral. Nesta edição dos JO a rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética chegou definitivamente no âmbito olímpico, onde os dois países começaram a disputar o maior número de medalhas.

O velejador Alfredo Bercht voltou a participar de uma edição dos JO em 1956, em Melbourne, na Austrália. Desta vez, fazendo dupla com seu irmão Rolf Fernando Ebling Bercht, ficando em 10º lugar na classificação geral. Outro atleta do Rio Grande do Sul, Breno Vignoli no pentatlo moderno, é citado em algumas fontes como atleta olímpico, mas foram encontradas informações somente da sua seleção para participação nos JO, o mesmo não consta na relação de atletas do Comitê Olímpico Brasileiro. Nesta edição pela primeira vez os JO foram realizados em dois países diferentes, pois na época havia uma restrição para a entrada de cavalos na Austrália, devido a uma epidemia de febre equina. Com a proibição os cavaleiros e os cavalos tiveram que se deslocar para Estocolmo, na Suécia, onde as provas foram realizadas.

Nos JO de Roma, em 1960, novamente os remadores sul-rio-grandenses estiveram presentes, a saber: Ernesto Neugebauer Endter, Francisco Todesco, Harry Klein e Paulino Gonçalves Leite. Esses remadores foram muitas vezes campeões nas provas que disputaram no Brasil e em competições internacionais, mas não obtiveram o mesmo êxito nos JO. Uma das grandes novidades nesta edição dos Jogos foi a transmissão ao vivo dos Jogos para cerca de 20 países.

As questões referentes ao amadorismo e do profissionalismo nos JO sempre esteve em pauta nas discussões que precediam a realização dos eventos olímpicos, bem como posteriormente a realização dos Jogos. Apesar do COI afirmar que somente atletas amadores seriam aceitos nos Jogos, muitos deles eram profissionais em seus países, sobretudo os que viviam nos países do leste europeu.

Com a pesquisa nas fontes impressas e o aporte da História Oral percebemos que o amadorismo no esporte brasileiro foi um dos empecilhos para que o Brasil tivesse condições de alcançar melhores resultados em JO, pois apesar de ser exigido pelo Comitê Olímpico Internacional, muitos atletas de outros países já eram profissionais em suas modalidades, como mostram as fontes. A falta de políticas públicas, aliadas a falta de poder do Comitê Olímpico Brasileiro, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, também pode ter contribuído para o desempenho do esporte olímpico brasileiro. Muitos desses atletas foram campeões estaduais, brasileiros e sul-americanos, porém não conseguiram o mesmo êxito nos JO. Em geral, as publicações sobre a participação brasileira nos JO enfocam os atletas medalhistas. No que se refere aos atletas que não ascenderam ao pódio, as pesquisas são raras, além disso, a imprensa dedicou pouco espaço a trajetória

destes atletas. Ainda quando as fontes históricas apresentam registros sobre os atletas não medalhistas, apresentam informações distintas quanto aos resultados na mesma competição.

REFERÊNCIAS

- AINDA os coveiros do remo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 16880, p. 10, mar.1948. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=paulo%20diebold>. Acesso em: 8 out. 2012.
- AINDA o problema das Olimpíadas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 18745, p. 11, 7 de maio 1954. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=alfredo%20bercht>. Acesso em: 25 nov. 2012.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALISTAMENTO eleitoral. **A Federação**, Porto Alegre, n. 141, p. 3, 17 jun. 1912. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano191&pesq=>>. Acesso em: 2013.
- ALVES, J. A.; PIERANTI, O. P. O estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. **RAE electron**, São Paulo, v. 6, n. 1, june 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- AMADORISMO dos atletas comunistas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 19552, p. 16, 19 dez.1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=altos%20contratos>. Acesso em: 29 out. 2012.
- AMARO JUNIOR, J. (Org.). **Almanaque esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Thurmman, 1947.
- ASSMANN, A; MAZO, J. As associações de tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul: da fundação a nacionalização. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 37., 2011, Novo Hamburgo. **Anais do 37º ENAPEF**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2011. p. 1-2.
- OS ATIRADORES brasileiros olympicos reclamam seus prêmios na VII Olympiada de Anvers. **O Paiz**, n. 14198, p. 9, 4 set.1923. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=representado%20dignamente>. Acesso em: 20 maio 2012.
- BARROS, J. D. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/27945105/A-Historia-Cultural-e-a-contribuicao-de-Roger-Chartier-BARROS-Jose-D-Assuncao>>. Acesso em: 6 jun. 2012.

BARROS, J. D. **O projeto de pesquisa em história:** da escolha do tema ao quadro teórico. São Paulo: Vozes, 2007.

BIOGRAFIA desportiva dos campeonatos da missão náutica gaúcha. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 15, 6 jun. 1936.

BÖHM, L. G.; CARVALHO, L. F. **História do Veleiros do Sul Sociedade Náutica Desportiva:** da fundação até a transferência da sede para o bairro Cristal. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. v. 1.

BOLIVAR: o xerife da Inter de Limeira em 1986. **Gazeta de Limeira**, Limeira, 27 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadelimeira.com.br/Noticia.asp?ID=31463>>. Acesso em: 4 ago. 2013.

BOM INÍCIO da natação brasileira. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 21111, p. 24, 21 jan.1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=mauri%20fonseca>. Acesso em: 24 nov. 2012.

BOTAFOGO afinal quebrou domínio do Vasco no remo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 20755, p. 31, 22 nov.1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=ernes%20endter>. Acesso em: 12 nov. 2012.

BRASIL. Decreto n. 3224 de 10 de março de 1889. **Diário Oficial**, 17 mar. 1889.

BRASIL. **Decreto n. 80228 de 25 de agosto de 1977**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em 2013.

BRASIL. **Decreto-lei n. 3199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593&tipoDocumento=DEL&tipoTexto=PUB>>. Acesso em: 6 maio 2012.

O BRASIL em Antuérpia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 07788, p. 6, 27 jun. 1920. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

O BRASIL em Antuérpia. **O Paiz**, n. 13122, p. 7, 23 set.1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%20roberto%20tompowsky%20chefe>. Acesso em: 15 abr. 2012.

O BRASIL em Antuérpia. **O Paiz**, n. 13209, p. 8, 19 dez.1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%20roberto%20tompowsky%20chefe>. Acesso em: 15 abr. 2012.

O BRASIL em Antuérpia: a equipe brasileira de tiro em beverloo. **O Paiz**, n. 13129, p. 9, 30 set.1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%20roberto%20tompowsky%20chefe>. Acesso em: 15 abr. 2012.

O BRASIL em Antuérpia: relatório apresentado pelo chefe da equipe de tiro. **O Paiz**, n. 13210, p. 7, 20 dez.1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=synders>. Acesso em: 15 abr. 2012.

O BRASIL em Anvers: a brilhante Victoria dos brasileiros na prova de tiro dos jogos olympicos de Antuérpia. **O Paiz**, n. 13083, p. 6, 5 ago. 1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=Bracker>. Acesso em: 15 abr. 2012.

BRASIL. **Lei n. 6251 de 8 de outubro de 1975**. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1975/6251.htm>>. Acesso em: 30 out. 2012.

BRASIL bi-campeão sul-americano de pentatlo moderno. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 41, p. 12, 21 fev.1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=breno%20vignoli>. Acesso em: 22 out. 2012.

O BRASIL nas Olympiadas de Anvers. **A Federação**, Porto Alegre, p. 2, 31 jul. 1920. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=mendes%20de%20almeida>>. Acesso em: 11 abr. 2012.

O BRASIL nas Olympiadas de Anvers. **A Federação**, Porto Alegre, p. 5, 7 jun. 1920. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx>>. Acesso em: 11 abr. 2012.

O BRASIL nas Olympiadas de Paris. **A Federação**, Porto Alegre, n. 117, p. 4, 21 maio 1924. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=riograndense%20seewald>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

OS BRASILEIROS venceram os cubanos. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 63, p. 10, 19 mar. 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=breno%20vignoli>. Acesso em: 28 out. 2012.

BRUNDAGE faz apelo contra profissionais. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 27, 4 jan. 1972. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?id=3KsVAAAAIBAJ&sjid=UAWAAAAIBAJ&hl=pt-PT&pg=4874%2C813983>>. Acesso em: 2013.

BUENO, L. **Políticas Públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. Tese (Doutorado) – Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2493/72040100444.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 2012.

A CAMINHO de Berlim. Revista do Globo, Porto Alegre, n. 186, p. 7, 11 jun. 1936.
In: MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**.
Porto Alegre: PUCRS, 2004.

A CAMINHO dos Jogos Olympicos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12775, p. 10, 7 jul. 1936. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%20delega%C3%A7%C3%B5es%20olympicas>. Acesso em: 23 nov. 2012.

CAMPEONATO Brasileiro de Remo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n.56, p.10, 9 mar.1948. Disponível em:<
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=paulo%20diebold>. Acesso em 24 de Nov.2012

CANOAS. **Lei n. 5644, de 29 de novembro de 2011**. Denomina A Rua 7, do loteamento Mont Serrat, Bairro Estância Velha, de Rua Henrique Kranen Filho. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-de-canoas/1234891/lei-5644-2011-canoas-rs.html>>. Acesso em: 2013.

CARDOSO, M. **O arquivo das olimpíadas**. São Paulo: Panda Books, 2000.

CARDOSO, M. **100 anos de olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.

CARONE, E. **Revoluções no Brasil Contemporâneo: 1922–1938**. São Paulo: Ática, 1989.

CASTELLANI FILHO, L. **Notas para uma Agenda do Esporte brasileiro**. 2000. Disponível em: <<http://observatoriodoesporte.org.br/notas-para-uma-agenda-do-esporte-brasileiro/>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

CERIMÔNIA pelas vítimas reabre jogos pela manhã. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 37, 6 set. 1972. Disponível em:
<<http://news.google.com/newspapers?id=E64VAAAAIBAJ&sjid=sAwEAAAAIBAJ&hl=pt-PT&pg=5879%2C3510768>>. Acesso: 2013.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2000.

CHARTIER, R. História de hoje: dúvidas, desafios propostas. **Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.

CHOQUE DE DATAS causa celeuma no vôlei para transferir um atleta. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 113, p. 15, 15 maio 1964. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pesq=Vem%20causando%20celeuma%20o%20conflito%20de%20datas>. Acesso em: 18 de nov. 2012.

CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO. **Harry Edmundo Klein**. 2012. Disponível em:
<http://www.flamengo.com.br/flapedia/index.php?title=Harry_Edmundo_Klein&redire

ct=no>. Acesso em: 22 maio 2012.

CLUBE DE REGATAS GUAÍBA PORTO ALEGRE. **Cronologia Gepeana**. Disponível em: <<http://www.gpa1888.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

CODEA, A.; CODEA, J.; BERESFORD, H. Uma perspectiva histórica sobre os Jogos Olímpicos: da pré-história dos Jogos a Barão de Coubertin e o ideal olímpico. *In*: TURINI, M.; DACOSTA, L. **Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. v. 1, p. 691-703.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Sonho e conquista: o Brasil nos Jogos Olímpicos do Século XX**. Rio de Janeiro, 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TIRO ESPORTIVO A. **[Site]**. Disponível em: <<http://www.cbte.org.br/>>. Acesso em: 23 maio 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO. **[Site]**. Disponível em: <http://www.cbr-remo.com.br/files/resultados_atleta.asp>. Acesso em: 30 maio 2012.

DACOSTA, L. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?id=hwc1AAAAIBAJ&sjid=cfUJAAAAIBAJ&hl=pt-PT&pg=6974%2C1014152>>. Acesso em: 2013.

A ERA Vargas: dos anos 20 a 1945, primeira guerra mundial. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenariIndependencia/PrimeiraGuerraMundial>>. Acesso em: 2012.

O ESPORTE no Rio Grande do Sul. Revista do Globo, Porto Alegre, n. 190, 5 set. 1936, p. 9. *In*: MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

ECOS da representação brasileira nas Olimpíadas de Berlim. **A Federação**, Porto Alegre, n. 215, p. 5, 22 set. 1936. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=sua%20parenta>>. Acesso em: 23 set. 2012.

ELIMINATÓRIAS para as Olympíadas de Anvers. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 07779, p. 6, 18 jun. 1920. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASQUETEBOL. **[Site]**. Disponível em: <<http://www.basquetegaucho.com.br/noticias/330-encerrada-a-votacao.html>>. Acesso em: 23 maio 2012.

FEDERAÇÃO MARANHENSE DE TIRO ESPORTIVO A. **[Site]**. Disponível em <<http://www.fmte.com.br/>>. Acesso em 04 de agosto de 2012.
FERREIRA, K.S. Os Jogos Olímpicos de 1936 (Berlim) e a busca da perfeição atlética. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007. **Anais...** Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?p=16259>>. Acesso em: 5 out. 2012.

FINA reconheceu recordes mundiais. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 21936, p. 20, 7 out.1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=mauri%20fonseca>. Acesso em: 23 nov. 2012.

FLOTILHA. **[Site]**. Disponível em: <<http://flotilha.blogspot.com.br/2012/11/inca-2000-um-triste-fim.html>>. Acesso em: 2013.

FREITAS, E. **Guerra fria**. 2012. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/guerra-fria.htm>>. Acesso em: 2013.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

FUTEBOL perde do Irã e tem despedida melancólica. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 27, 31 ago. 1972. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?id=D64VAAAAIIBAJ&sjid=sAwEAAAAIIBAJ&hl=pt-PT&pg=6138%2C280466>>. Acesso em: 2013.

FUTEBOL tem partida difícil contra Dinamarca. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 23, 30 ago. 1972. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?id=wJ4VAAAAIIBAJ&sjid=OQwEAAAAIIBAJ&hl=pt-PT&pg=5875%2C3140064>>. Acesso: 2013.

OS GAÚCHOS nas Olimpíadas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 16971, p. 11, 16 jul.1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=merece%20acres%20reparos%20o>. Acesso em: 23 out. 2012.

GÉRON Albino Schuch. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 121, p. 22, 28 ago.1968. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pesq=gerson%20albino%20schuch>. Acesso em: 8 nov. 2012.

GOVERNO anuncia “meta esportiva” e forma comissão. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 20709, p. 29, 28 set.1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=meta%20esportiva>. Acesso em: 26 nov. 2012.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. [Ruder Verein-Freundschaft]. **União em Revista**, Porto Alegre, n. 2, p. 22, 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **[Site]**. Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 04 de julho de 2013.
HOLMES, Judith. Olimpíada – 1936: glória do Reich de Hitler. *In*: HISTÓRIA Ilustrada da 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

JUDÔ E VOLIBOL foram incluídos nos Jogos Olímpicos. **Correio da Manhã**, n. 20933, p. 28, 22 jun.1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%C3%89%20amador%20o%20desportista>. Acesso em: 23 set. 2012.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

LIGEIRO confronto entre Richter, Manoel Corrêa e Olaff Egeu. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12760, p. 11, 19 jun.1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=Fritz%20Richter%20%C3%A9%20o%20remador>. Acesso em: 28 nov. 2012.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

MANOEL da Silva Costa. **SR/OLYMPIC SPORTS**. Disponível em: <<http://www.sports-reference.com/olympics/athletes/ma/manoel-1.html>>. Acesso em: 2013.

MANUEL da Silva Costa. Disponível em: <<http://www.ogol.com.br/jogador.php?id=15148>>. Acesso: 2013.

MARINHO, S. B. **O pulo do gato: 1920-1936**. São Paulo: Editora Mobral, 1980. v. 2: De Jogos olímpicos modernos : esboço de historia.

MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2004. CD-ROM.

MAZO, J. Associações esportivas de Porto Alegre-RS, 1867-1941. *In*: REPPOLD FILHO, A. R.; MAZO, J. Z. (Org.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2 RS, 2005.

MAZO, J.; MADURO, P. A trajetória de um atleta olímpico gaúcho: Willy Seewald, o admirável lançador. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (Org.). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1, p. 231-240.

MAZO, J. **Banco de dados das Associações Esportivas e de Educação Física do Rio Grande do Sul**. Novo Hamburgo: Editora da FEEVALE, 2010.

MAZO, J. Z. *et al.* **Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2012. CD-ROM.

MAZO, J.; FROSI, T.; MADURO, P. **O atleta olímpico brasileiro Willy Seewald: memórias do primeiro recordista nacional do lançamento de dardo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 537-555, jul./set. 2012.

MCINTOSH, P. **O desporto na sociedade**. Lisboa: Prelo Editora, 1967.

MÉDICI recebeu a medalha de Mérito Olímpico. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 28, 11 ago. 1972. Disponível em:
<<http://news.google.com/newspapers?id=Gm0WAAAAIBAJ&sjid=yBIEAAAAIBAJ&hl=pt-PT&pg=7029%2C274126>>. Acesso em: 2013.

MONTENEGRO, A. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA: 30 anos. Porto Alegre, 2005.

NÃO HÁ nas olimpíadas competição a competição de países. **Correio da Manhã**, São Paulo, n. 19375, p. 18, 25 de maio 1956. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=n%C3%A3o%20h%C3%A1%20nas%20olimp%C3%ADadas>. Acesso em: 23 set. 2012.

NÃO PODERÃO competir em Berlim. **Correio da Manhã**, São Paulo, n. 12760, p. 11, 19 jun. 1936. Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso 2013.

NATAÇÃO. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 21941, p. 26, 13 out.1964. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=mauri%20fonseca>. Acesso em: 23 nov. 2012.

NECROLOGIA: Willy Seewald. **A Federação**, Porto Alegre, n. 27, p. 2, 31 jan.1929. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=Frida%20Wittr%20Seewald>>. Acesso em: 4 set. 2012.

NEGREIROS, P. L. O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo, p.293 in: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

A NOSSA delegação ao VI Campeonato Sul-Americano de Pentatlo Moderno.

Jornal do Brasil, São Paulo, n. 10, p. 5, 12 jan.1956. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=breno%20vignoli>. Acesso em: 23 out. 2012.

NOVA MARCA nacional. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 20831, p. 31, 21 fev. 1961. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=mauri%20fonseca>. Acesso em: 21 nov. 2012.

AS OLIMPÍADAS de Anvers. **A Federação**, Porto Alegre, n. 21, p. 2, 24 jan. 1920. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano192&pesq=>>. Acesso em: 2013.

AS OLIMPÍADAS de Anvers. **A Federação**, Porto Alegre, n. 109, p. 5, 12 maio 1920. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=mendes%20de%20almeida>>. Acesso em: 23 set. 2012.

OS OLÍMPICOS. **Revista Veja**, São Paulo, n. 3, p. 49, 25 set.1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

OBTUÁRIO. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 set. 2012. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/buscar-obituario/>>. Acesso em: 2013.

PANOFSKY, E. **Estudos de iconologia**: temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

A PARTIDA dos atletas brasileiros para Los Angeles. **Correio da Manhã**, São Paulo, n. 11516, p. 1, 26 jun. 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano193&pesq=>. Acesso em: 2013.

PASSARINHO aceita qualquer resultado. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 28, 11 ago. 1972. Disponível em:

<<http://news.google.com/newspapers?id=Gm0WAAAAIBAJ&sjid=yBIEAAAAIBAJ&hl=pt-PT&pg=7029%2C274126>>. Acesso em: 2013.

PESAVENTO, S. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIMENTEL, É. S.; MEZZADRI, F. M. O Estado Novo e a concepção de esporte no Decreto Lei 3.199 de 1941. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 34., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

PINSKY, C.B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PÓDIUM. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 23, 2 ago. 1972. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?id=tJsVAAAAIBAJ&sjid=UQwEAAAAIBAJ&hl=pt-PT&pg=6004%2C654814>>. Acesso em: 2013.

POLLAK; M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

O PRIMEIRO a bater um recorde da América do Sul. **O Globo Sportivo**, Rio de Janeiro, n. 665, p. 16-17, 1951. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104710&pesq=willy%20seewald>>. Acesso em: 2013.

QUATRO da natação certos para Tóquio. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 21863, p. 24, 14 jul.1964. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=mauri%20fonseca>. Acesso em: 21 nov. 2012.

OS QUE DETURPAM o amadorismo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 16878, p. 21, 28 mar.1948. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=paulo%20diebold>. Acesso em: 23 out. 2012.

RECHE, L. C. Por onde anda. **Correio do Povo**, Porto Alegre, v. 116, n. 227, 15 maio 2011.

A REGATA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 16885, p. 5, 6 abr.1948.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=paulo%20diebold>. Acesso em: 18 out. 2012.

RELATÓRIO apresentado pelo chefe da delegação brasileira. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 08030, p. 4, 1921. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

REMO o campeonato do remo gaúcho. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 11962, p. 11, 1936. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=nota%20mais%20importante>. Acesso em: 12 set. 2012.

REMO em vez de renovação importação de valores. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 16255, p. 12, 1947. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=paulo%20diebold>. Acesso em: 14 set. 2012.

REPPOLD FILHO, A. R.; MAZO, J. Z. (Org.). **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2 RS, 2005.

OS REPRESENTANTES da CBD. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12772, p. 10, 3 jun. 1936. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=barco%20de%20Richter>. Acesso em: 12 out. 2012.

RUBIO, K. *et al.* **Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos**. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2007.

REVISTA DO GLOBO, Porto Alegre, v. 8, n. 181, p. 22, 25 abr. 1936. *In*: MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2004. CD-ROM.

RICHTER encerrou sua carreira esportiva. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12842, p. 11, 23 set. 1936. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=visitar%20minha%20fam%C3%ADlia>. Acesso em: 25 out. 2012.

RICHTER não abandonou o remo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 12886, p. 11, 13 nov.1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=Quanto%20aos%20boatos>. Acesso em: 26 out. 2012.

RUBIO, K. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, K. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, p. 55-68, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092010000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 maio 2013.

RUBIO, K. Os jogos olímpicos e a transformações das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Revista Electronica de Geografia y Ciencias Sociales**, Buenos Aires, v. 9, n. 194, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-85.htm>>. Acesso em: 25 maio 2012.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SANTIAGO, D. P. **Jogos mundiais universitários de 1963: a construção de representações no associativismo esportivo da cidade de Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SARMENTO, C. E. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. 2006. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1669.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2012.

SCHUCH, G. A. **Gérson Albino Schuch** (depoimento, 2013). Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física – ESEF/UFRGS, 2013.

SEBASTIÃO Wolf. **A Federação**, Porto Alegre, n. 64, p. 4, 17 mar. 1936. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano193&pesq=>>>. Acesso em: 2013.

SELEÇÃO mostrou renovação com os menores de 18 anos. **Jornal do Brasil**, São Paulo, 4 abr. 1972. Disponível em: <http://news.google.com/newspapers?id=_6kVAAAAIIBAJ&sjid=RwwEAAAAIIBAJ&hl=pt-PT&pg=4618%2C1140418>. Acesso em: 2013.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHINKE, W.(Org). **Perfis de Estrela: Rudolfo Maria Rath** (obra póstuma). Lajeado, Ed. Da Univates, 2012.

SIGOLI, M. A.; DE ROSE JÚNIOR, D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-119, 2004.

SILVA, C. da; MAZO, J. Z. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: memórias da

fundação do primeiro clube de remo “brasileiro” em Porto Alegre (1903- 1923). **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 109-129, 2009.

SILVA, C. F. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32722/000788024.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

SILVA, Carolina da; MAZO, Janice. Club de Regatas Vasco da Gama: o jogo das diferenças nas associações de remo. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 1, p. 142-153, 2012.

SIMEÃO, P. A. **Pedro Antônio Simeão** (depoimento, 2013). Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física – ESEF/UFRGS, 2013.

SOUZA, C. E. **A formação do estado capitalista no Brasil e a institucionalização do esporte na aparelhagem estatal**: entre os anos de 1930 e 1990. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.79.pdf>. Acesso em: 2013.

O STADIUM e as festas organizadas. **A Federação**, Porto Alegre, n. 138, p. 1, 16 jun. 1920. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano192&pesq=>>>. Acesso em: 2013.

SPORTS. **A Federação**, Porto Alegre, n. 63, p. 5, 16 mar. 1920. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=pela%20primeira%20vez%20um%20pugilio>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

SPORTS: Foot-ball, Turf, Rowing e outros. **O Paiz**, Rio de Janeiro, n. 12981, p. 9, 25 abr. 1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=o%20brasil%20em%20antu%C3%A9pia>. Acesso em: 23 abr. 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TINOCO quer preparação mais intensa para 1976. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 28, 31 set 1972. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?id=QkxIAAAAIBA&sjid=OQwEAAAIBA&hl=pt-PT&pg=2691%2C5287972>>. Acesso em: 2013.

TIRO DE GUERRA: orçamento. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 08197, p. 2, 12 ago. 1921. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 16 maio 2012.

TIROFLU A. **[Site]**. Disponível em: <<http://www.tiroflu.com/index.htm>>. Acesso em 28 de junho de 2012.

TIRO nacional porto alegrense. **A Federação**, Porto Alegre, n. 49, p. 2, 27 fev. 1906.

Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano190&pesq=>>. Acesso em: 2013.

TIRO nacional porto alegre. **A Federação**, Porto Alegre, n. 257, p. 2, 4 nov.

1907. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano190&pesq=>>. Acesso em: 2013.

TIRO nacional. **A Federação**, Porto Alegre, n. 127, p. 1, 1 jun. 1908. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano190&pesq=>>. Acesso em: 2013.

TODOS CHORAM no vestiário. **Jornal do Brasil**, São Paulo, p. 23, 30 ago. 1972.

Disponível em:

<<http://news.google.com/newspapers?id=wp4VAAAAIBAJ&sjid=OQwEAAAAIBAJ&hl=pt-PT&pg=3640%2C4795832>>. Acesso: 2013.

TODT, N. S. *et al.* Atletas olímpicos gaúchos. *In*: REPPOLD FILHO, A. R.; MAZO, J. Z. (Org.). **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2 RS, 2005.

TODT, N. S.; SILVA, L. H. R. A Representação Social dos Jogos Olímpicos: um olhar a partir de atletas olímpicos brasileiros. *In*: MORAGAS, M.; DACOSTA, L. (Org.). **Universidad y Estudios Olímpicos: Seminarios España-Brasil 2006**.

Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB, 2007.

TUBINO, M. J. G. Esporte, política e jogos olímpicos. *In*: TAMBUCCI, P. L.; MARIZ DE OLIVEIRA, J. G.; COELHO SOBRINHO, J. **Esporte e jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997. p. 19-23.

UNITED STATES Holocaust Memorial Museum. **[Site]**. Disponível em

<<http://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007695>. Acesso em: 20 jan. 2012

VÁRIAS: Tiro 4. **A Federação**, Porto Alegre, n. 210, p. 5, 10 set. 1920. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=medalhas%20comemorativas>>. Acesso em: 15 maio 2012.

VELEIROS DO SUL. **Atas**: de 1956 à 1962. Disponível em:

<<http://www.vds.com.br>>. Acesso em: 2013.

VELEIROS DO SUL. **[Site]**. Disponível em: <<http://www.vds.com.br>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

VOLEIBOL vai a Tóquio sem chance de medalha e disposto a aprender. **Jornal do Brasil**, São Paulo, n. 231, p. 15, 30 set. 1964. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pesq=marco%20antonio%20volpi>. Acesso em: 18 nov. 2012.

VOLIBOL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 20659, p. 39, 31 jul.1960.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=marco%20antonio%20volpi>. Acesso em: 14 nov. 2012.

VOLPI, M. A. **Marco Antônio Volpi** (depoimento, 2013). Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física – ESEF/UFRGS, 2013.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- a) Qual seu nome completo, profissão e data de nascimento?
- b) Em que cidade nasceu?
- c) Em que momento o esporte entrou na sua vida?
- d) Por que o senhor escolheu esta prática esportiva?
- e) Na época, estava vinculado a algum clube no Rio Grande do Sul?
- f) Como era a sua rotina de treinamento?
- g) Havia algum incentivo financeiro (público ou privado) para a dedicação ao esporte?
- h) Quando lhe disseram: “você vai para os Jogos Olímpicos”, qual foi a sua reação? E de sua família? E dos dirigentes do clube?
- i) O Senhor estava com quantos anos nessa época? Estava estudando neste período?
- j) O Brasil, na época, vivia sob uma ditadura militar (1964-1985). Isso, em sua opinião, teve alguma influência na participação da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos? (Apoio, dificuldades, etc.).
- l) Como foi a sua participação (individual ou coletiva) nos Jogos Olímpicos de (país e ano)? Principais dificuldades? Quais eram as suas expectativas? Elas se confirmaram diante da realidade?
- m) E no retorno dos Jogos Olímpicos? Como foi a sua recepção por parte dos familiares? Dos dirigentes do clube?
- n) O Senhor consegue pontuar em que momento o profissionalismo começa a caracterizar a sua prática esportiva?
- o) Qual foi sua trajetória profissional após a participação nos Jogos Olímpicos?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar deste estudo por apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo desta pesquisa é reconstituir a memória da participação dos atletas sul-rio-grandenses nas três edições dos Jogos Olímpicos de Verão da década de 1960.

Ressaltamos que o presente estudo constitui-se como uma dissertação de mestrado, iniciada em agosto de 2011, no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesta Instituição, por sua vez, o estudo em questão é parte integrante um projeto de pesquisa mais amplo, denominado “Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: estudos históricos”, que foi aprovado em primeira instância junto ao Comitê de Ética em Pesquisa desta mesma universidade (Projeto Nº 19261).

Se você concordar em participar deste estudo terá que responder a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pelo pesquisador. No entanto, por entendermos as questões referentes ao processo de reconstituição de uma memória, é importante esclarecermos que estaremos receptivos as novas questões que surgirem a partir daquelas previamente elaboradas. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem participou de uma ou mais edições dos Jogos Olímpicos de Verão, no período acima citado, ou de outro período que possa contribuir com este estudo.

Cabe ressaltar que não existirão quaisquer riscos de exposição a partir da sua entrevista. O pesquisador envolvido nesta pesquisa tratará sua identidade com padrões éticos de sigilo, se assim solicitado, sendo seus dados confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não será liberado sem permissão por escrito, exceto se exigido por lei. Os participantes não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa, a não ser que o entrevistado assim o desejar e/ou o permitir. Neste caminho, registramos que a entrevista armazenada em gravador de voz será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização,

tal documento será devolvido ao entrevistado para a conferência das informações nele contidas e assim, sua liberação definitiva de uso por parte desta. Neste momento, um novo termo de consentimento, que anuncie tal liberação, será assinado.

Você é livre para recusar sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade ou perda de bens, pois todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo pesquisador através do telefone: (51) 96222040, ou o de sua orientadora, telefone: (51) 99579428. Ainda, o entrevistado poderá esclarecer quaisquer dúvidas recorrendo ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, pelo telefone (51) 33163629 ou fax (51) 33164085.

APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADO

Eu, _____, portador do CPF número _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, tendo o tempo necessário para ler as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de avaliação realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. O pesquisador certificou-me também de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais. Fui informado que caso existirem danos à minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito a indenização conforme estabelece a lei.

Sei que sou eximido de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso apresentar novas perguntas sobre este, o mestrando Sergio Roberto de Brito Martini, pesquisador responsável, estará à disposição no telefone (51) 96222040, bem como sua orientadora Prof.^a Janice Zarpellon Mazo, pelo telefone (51) 99579428 atendendo a qualquer solicitação sobre meus direitos como participante deste estudo. Também poderei obter esclarecimentos através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 33163629 ou fax (51) 33164085.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

_____/_____/____/____

Local e Data

Assinatura do entrevistado

Sergio Roberto de Brito Martini

Assinatura do Pesquisador